

VÂNIA CRISTINA TORRES GOMES DE ALMEIDA

**ADOLESCENTES AUTORAS DE ATO INFRACIONAL: DISCURSO,
IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO**

TRÊS LAGOAS - MS

2007

VÂNIA CRISTINA TORRES GOMES DE ALMEIDA

**ADOLESCENTES AUTORAS DE ATO INFRACIONAL: DISCURSO,
IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Letras como exigência parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento

**TRÊS LAGOAS - MS
2007**

A447v Almeida, Vânia Cristina Torres Gomes de.

Adolescentes autoras de ato infracional: discurso, identidade e representação/Vânia Cristina Torres Gomes de Almeida. Três Lagoas, Ms: [s.n.], 2007.

114 f. ; 30 cm.

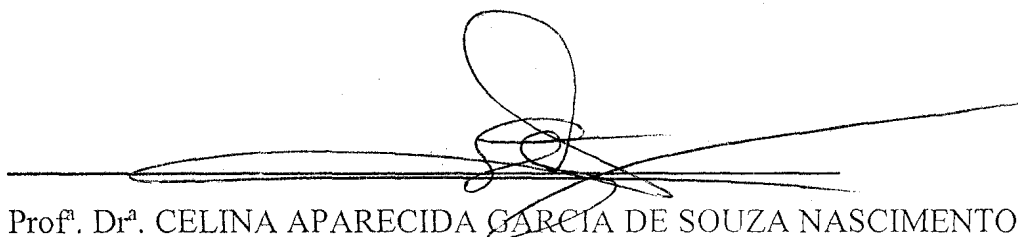
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, 2007.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento.

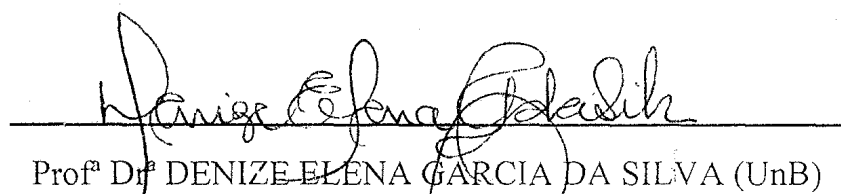
1. Análise do discurso. 2. Adolescentes. 3. Atos infracionais 4. Discurso. 5. Identidade. I. Nascimento, Celina Aparecida Garcia de Souza. II. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus de Três Lagoas. III. Título.

**ADOLESCENTES AUTORAS DE ATO INFRACIONAL: DISCURSO,
IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO**

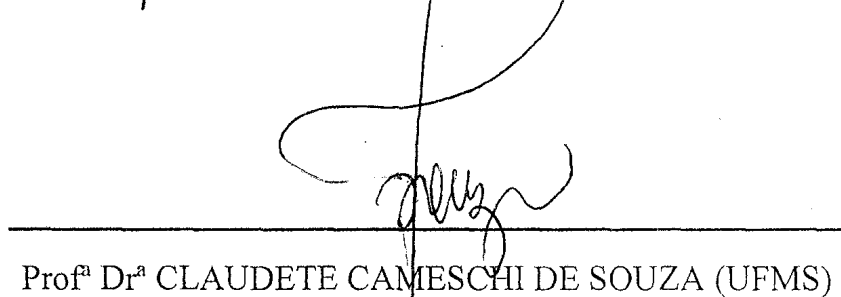
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof^a. Dr^a. CELINA APARECIDA GARCIA DE SOUZA NASCIMENTO



Prof^a Dr^a DENIZE ELENA GARCIA DA SILVA (UnB)



Prof^a Dr^a CLAUDETE CAMESCHI DE SOUZA (UFMS)

Dedico a todas as adolescentes que sofrem diante da vida pela falta de aceitação tanto familiar quanto social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter-me dado inspiração, alegria e também paciência diante dos obstáculos do dia-a-dia.

À minha mãe, Eunice Maria de Azevedo Torres, e ao meu pai, Márcio Antônio Torres (*in memoriam*), pelo apoio, incentivo e pelo investimento humano sempre realizado.

Ao Aldeir, meu marido, por ter-me apoiado no decorrer desta dissertação, incentivando-me em minha formação pessoal e profissional.

Aos meus filhos, Aldeirzinho, Naiara e Camila, pela compreensão da minha ausência, mesmo estando próxima.

Em especial, agradeço à prof^a Dr^a Celina, pela dedicação e pela compreensão, enquanto minha orientadora, e pelas contribuições, que foram fundamentais para o enriquecimento de meus conhecimentos e para a construção desta dissertação.

À prof^a Dr^a Claudete Cameschi de Souza e à prof^a Dr^a Vânia Maria Lescano Guerra, pelas preciosas sugestões no exame de qualificação.

Às minhas amigas Alines, Fabiana, Geiza e Juliane, pelos bons momentos vividos durante este percurso, pelas trocas de idéias e pelas risadas.

Às catorze adolescentes que conheci, esse trabalho só se tornou possível porque me permitiram conhecer um pouco de suas vidas.

Também a todos os professores do Programa de pós-graduação, que colaboraram com seus ensinamentos e pelas orientações de leituras.

“A chamada ‘crise de identidade’, que acarreta angústia, passividade e dificuldade de relacionamento, surge a partir de conflitos de valores e identificações dos adolescentes”.

Daniel Becker (2003, p. 41)

ALMEIDA, Vânia Cristina Torres Gomes de. Adolescentes autoras de ato infracional: discurso, identidade e representação. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007. 114 f (Dissertação de Mestrado).

Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos relativos às identidades construídas no discurso por meio das representações presentes nos enunciados de adolescentes autoras de ato infracional que cumprem medida socioeducativa em duas Unidades Educacionais de Internação (UNEI) femininas, situadas em Campo Grande e Dourados, as quais recebem jovens em conflito com a lei, sob medida de internação. Analisamos, também, como a identidade e o poder são construídos pelas representações discursivas presentes nos enunciados das duas diretoras das unidades mencionadas. Temos como hipótese que as adolescentes constroem suas identidades a partir de conflitos tanto familiares quanto econômicos e sociais. A primeira etapa da pesquisa foi feita por meio de questionários e a segunda compreendeu entrevistas, com o intuito de fazer um paralelo entre as respostas coletadas, a fim de conhecer melhor os envolvidos. Esta investigação situa-se no campo da Análise de Discurso (AD) e dos Estudos Culturais. Os modelos teóricos utilizados da AD foram de Pêcheux (1988, 1997) e de Orlandi (2001); dos Estudos Culturais, foram utilizados, Hall (2000) e Silva (2000). Constatamos que as adolescentes optam pelo caminho do ato infracional em decorrência da desestruturação familiar, somada às necessidades de consumo, como a falta de vestuário, de alimento e de dinheiro para a diversão que as jovens não encontram em suas “casas”. As identidades são construídas na/pela ausência da família e, à medida que os atos infracionais são praticados, como consequência surge o arrependimento que coloca em xeque a própria identidade. As representações das adolescentes revelam-se lingüística e culturalmente marcadas pela exclusão tanto familiar quanto social. Os discursos das diretoras evidenciam, por um lado, a necessidade de representar-se como instituição de poder e, por outro, como “família” (“a família UNEI”) que se preocupa com o bom comportamento das adolescentes na unidade.

Palavras-chave: Análise do discurso; adolescentes; atos infracionais; discurso; identidade.

ALMEIDA, Vânia Cristina Torres Gomes de. Adolescentes autoras de ato infracional: discurso, identidade e representação. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007. 114 f (Dissertação de Mestrado).

This research aims to analyse aspects related to the identities construed by the discourse through the representations presented in the statements of the adolescent, author of the transgressional act who fulfil socio educational measure in the Educational Female Unit of Prison (UNEI) situated in Campo Grande/MS the other is situated Dourados/MS which receive youngs in conflict against the law and that are under judicial guard. The analysis shows how the identity and power are built by the discursive representation presented in the statements of tow female directors speech. The hypothesis is based on how the teens make their identities from the familiar as well as economic and social conflict. The first step of this work was done by questionnaires and the second one by interviews, aiming to do a parallel between the collected answers to understand the people involved. The investigation is based on the Discourse Analysis (DA) and from Cultural Studies. The theoretic models used from the DA were from Pêcheux (1988, 1977) and Orlandi (2001); from Cultural Studies were used Hall (2000) and Silva (2000). The results got from the analysis of the statements revealed that the teens opt by this way of transgressional act because of the familiar, economic and social questions. The discourse of these questions appear as some factors that take them to practice these acts due to the familiar disstructured added to basic necessity of consumptim for example the lack of clothing, food and money to have fun that the young don't find in their "homes". Their identities are built because of family absence and as the transgressional acts have been practicing as consequence appears the regret that xequ mates their own identity. The representations of the teenagers show linguistic and culturally factors are marked by the familiar and social exclusion. The discourse of the female Directors show on the one side, the necessity of represent themselves as Institution of power, and on the other hand, by representing the "family" ("The UNEI family") that worries about the good behaviour of the adolescents in the Unit.

Key words: Discourse analysis; adolescents, transgressional acts; discourse; identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: DO DISCURSO À REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE.....	16
1.1 Discurso, sujeito e formação discursiva (FD)	16
1.2 Identidade e representação	26
1.3 Ideologia	31
1.4 Poder	34
1.5 Gênero discursivo: a entrevista.....	36
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS INSTITUCIONAIS: ECA, SINASE E MINUTA DE REGIMENTO INTERNO DAS UNIDADES EDUCACIONAIS DE INTERNAÇÃO ..	40
2.1 Questões metodológicas.	40
2.2 Questões sobre crianças e adolescentes e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.....	46
2.3 Mais um aliado: Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.....	55
2.4 Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação de Mato Grosso do Sul	56
CAPÍTULO III: REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DAS ADOLESCENTES AUTORAS DE ATO INFRACIONAL E DAS DIRETORAS DAS UNIDADES EDUCACIONAIS DE INTERNAÇÃO (UNEI).....	58
3.1 As adolescentes da UNEI: discurso e representação	58
3.1.1 Opinião das adolescentes sobre seus pais	58
3.1.2 Admiração por alguém de modo especial	62
3.1.3 Opinião quanto ao uso e a venda de drogas	66
3.1.4 Como avaliam suas vidas.....	71
3.1.5 Opinião sobre a justiça.....	74

3.1.6 Opinião em relação à sociedade.....	78
3.1.7 Opinião sobre a cidadania	82
3.1.8 Como desejam ser no futuro	85
3.1.9 Como se vêem.....	88
3.1.10 Acontecimentos que marcaram suas vidas	92
3.2 A direção da UNEI: discurso e representação	94
3.2.1 O que as adolescentes não gostam de fazer na UNEI.....	95
3.2.2 Educação e reintegração na sociedade	98
3.2.3 Propostas da unidade.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	110

ANEXOS

ANEXO A: Questionário 1 – Adolescentes

ANEXO B: Questionário 2 – Diretoras

ANEXO C: Roteiro das entrevistas com as adolescentes

ANEXO D: Roteiro das entrevistas com as diretoras

ANEXO E: Normas de transcrição dos dados orais

ANEXO F: Documentos de língua oral

ANEXO G: Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação

INTRODUÇÃO

Ao analisar a violência no Brasil, exposta diariamente nos meios de comunicação, verificamos que tanto crianças como adolescentes estão envolvidos em atos infracionais, especialmente, nos grandes centros urbanos, onde a pobreza é maior, o que gera maiores índices de violência e revolta, já que a desigualdade social fica bem mais evidente, trazendo como conseqüências tanto os conflitos sociais quanto os econômicos. Acompanhamos diariamente, pelos noticiários, histórias de adolescentes praticando seqüestros juntamente com “maiores de idade”, portando armas de fogo para assaltos, vigiando os morros das favelas munidos de armas para os traficantes; enfim, há um número considerável de adolescentes que praticam atos infracionais das mais variadas formas.

Logo, a questão das crianças e dos adolescentes que praticam tais atos, no Brasil, é um tema muito presente no dia-a-dia das pessoas e na mídia. Em face do aumento desses atos no contexto da sociedade brasileira, esses jovens tornam-se objeto de discriminação e indivíduos estigmatizados pela sociedade.

Tomamos conhecimento de publicações sobre crianças e adolescentes autores de ato infracional nas áreas de Ciências Sociais e Sociologia, tais como: *O adolescente e o ato infracional*, de Mário Volpi, filósofo, mestre em Políticas Sociais e coordenador do programa Cidadania dos Adolescentes do UNICEF no Brasil. O livro apresenta reflexões e dados que orientam a aplicação das medidas socioeducativas aos adolescentes em conflito com a lei, a partir de uma pesquisa sobre esses adolescentes. Na área da Antropologia Social, *Identidade & Desvio Social*, de Luiz Ricardo Michaelson Centurião, mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, discute instituições sociais que abrangem penitenciárias, grupos familiares, bem como estudos psicanalíticos que tratam da “raça”, da cultura e de outros processos que afetam o indivíduo e sua personalidade coletiva, no que se refere ao comportamento desviante.

Na área dos estudos lingüísticos, encontramos várias pesquisas de mestrado, entre as quais *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo*: o discurso sobre a

infância nas ruas, de Viviane de Melo Rezende, sob a orientação da prof^a Dr^a Denize Elena Garcia da Silva, da Universidade de Brasília. A pesquisa desenvolve-se a partir da perspectiva dos significados acional, representacional e identificacional analisados em folhetos da literatura de cordel sobre a infância nas ruas do país. A autora constata a internalização de discursos como suportes da globalização neoliberal no cordel, que evidencia como a circulação dessas representações na sociedade em diversos textos e instituições é parte fundamental da hegemonia. Outro trabalho significativo é *Narrativas das adolescentes em conflito com a lei*, de Adriana Carvalho Lopes, sob a orientação da prof^a Dr^a Maria Izabel Magalhães, da Universidade de Brasília, que analisa a identidade e a realidade social por meio das narrativas de adolescentes infratoras, sob medida socioeducativa de internação no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE). Lopes (2006) conclui que as adolescentes escolhem o caminho infracional por questões econômicas e culturais. A falta de estrutura familiar e os maus-tratos não aparecem como a única causa para as transgressões, elas também têm necessidades de consumo e banalizam a violência, o que contribui para o ato infracional. As unidades ou categorias a que chegou a pesquisadora são muito próximas das que se apresentam neste trabalho, porém as duas investigações se distanciam em pelo menos dois aspectos: o lugar de pesquisa e o suporte teórico adotado.

Desde 1990, no Brasil, com a criação e promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Federal sob o nº 8.069/90 de 13 de julho 1990, não se usa mais o termo “delito” ou “crime” quando praticado por criança ou adolescente. Esses termos passaram a ser referidos como “atos infracionais”, justamente para romper com as expressões estigmatizantes como “menor infrator(a)”, “crime” e “delinquência juvenil”, conforme se pode observar no artigo 103 do ECA: “Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”.

A diferença não está apenas na substituição dos nomes e nas sanções jurídicas que são aplicadas, mas, uma vez verificado o ato infracional, o (a) adolescente passa por algum tipo de medida socioeducativa que possui um caráter sócio-pedagógico, incluindo, no caso da internação, a ressocialização e a reintegração tanto social quanto familiar.

Desse modo, a questão da criança e do adolescente privados de sua liberdade é uma séria realidade social que nos preocupa e nos instiga, uma vez que já tivemos

experiência, enquanto professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, durante dois anos e meio, na Unidade Educacional de Internação (UNEI) masculina, situada na cidade de Três Lagoas no estado do Mato Grosso do Sul.

Com a convivência com esses jovens, sentimos a necessidade de compreender melhor os problemas por eles vividos e assim contribuir, por meio da Análise de Discurso (doravante AD) e dos Estudos Culturais, para a discussão da história e aspectos sociais desse grupo institucionalizado, já que a linguagem é inseparável dos acontecimentos históricos e da vida social, conforme Orlandi (2003b, p. 11): “a AD aparece como uma forma de conhecimento *cisionista* [...] como proposta crítica que procura justamente problematizar as formas de reflexão estabelecidas”.

O contato com esses jovens instigou-nos a buscar construir nosso objeto de pesquisa, porém com sujeitos femininos¹. O que nos fez refletir sobre o “mundo” desses adolescentes, suas vontades, seus pensamentos, suas experiências de vida, suas angústias, pois representam uma realidade social em que muitas vezes seus valores, conceitos e também seus limites são contraditórios.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos relativos às identidades construídas no discurso por meio das representações presentes em enunciados de adolescentes autoras de ato infracional, que cumprem medida socioeducativa em duas Unidades Educacionais de Internação (UNEI) femininas, as quais recebem jovens em conflito com a lei sob medida de internação. Também buscamos analisar como a identidade e o poder são construídos pelas representações discursivas presentes nos enunciados das duas diretoras das instituições mencionadas.

Pesquisar as UNEI femininas do Mato Grosso do Sul permitiu-nos conhecer “o outro lado da questão”, isto é, as meninas autoras de atos infracionais, ou seja, em conflito com a lei, já que essas adolescentes também fazem parte de uma estatística de abandono, sofrimento e exploração de variados tipos, pois vivemos em uma sociedade marcada histórica e culturalmente pelo machismo.

¹ Os “estudos da mulher”, conforme Rago (1998, p. 27), não devem ser pensados “como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes”. É nesse sentido que vemos os sujeitos femininos desta pesquisa como sujeitos sociais, investigando suas subjetividades e formas de representação na busca de uma identidade.

Temos visto que, apesar de estarmos em pleno século XXI e com a instituição do ECA - que, entre outros benefícios, concede às crianças e aos adolescentes direitos e garantias fundamentais para essa fase da vida -, estes ainda sofrem por exclusão social, falta de dignidade, falta de respeito e omissões.

Temos como hipótese que essas adolescentes constroem suas identidades a partir de conflitos tanto familiares quanto sociais e econômicos, e, por mais que permaneçam nas UNEI, não saem preparadas para viver na sociedade de forma digna e exercer a cidadania.

Vale ressaltar que esta pesquisa tem por base o arcabouço teórico-metodológico da AD, em que não há categorias lingüísticas pré-determinadas, pois procuramos não classificar os discursos ou sujeitos, mas interpretá-los na dispersão, na descontinuidade da história. Conforme Orlandi (2004, p. 14), na perspectiva da AD, “qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade”.

Destacamos que as pesquisas que abrangem sujeito e discurso são articuladas a partir de um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural; refletir sobre identidade e exclusão social no mundo globalizado em que vivemos tem sido uma prática cada vez mais comum hoje. Por isso, escolhemos como lugar de pesquisa a Unidade Educacional de Internação de Campo Grande/MS e de Dourados/MS e, como sujeitos de pesquisa, as adolescentes autoras de ato infracional que se encontram privadas de sua liberdade, isto é, cumprindo medida socioeducativa de internação. É fundamental refletir que essa realidade não se combate com violência e exclusão, mas com educação, saúde, cultura, lazer, inclusão sócio-familiar, oportunidade de trabalho e renda familiar.

Os pressupostos teóricos que fundamentam nossa análise são: Pêcheux (1988, 1997); Orlandi (1992, 2001, 2003a, 2003b) e Foucault (2005a, 2006). Quanto aos Estudos Culturais, Hall (2000, 2005); Woodward (2000) e Silva (2000). Utilizamos o conceito de discurso de Pêcheux (1997), que afirma ser o *efeito de sentidos* entre locutores, já que a palavra adquire sentido no discurso dentro de determinadas condições de produção.

Os Estudos Culturais foram fundamentais para nosso estudo, pois se voltam para questões históricas da subjetividade: as formas subjetivas correspondem ao terreno subjetivo

de significação das relações sociais, que privilegia a constituição discursiva, tanto das situações quanto de sujeitos, destacando as identidades individuais e as coletivas, direcionadas às relações de poder, que “podem ocorrer na intersecção das relações de classe, gênero, raça e idade” (JHONSON, 2004, p. 50).

Utilizamos o conceito de poder de Foucault (2005a, 2006), para quem o poder não está num lugar privilegiado, mas se espalha por todo o corpo social, num movimento de relações de poder, de micropoderes; o poder não é apenas dizer “não”, castigar, reprimir; ele é mais que isso, ele é transformador, já que possui uma estratégia que visa a aprimorar e tornar dócil o corpo humano.

O filósofo evidencia a disciplina como uma modalidade para exercer o poder, já que é um tipo de poder “que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia” (FOUCAULT, 2006, p. 177). Retornaremos à questão do poder no capítulo III, especificamente, na análise das falas das diretoras das UNEI.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro aborda a teoria utilizada nesta dissertação, os conceitos utilizados, como o de sujeito, de discurso, de identidade, bem como o de representação, que trata do modo como o sujeito se representa pelo viés da forma-sujeito numa determinada formação discursiva e, também, sobre o modo de representação pelo qual a identidade e a diferença adquirem sentido nos sistemas de poder. O segundo capítulo trata da metodologia, das condições de produção, apresenta questões sobre crianças e adolescentes e, ainda, leis e documentos utilizados nesta pesquisa, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, cuja relevância está em uma mudança de paradigma, pois dá às crianças e aos adolescentes garantia de direitos, de modo que devem ser incluídos e tratados como cidadãos, sujeitos de direitos e não como “menores” ou “menores infratores”, bem como aspectos do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo e da Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação de Mato Grosso do Sul. Já o terceiro capítulo analisa os discursos das adolescentes das UNEI e das duas diretoras dessa instituição.

Esperamos que esta pesquisa venha contribuir para reflexões e discussões em diferentes instâncias responsáveis por políticas públicas e interessadas na solução da grave, complexa e urgente questão social aqui estudada.

CAPÍTULO I

DO DISCURSO À REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE

Diferentes teorias têm sido desenvolvidas, ao longo da história dos estudos lingüísticos, acerca da linguagem. Esta pesquisa situa-se na perspectiva da Análise de Discurso de orientação francesa, que tem como princípio a relação da linguagem com a exterioridade, isto é, com as condições de produção do discurso, levando em conta tanto o falante e o ouvinte, quanto o contexto histórico, social e ideológico em que a interação se dá. Essas condições são representadas pelas formações imaginárias, por meio das quais o falante tem uma imagem de si e de seu ouvinte, e o ouvinte em relação ao falante.

As pesquisas que se referem ao discurso surgem de duas correntes de estudos lingüísticos, uma americana e a outra européia. A americana é baseada no método distribucional do estruturalista americano Zellig Harris, que, nos anos 50, propunha que a linguagem fosse “amarrada” aos dados. Ele desconsiderava o sentido, pois julgava que a análise da língua não precisava de informação antecipada e, sim, de conjuntos de enunciados emitidos pelos falantes num determinado momento.

Constituíam-se um *corpus* com a preocupação de encontrar seu modo de organização e suas regularidades, que seriam encontradas somente por meio da análise da distribuição das unidades em contextos lingüísticos determinados (ORLANDI, 2003a). Já a européia, na qual esta pesquisa se insere, o estudo da significação é fundamental, pois os enunciados funcionam na articulação das formações discursivas com as formações ideológicas, evidenciando o funcionamento dos textos produzidos por sujeitos ideológicos, históricos e sociais em determinadas condições de produção, visando à relação da linguagem com sua exterioridade.

1.1 Discurso, sujeito e formação discursiva (FD)

Da perspectiva da Análise do Discurso (AD), no que se refere aos estudos lingüísticos, a questão do sujeito e do sentido é fundamental, pois as palavras adquirem

sentido na formação discursiva (FD) em que o sentido é constituído historicamente, produzindo efeitos de sentidos entre os locutores que estão posicionados em perspectivas distintas; daí os sujeitos ideológicos.

Essas perspectivas vão ao encontro do real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica, conforme afirma Pêcheux (2002, p.43): “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. Orlandi (2005a, p. 60) complementa, ao afirmar que a AD “propõe que se inaugure novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas etc.), construindo-se outras ‘escutas’ que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação (discursiva) com esse saber que não se aprende”. Essas práticas de leitura consideram a relação daquilo que é dito em um discurso e aquilo que é dito em outro, aquilo que é dito de um modo e dito de outro modo, para, assim, “ouvir” a presença do que não foi dito naquilo que é dito (ORLANDI, 2005a).

O objeto da AD não é a língua, mas o discurso; sua unidade de análise é o texto, porém o texto referido à discursividade, como uma unidade de análise em funcionamento. Para Orlandi (2005a, p. 23), a AD tem como objetivo “descrever o funcionamento do texto”; mostrar como um texto gera sentido, destacando que a unidade do texto se firma tanto pela historicidade quanto pela unidade de sentido em relação à situação.

Conforme Orlandi, o texto não é marcado por sua extensão; ele pode ter várias frases, páginas, enunciados ou até mesmo uma letra só; o que importa é o sentido que ele produz, “o fato de, ao ser referido à discursividade, constituir uma unidade em relação à situação” (ORLANDI, 2001, p. 69). Para a autora, a definição de texto não se altera só pelo fato de ele ser escrito ou oral, pois a materialidade do texto é fundamental e, por isso, significa, mas de modo específico.

O que interessa para a AD é como o texto constrói a conexão da língua com a história “no trabalho significante do sujeito em relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: lingüístico-histórica” (ORLANDI, 2001, p.69). Todo texto é heterogêneo, quer em relação aos materiais simbólicos, como imagem, som, grafia, quer quanto à natureza da linguagem, que pode ser oral, escrita, científica, narrativa, descritiva, literária, entre outras, quer ainda quanto às posições do sujeito, pois ele se subjetiva de modos diferentes no decorrer do texto. Tudo isso depende das formações discursivas, já que não encontramos

apenas uma formação discursiva em um texto, mas várias, que estão organizadas em função de uma que é dominante (ORLANDI, 2001).

A AD pressupõe a lingüística, porém não fica só nela, já que sua metodologia não é pertinente para tratar seu objeto: o discurso. Assim, determinou-se a necessidade de conceber um quadro teórico-metodológico que considerasse a materialidade discursiva como objeto. Esse quadro inscreve-se na articulação de três regiões do conhecimento científico, conforme proposto por Pêcheux e Fuchs (1997, p. 163): a) materialismo histórico: teoria das formações sociais, bem como de suas transformações, incluindo aí a teoria das ideologias; b) lingüística: teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e, c) teoria do discurso: teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Essas três regiões são atravessadas e articuladas pela teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Já que a sociedade produz a linguagem, então o estudo da linguagem não pode ser separado da sociedade; por isso, na linguagem são levados em conta os processos históricos-sociais. Nessa perspectiva, a AD é uma região privilegiada, pois, conforme Orlandi (2003b, p. 26), “o discurso pode ser visto justamente como a instanciación do modo de se produzir linguagem, isto é, no processo discursivo se explicita o modo de existência da linguagem que é social”.

Pêcheux (1997) afirma que o discurso não pode ser visto como uma mera transmissão de informação, mas como *efeito de sentidos entre locutores*, em que os locutores fazem parte do funcionamento na estrutura de uma formação social, e os lugares são determinados dentro de tal estrutura. Esses lugares são representados nos processos discursivos, nos quais funcionam as formações imaginárias que designam os lugares que os locutores se atribuem e atribuem ao outro, num mecanismo que marca as relações entre as situações e as posições, que são as representações de tais situações.

Todo sujeito coloca-se no lugar de seu interlocutor (aquele que ouve suas palavras); é, pois o mecanismo de antecipação. Com esse mecanismo, o sujeito antecipa seu interlocutor em relação ao sentido produzido por suas palavras, o que faz o sujeito regular a argumentação “de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 2001, p. 39).

Para Pêcheux (1997, p. 77), todo discurso está situado “no interior da relação de forças entre os elementos antagonistas”. Essa relação é o lugar que o sujeito ocupa; é a posição que ele representa em relação ao seu dizer. Nesse sentido, o sujeito fala a partir de um lugar e suas palavras significam diferentemente conforme o lugar que ocupa. Para Orlandi (2001, p. 38-39), a nossa sociedade “é constituída por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’”.

As formações imaginárias funcionam a partir desses mecanismos de funcionamento discursivo, “a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Assim, as imagens constituem, na relação discursiva, as diferentes posições de sujeito. Para Orlandi (2001, p. 40), no discurso funcionam imagens resultantes de projeções que:

permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição [...]. O que significa no discurso são essas posições. E significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito).

Pêcheux (1997, p. 82) formulou seu primeiro conceito de sujeito como “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Assim, continua Pêcheux, o sujeito “se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado* [...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias”. Esse sujeito formulado por Pêcheux é um sujeito social, transformado, e não um sujeito individual.

Depois, Pêcheux, juntamente com Catherine Fuchs, formula um conceito de sujeito que ganha em sua constituição uma base significativa, essencial, que já mencionamos: “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 164). A partir desse momento, o sujeito da AD, além de ser social, é também dotado de inconsciente, o que nos é mostrado por meio do esquecimento nº 1, “cuja zona é inacessível ao sujeito [...] é de natureza inconsciente”, e do esquecimento nº 2, que “é a dos *processos de enunciação*, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente” (ibid., p. 177).

Vale dizer que há possibilidade de articular o conceito de sujeito a partir tanto do esquecimento nº 1 quanto do esquecimento nº 2, respectivamente, com os conceitos de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada propostas por Authier-Revuz, que concebe a heterogeneidade constitutiva da seguinte maneira:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso Outro’. O *outro* não é um objeto (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

Nesse sentido, o enunciado do sujeito é perpassado por outros dizeres que nem o próprio sujeito sabe identificar quem é (são) esse(s) outro(s) de seu dizer, pois o sujeito não tem controle do que está dizendo; ele pensa que aquilo que diz é seu, mas está sendo perpassado por outros dizeres. Importa ressaltar que Authier-Revuz desenvolve tais conceitos a partir do dialogismo de Bakhtin.

Do mesmo modo, o esquecimento nº 2, de Pêcheux é articulado com a heterogeneidade mostrada. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 12), é “No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, *o outro*”. E continua: “o outro se encontra aí, designado como *objeto* do discurso por meio de um mecanismo enunciativo” (ibid., p. 69).

Esse “outro” é marcado explicitamente no discurso do sujeito, isto é, está marcado por meio das diferentes vozes que aparecem no texto, na materialidade lingüística: o sujeito traz para o seu dizer alguns outros, conforme interesses, por meio de citações, das aspas, dos itálicos, do comentário, da ironia, da imitação, entre outras formas de representar o outro no discurso. No caso da ironia e da imitação, o outro não está explícito, mas é recuperado pela interpretação “*a partir de índices recuperáveis no discurso em função de seu exterior*”².

Pêcheux acrescenta ao conceito de sujeito a questão da ideologia e articula em sua teoria o inconsciente e a ideologia. Denomina essa teoria de “uma teoria não-subjetivista

² Ibid., p. 18 (grifo do autor).

da subjetividade”, em que ele mostra os processos “de ‘imposição/dissimulação’ que constituem o sujeito, ‘situando-o (significando para ele *o que ele é*) e, ao mesmo tempo, dissimulando para ele essa ‘situação’ (esse assujeitamento) pela ilusão de autonomia constitutiva do sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p. 133).

Estabelece-se na AD a tese de Althusser, segundo a qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Conforme Orlandi (2001, p. 46): “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”.

A partir dessa tese de Althusser, Pêcheux (1988, p. 133) funda a teoria materialista do discurso, em que “*o recalque do inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que poderia designar *como processos do Significante na interpelação e na identificação*” (grifo do autor). Dessa interpelação do indivíduo em sujeito tem-se, como efeito, a forma-sujeito, isto é, a existência histórica do sujeito, o indivíduo social.

Já que o discurso é marcado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, Pêcheux (1988, p. 152-3) mostra que suas estruturas e funcionamentos são caracterizados por “dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências* ‘subjetivas’”. Por isso a necessidade de uma teoria materialista do discurso para trabalhar, conforme Orlandi (2001, p. 46), “esse efeito de evidência dos sujeitos e também dos sentidos”.

O sujeito representa-se no discurso por meio da forma-sujeito de uma determinada formação discursiva, “que corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente” (INDURSKY, 2000a, p. 71); a formação discursiva é onde o sentido se constitui e determina “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

O autor continua: “os indivíduos são ‘interpelados em sujeitos-falantes (em sujeito de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes”, em que há uma intrincação das formações discursivas (FD) nas formações ideológicas (FI), por meio da interpelação. Tal interpelação decorre da identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina:

onde ele se constitui como sujeito, essa interpelação firma-se no interdiscurso como sendo “‘algo fala’ [...] sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (cf. PÊCHEUX, 1988, p. 161-2).

De acordo com Orlandi, as condições de produção compreendem de modo fundamental os sujeitos, a situação e a memória. O modo como a memória valida as condições de produção é fundamental, pois, pensada em relação ao discurso, é conhecida como interdiscurso, definido como o que fala antes, noutro lugar. É a memória discursiva, o saber discursivo que disponibiliza os dizeres e que volta como pré-construído no terreno do dizível para assegurar o dizer: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31).

Ao considerarmos a constituição do sujeito, ressaltamos que, nessa abordagem, ele é marcado de forma espacial e temporal; é a concepção de um sujeito histórico, pois, ao falar, ele fala de um determinado lugar e tempo. Essa concepção articula-se com a noção de sujeito ideológico, pois sua fala é a representação de um tempo histórico e de um determinado espaço social; por isso o sujeito molda o seu discurso em relação aos discursos do outro.

O sujeito planeja e ajusta sua fala (intradiscurso) e também articula outros discursos já constituídos historicamente que surgem em sua fala (interdiscurso). “Nesse sentido, questiona-se aquela concepção do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte do sentido [...], porque na sua fala outras vozes também falam” (BRANDÃO, 2002, p. 49).

Nessa perspectiva, Orlandi (2001) afirma que a formulação (intradiscurso) determina a relação que se estabelece com o interdiscurso, com o saber discursivo que se constitui ao longo da história e produz dizeres. A memória torna possível esses dizeres para os sujeitos num determinado momento e representa “o eixo de sua constituição (interdiscurso)”:

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 2001, p. 33).

O interdiscurso e a historicidade (do discurso) determinam o que é relevante para a discursividade em determinadas condições de produção. De acordo com Courtine (1999), não há sujeito no interdiscurso, a não ser para designar um lugar sem nome; o que funciona são as posições de sujeito que regulam a enunciação. Nesse sentido, afirma que:

o interdiscurso, sabe-se, fornece, sob a forma de citação, recitação ou preconstituído, os objetos do discurso em que a enunciação se sustenta *ao mesmo tempo* que organiza a identificação enunciativa (através do regramento das marcas pessoais, dos tempos, dos aspectos, das modalidades...) constitutiva da produção da formulação por um sujeito enunciador. E que acaba, assim, por desaparecer aos olhos de quem enuncia, garantindo, na aparição de um “eu”, “aqui” e “agora”, a eficácia do assujeitamento (COURTINE, 1999, p. 20).

Pêcheux (1988, p. 167) sublinha que o interdiscurso, enquanto pré-construído, proporciona a “matéria-prima na qual o sujeito constitui-se como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita. Pode-se dizer que o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo”. Os autores (ORLANDI, 2001; COURTINE, 1999; PÊCHEUX, 1988) evidenciam a importância do interdiscurso enquanto pré-construído, pois fornece dizeres no intradiscurso para o sujeito.

Sendo a questão do sujeito fundamental, na concepção de Pêcheux, o sujeito não é só social, mas também histórico, ideológico e dotado de inconsciente; um sujeito interpelado, uma vez que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, 1988, p. 163).

Nessa perspectiva, o sujeito é interpelado e se identifica com a forma-sujeito por meio da formação discursiva, que é do domínio do saber, um saber em que a forma-sujeito tanto pode identificar-se, como contra-identificar-se, ou desidentificar-se, constituindo, assim, a dispersão do sujeito.

Sobre a forma-sujeito, Pêcheux (1988, p. 167) afirma que funciona pela identificação com a formação discursiva. Segundo Indursky (1997, p. 215), “o que pode ou não pode ser dito, e o que deve ou não deve ser dito no interior desse domínio de saber regula a relação interioridade/exterioridade [...]”. Pêcheux (1988, p. 213) propõe uma

reconstrução a seu ver indispensável a respeito do discurso na forma-sujeito, já que não há prática sem sujeito, particularmente, prática discursiva, e toda prática discursiva está “inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das *formações discursivas* que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (grifo do autor).

A prática discursiva³ coloca em jogo o efeito do todo complexo das formações discursivas na forma-sujeito, já que, conforme o autor, “todo sujeito é constitutivamente *colocado como* autor de e responsável por seus atos (por suas ‘condutas’ e por suas ‘palavras’) em cada prática em que se inscreve” (PÊCHEUX, 1988, p. 214) (grifo do autor). Visto agora como “sujeito-responsável”, acrescenta o pensador, a interpelação necessita de um *desdobramento*, constitutivo do sujeito discursivo. Esse desdobramento é proposto por meio do sujeito da enunciação, que toma posição tendo em vista o conhecimento de causa, a responsabilidade, a liberdade, e do sujeito universal, sujeito da ciência.

Esse desdobramento assume, no discurso, diferentes modalidades de tomadas de posição enquanto sujeito que permite situar-se de diferentes formas no decorrer de sua história.

A primeira modalidade Pêcheux remete à superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, que mostra uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da formação discursiva. Assim, o sujeito, ao ser interpelado, reconhece-se pela forma-sujeito, identificando-se plenamente com os saberes localizados na forma-sujeito “sob a forma de ‘livremente consentido’: essa superposição caracteriza o discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p. 215) (grifo do autor). Ou seja: a identificação manifesta-se no interior da forma-sujeito, que é atravessada pelo interdiscurso, que determina a identificação do sujeito com a FD.

³ Para Indursky (1997, p. 20), o discurso, na perspectiva da AD, não reflete a ideologia como algo que lhe é exterior, mas mostra a ideologia enquanto efeito de sentido, porque ela constitui a prática discursiva. Assim, o discurso, por um lado, “enquanto prática discursiva, trabalha para que o efeito de sentido discursivamente construído produza a ilusão de sentido único; por outro lado, a AD trabalha sobre a materialidade discursiva, procurando desconstruí-la para determinar os funcionamentos discursivos que promovem a instauração dessa ilusão, da mesma forma que procura analisar os processos de significação dos quais participa o efeito de sentido construído pelo discurso como sentido único” (Ibid., p. 21). A autora afirma que, no âmbito da AD, não é fácil distinguir “os limites entre a língua e a prática discursiva ideologicamente constituída”; a concepção de discurso como prática discursiva, com todas as implicações teóricas, especifica “a primeira região de conhecimento no interior da qual a AD encontra o seu lugar de inscrição” (Ibid., p. 21).

Já na segunda modalidade, o que ocorre é, ao contrário da primeira, o discurso do “mau sujeito”, já que o sujeito da enunciação vai contra o sujeito universal, isto é, a forma-sujeito, por meio de “uma ‘tomada de posição’”, produz uma “*separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao* que o ‘sujeito universal’ lhe ‘dá a pensar’” (PÊCHEUX, 1988, p. 215). Essa separação leva o sujeito do discurso a rejeitar, a se contra-identificar com o saber da FD que lhe é estabelecido pelo interdiscurso, o que ocorre no interior da forma-sujeito.

A terceira modalidade processa-se por meio da desidentificação, ou seja, é uma tomada de posição não-subjetiva: “constitui um trabalho (transformação-deslocamento) da *forma-sujeito* e não sua pura e simples *anulação*” (PÊCHEUX, 1988, p. 217). A interpelação ideológica continua, porém, contra si própria; o sujeito desidentificado com a FD continua afetado pelo inconsciente e determinado pela ideologia. Conforme Grigoletto (2005, p. 65), na desidentificação ocorre um:

[...] deslocamento de uma *forma-sujeito* para outra, isto é, ele se desidentifica com determinados saberes, mas imediatamente identifica-se com outros, inscrevendo-se numa nova *forma-sujeito*, e conseqüentemente, numa nova FD, o que não supõe o ‘apagamento’ total dos saberes com os quais ele está se desidentificando.

Nesse sentido, tudo o que faz parte do passado ressoa na nova forma-sujeito na qual o sujeito se inscreveu e essa nova forma-sujeito está também “determinada social, histórica e ideologicamente”. Se não fosse desse modo, os conceitos, tanto de memória discursiva quanto de historicidade, não continuariam a produzir seus efeitos dentro da teoria discursiva (GRIGOLETO, 2005, p. 65).

Diante dessas três modalidades de tomadas de posição do sujeito como desdobramento entre o sujeito enunciador e o sujeito universal, ocorre que a forma-sujeito do discurso não é homogênea, pois o desdobramento pode ser representado por essas diferentes modalidades, conforme veremos no capítulo III. Vale ressaltar que a primeira modalidade mostra-se pelo viés da reprodução dos saberes que dominam a forma-sujeito pela “incorporação-dissimulação” dos saberes que acompanham o interdiscurso. Assim, o sujeito do discurso faz aparecer, naquilo que diz, o efeito, tanto de unidade, em seu imaginário, quanto de evidência, já que é interpelado.

Há, como já apontamos, divergências, discordâncias, na segunda modalidade e, na terceira, o rompimento da forma-sujeito dominante com o saber da FD, entretanto o sujeito rompe, (des)identifica-se para identificar-se com outra FD e, conseqüentemente, uma nova forma-sujeito. De acordo com Indursky (2000a, p. 74), “[...] se há um complexo de formações discursivas ligadas entre si, há igualmente um complexo de formas-sujeito também ligadas entre si e a desidentificação conduz à identificação com alguma destas outras formas-sujeito, que podemos entender como secundárias”.

Vale ressaltar que, se a formação discursiva é heterogênea a ela mesma, então a forma-sujeito também é heterogênea a si mesma, significando que “a forma-sujeito abriga a diferença e a ambigüidade em seu interior” (INDURSKY, 2000a, p. 75).

1.2 Identidade e representação

Os conceitos de subjetividade e de identidade são fundamentais em nosso estudo, pois evidenciam como o sujeito adolescente representa-se, como suas identidades são transformadas constantemente. Esses conceitos são alicerçados a partir dos Estudos Culturais, que colocam em foco questões em torno da subjetividade, das identidades e suas formas de representação, bem como questões sobre pós-modernidade e globalização, a fim de evidenciar o modo subjetivo das relações sócio-culturais implicados nas relações de poder.

Em relação à questão da identidade, que se insere na perspectiva dos Estudos Culturais, Hall (2005) informa-nos que essa questão está sendo bastante discutida na teoria social, já que as antigas identidades, aquelas estabilizadas, agora estão em baixa, pois novas identidades estão surgindo, “fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2005, p. 7). Essa desestabilidade está relacionada com a pós-modernidade ou a modernidade tardia.

Segundo Hall (2005), Woodward (2000) e Rajagopalan (2003), o processo de globalização do final do século XX faz parte da vida contemporânea, causando impacto sobre as identidades, transformando-as, mudando-as, uma vez que “A globalização envolve

uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2000, p. 20).

A globalização, que envolve transformação e o capitalismo, faz mudar a cultura e o estilo de vida das pessoas, já que oferece consumo, novidades e concorrências, tanto políticas quanto econômicas, pois atravessa fronteiras, fazendo que o mundo se torne “mais interconectado” (HALL, 2005, p. 67). Como consequência, novas identidades surgem e outras reafirmam-se como forma de resistência às novas mudanças.

As identidades estão permanentemente em transformação, sendo construídas e reconstruídas; elas estão, pois, “sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo”. As identidades, continua o autor, são definidas de forma estrutural, sendo impossível falar nelas fora dessas estruturas que predominam num certo momento (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71).

É fundamental, em nosso trabalho, abordar questões sobre identidade, diferença e representação, já que é por meio da representação, entendida como sistema de significação, como um sistema lingüístico, também cultural e ligado a relações de poder, que, “a identidade e a diferença passam a existir” (SILVA, 2000, p. 91).

Segundo Indursky e Campos (2000b, p.11), “É pelo e no discurso, como instância de articulação entre o nível lingüístico e sua exterioridade, que se opera a construção/desconstrução de identidades que se constituem nos textos, na história, no político”. As identidades são entendidas como não acabadas, mas em construção nas relações que sujeitos, instituições e sociedade determinam de forma imaginária com o real, criando, assim, uma interação que garante “sua circulação e inserção dentro de certas condições de produção sócio-históricas e discursivas que são, elas próprias, constitutivas daquelas relações” (INDURSKY; CAMPOS, 2000b, p.11-12).

Nessa óptica, identidades são formas de subjetividades e suas representações simbólicas são o terreno preferido para a ideologia se manifestar. Também a memória faz parte da construção de identidades e, pois, tem o poder de apurar e de manter o sentido. A memória é inseparável da construção de identidades, de modo que, “o discurso é o espaço de

conhecimento e de interação por meio do qual o ser humano se faz sujeito, inscrevendo-se no campo da prática social, que é eminentemente histórica” (ibid., p. 12).

Conforme Schmidt (2000, p. 103), “as identidades resultam de tecnologias de produção de subjetividades, cujas representações simbólicas são, por excelência, o lugar da ideologia”. Com o enfoque da AD, o interdiscurso, que é do domínio da memória discursiva em relação ao discurso que possibilita o dizer, é acionado nas formulações do sujeito, que passa a adquirir sentido ao enunciar.

Segundo Hall (2005), as velhas identidades que já deram estabilidade ao mundo social estão em baixa, já que novas identidades estão aparecendo e descentrando o indivíduo moderno, que não é tido mais como uno, individualista, como o era o sujeito do Iluminismo⁴, um indivíduo centrado, favorecido por capacidades de razão desde o seu nascimento até o fim de sua existência, durante a qual continuava “idêntico”. Também se alterou a identidade do sujeito sociológico, que, segundo Hall (2005, p. 11-12), “é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade [...] Estabiliza tantos os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (grifo nosso).

Esse sujeito uno e estabilizado está transformando-se num sujeito de várias identidades, de identidades contraditórias em constante transformação, resultado de mudanças tanto estruturais (que imperam numa época) quanto institucionais. Diante dessas mudanças, configura-se um sujeito pós-moderno, da modernidade tardia, cuja identidade torna-se fragmentada, flexível, num processo de “crise de identidade”, em que “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p. 13).

Se a identidade exprime aquilo que se é, em contrapartida a diferença é o que o outro é; elas estão numa “relação de estreita dependência” (SILVA, 2000, p. 74). Nessa perspectiva, se alguém afirma sua identidade é porque há o diferente; assim, num mundo heterogêneo como o nosso, a afirmação da identidade é a marcação do diferente, do outro; é, de certa forma, negar o que não se é. Nesse sentido, elas são dependentes uma da outra, também.

⁴ “Linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana” (ABBAGNANO, 2000, p. 534).

Conforme Silva, a identidade e a diferença são conseqüências de atos de criação lingüística, pois é por meio da fala que elas são determinadas e adquirem sentidos. Também são criações tanto sociais quanto culturais, uma vez que vivemos em sociedade com certos costumes, tradições, modos de vida e de pensamentos de determinado grupo social. Nessa óptica,

Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas [...] A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder (SILVA, 2000, p. 81).

O poder está presente onde estão a identidade e a diferença, isto é, a diferenciação, que, por sua vez, é um processo em que são produzidas a identidade e a diferença. A diferenciação pode ser produzida por outros processos, como a marcação da “presença do poder: incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’)” (SILVA, 2000, p. 81-2). Assim, podemos considerar que afirmar a identidade e marcar a diferença implica incluir ou excluir, pois, ao eleger algo ou alguém, há sempre o que não é eleito, que não é escolhido, aquele que ficou de fora; portanto, toda escolha é seguida de uma exclusão.

Segundo Silva (2000), dividir e classificar é hierarquizar, deter o privilégio sobre as classes em que a sociedade é dividida. Uma sociedade, por sua vez, está sempre em oposição binária, pois um dos termos sempre detém o privilégio e, nesse sentido, o diferente é visto negativamente por meio da exclusão, da marginalização, como sendo os “outros”. Também pode ser visto como diversidade e heterogeneidade, como é o caso de certos grupos que procuram resgatar as identidades do “constrangimento da norma e celebrar a diferença” (WOODWARD, 2000, p. 50).

Normalizar é eleger; é a identidade vista como “natural”, desejada; é conhecida na sociedade como “a identidade”; por exemplo, a cor branca da pele domina em nossa sociedade. Conforme Silva (2000, p. 84), “a definição de normal depende da definição de anormal”. Fixar uma dada identidade como norma é uma maneira de hierarquizar as identidades e as diferenças; a normalização é um dos processos em que o poder manifesta-se

no terreno da identidade e da diferença: “Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa” (SILVA, 2000, p. 83).

Nessa perspectiva, a definição de “normal” tem uma relação de dependência com a definição de anormal, do mesmo modo que a definição de identidade depende da diferença: “A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural” (SILVA, 2000, p. 84).

Para Foucault, a norma é a regra natural, a regra é disciplinar. A noção de norma está atrelada à noção de disciplina, mas o discurso da disciplina não é o da lei, o da regra jurídica, o da vontade soberana, mas as disciplinas que veicularão um discurso

[...] da regra ‘natural’, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico (FOUCAULT, 2005a, p. 189).

A identidade e a subjetividade são conhecidas de maneira relacional, já que a subjetividade nos leva ao nosso interior, aos nossos mais profundos pensamentos e sentimentos, “envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem nós somos’”. Nossas subjetividades são vivenciadas no contexto social e por meio da linguagem e da cultura “dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2000, p. 55).

As posições que assumimos no discurso, pelas quais nos identificamos, formam nossas identidades; é por meio da interpelação que sujeitos se reconhecem e são levados a ocupar posições-de-sujeito. Isso se dá de forma inconsciente pela via psicanalítica. Althusser desenvolveu sua teoria da subjetividade a partir do pensamento marxista, que já procurava apoio na psicanálise lacaniana e na lingüística para seu materialismo. Conforme Woodward (2000, p. 62), Lacan afirma que o inconsciente é “estruturado como uma linguagem”. O psicanalista ressalta tanto o simbólico quanto a linguagem na formação da identidade.

Conforme Woodward (2000, p. 61), Althusser enfatiza “os sistemas simbólicos, sugerindo que os sujeitos são também recrutados e produzidos não apenas no nível do consciente, mas também no nível inconsciente”.

Hall (2000, p. 107) afirma que o conceito de identificação herda “um rico legado semântico. Freud chama-a de a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. Tanto a identidade quanto a diferença têm que ser representadas, e a representação faz parte do terreno das identificações, que são os fortes desejos do inconsciente. É a maneira pela qual nos sentimos atraídos pelo outro, nos identificamos com algo ou alguém, pois a identificação “está fundada na fantasia, na projeção e na idealização. Seu objeto tanto pode ser aquele que é odiado quanto aquele que é adorado” (HALL, 2000, p. 107).

Também a identidade e a diferença são constituídas no discurso, em lugares históricos e institucionais dentro de determinadas formações discursivas específicas; a construção da identidade é simbólica e social. Conforme Hall (2000, p. 112), as identidades são posições que o sujeito assume. São representadas e a representação é “sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que nelas são investidos”.

1.3 Ideologia

O conceito de ideologia de Althusser e o de formação discursiva de Foucault nortearam a AD e foram importantes para a formação do seu quadro teórico. Michel Pêcheux utiliza trabalhos tanto de Althusser quanto de Foucault para elaborar conceitos.

A AD teve a influência da filosofia, com os conceitos de Louis Althusser, de Michel Foucault e de Michel Pêcheux acerca do objeto discurso. Vale ressaltar que Foucault não fala em ideologia, pois não sugere em suas obras o modelo econômico marxista em que o poder se dá por meio da luta de classes ideologicamente determinadas pela classe dominante, com a participação do Estado como aparelho de reprodução dessa exploração, ou

seja, da classe dominante sobre a dominada, e, sim, define o poder como um lugar de lutas e relações de força que está em todo lugar da estrutura social e por isso é disputado.

Althusser (2003), em sua filosofia marxista, expõe, em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, os mecanismos da ideologia dominante. Para ele, a ideologia tem que ser estudada a partir de sua existência material e não no terreno das idéias.

Segundo o autor, o que interessa, no estudo das ideologias, é estudá-las como “conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção. [...] O mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer *seu lugar* é o mecanismo da *sujeição*”. Althusser considera esse conceito de sujeição como um mecanismo de duplo efeito: “o agente se reconhece como sujeito e se sujeita a um Sujeito absoluto”. Para ele, a sujeição não está apenas viva nas idéias, mas presente em um conjunto de práticas, de rituais localizados num conjunto de instituições concretas (cf. ALTHUSSER, 2003, p. 8).

O filósofo mostra a diferença entre o “Aparelho Repressivo de Estado” (ARE) e os “Aparelhos Ideológicos de Estado” (AIE). O ARE constitui o governo, as prisões, a administração, o exército, os tribunais, entre outros, e pertence ao domínio público; já os AIE compreendem: igrejas, sindicatos, algumas escolas, partidos, e remete ao domínio privado.

A diferença entre o ARE e o AIE é que o primeiro, funciona por meio da violência, força física (ou não), ao passo que o segundo funciona por meio da ideologia, mas há uma mistura de funcionamentos, pois o ARE funciona primeiramente pela violência e depois pela ideologia; inversamente, o AIE funciona pela ideologia e, se necessário, pela repressão, “seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica”, de modo que não há aparelho somente ideológico, pois há “métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc...” (ALTHUSSER, 2003, p.70).

Conforme Paveau & Sarfati (2006, p. 205), “A originalidade de Althusser foi ter articulado marxismo e psicanálise, introduzindo em sua teoria a noção de inconsciente”. Na perspectiva althusseriana, a ideologia não é um pensamento solitário, mas sim relações sociais, cujo objeto são as representações, que, por sua vez, têm por objeto as relações sociais reais, ou seja, “as relações práticas que põem em relação os homens entre si e com a natureza” (ALTHUSSER, 2003, p. 42).

Pêcheux (1988, p. 133), na esteira de Althusser sobre os AIE, elabora o conceito de “formação ideológica” e a teoria não-subjetivista da enunciação como teoria das condições ideológicas da “reprodução/transformação” das relações de produção determinando a relação entre inconsciente (de Freud) e ideologia (de Marx). Para isso, Pêcheux parte da tese fundamental de Althusser, segundo a qual “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”⁵. A função da ideologia e do inconsciente é mascarar sua própria existência dentro de seu funcionamento e, assim, produzir evidências subjetivas que constituem o sujeito.

Para Pêcheux (2002, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Esse outro é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia para assim produzir os sentidos e construir os sujeitos; é por meio da interpretação que consideramos o interdiscurso, o já-dito “como a alteridade discursiva” (ORLANDI, 2001, p.59). Conforme a autora, “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ibid., p. 46). A ideologia interpela todos os indivíduos em sujeitos para que, assim, se produza o dizer.

Para Orlandi, “Na perspectiva da AD a ideologia não é ‘x’, mas o mecanismo de produzir ‘x’. No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários”. As condições de produção específicas regem a interpretação que surge como universais, e é a ideologia que fornece o efeito de evidência e sustenta “sobre o já dito os sentidos institucionalizados como ‘naturais’”, de modo que a ideologia é interpretação de sentido em determinada direção “pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, p. 30-1). É, pois, a relação entre a linguagem e o mundo que se reflete: é o efeito imaginário necessário da linguagem sobre o mundo. Na realidade, há entre o mundo e a linguagem uma contradição, e a ideologia trabalha nesta contradição (ORLANDI, 2004). É nessa perspectiva que trabalhamos a ideologia em nosso trabalho.

⁵ ALTHUSSER, op. cit., p. 93.

1.4 Poder

Para Foucault (2005a), o poder é uma prática social e essa prática é constituída historicamente. Por toda a sociedade, a mecânica do poder expande-se e assume modos regionais e concretos nas instituições, adere técnicas de dominação por meio de corpo, um controle detalhado do comportamento, das atitudes, dos hábitos, dos gestos e dos discursos. Os poderes exercem-se em níveis e pontos diferentes da rede social e “neste complexo os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado” (MACHADO, 2005a, p. XII).

O poder não está num lugar específico da estrutura social, mas funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos de que ninguém escapa e em que não existem fronteiras ou limites. Não é uma propriedade, algo que se detém, que se possui ou não; também não há uma separação entre aqueles que têm e aqueles que não têm o poder. Nesse sentido, o poder não existe por si só; o que existe são práticas de poder ou relações de poder. Assim, ele é algo que se exerce, que funciona, é como uma “máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social” (MACHADO, 2005a, p. XIV).

Há no poder uma eficiência produtiva, uma positividade⁶, e isso nos faz entender o fato de ter o corpo humano como alvo, na intenção de aprimorá-lo, adestrá-lo. O que importa não é só a função repressiva, mas o controle da vida dos homens em suas ações para aperfeiçoar suas capacidades. Há, diante disso, dois objetivos: um econômico e outro político, que se dão ao mesmo tempo, pois, à medida que os homens tornam-se força de trabalho com utilidade econômica, também diminui-lhes a capacidade de resistência contra as ordens do poder, neutralizando assim os “efeitos do contra-poder” (MACHADO, 2005a, p. XVI).

A esse tipo de poder, Foucault chamou de disciplina ou poder disciplinar, que é um instrumento, uma técnica de poder que permite o controle do corpo e impõe uma relação

⁶ Foucault (2004) afirma que a parte genealógica da análise ocupa-se das seqüências da formação efetiva do discurso. Trata-se de ativar saberes locais, desqualificados, descontínuos e ilegítimos (FOUCAULT, 2005a). Procura apreender tal discurso em seu poder de afirmação e, por isso, entende o poder não como um poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, pelos quais “se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas” (ibid., p. 71). Foucault chama de positividade a esses domínios de objetos. Ou, as genealogias “não são portanto retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anti-ciências” (FOUCAULT, 2005a, p.171).

entre docilidade e utilidade. Conforme Foucault (2006, p. 118), essa técnica do controle trabalha o corpo para mantê-lo no nível da mecânica - “movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo”. Também os movimentos eficazes, constantes, contribuem para esse controle, pois se trata de uma “coerção ininterrupta”. Assim, as disciplinas são fórmulas de dominação, já que visam a um corpo mais obediente e mais útil; também, ao contrário, são, pois, uma coerção sobre o corpo, manipulação de gestos e comportamentos.

Nas relações de poder, a questão da verdade é fundamental, pois ela não existe fora ou sem o poder; ela é gerada no poder por meio de coerções e “nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2005a, p.12). Há um confronto “pela verdade”, pois entende-se não o conjunto de algo verdadeiro a descobrir, mas sim o conjunto das regras pelas quais se diferenciam o verdadeiro e o falso, atribuindo ao verdadeiro efeitos próprios do poder. Nessa perspectiva, não há verdade fora ou sem o poder, pois “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade” (FOUCAULT, 2005a, p. 180).

Na concepção foucaultiana, a sociedade estabelece meios para controlar, selecionar e redistribuir a produção de discursos, pois a função deles é “conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2004, p. 9). Assim, o poder está em todo lugar, dentro das instituições: é uma prática social construída historicamente.

Há controles e delimitações na produção dos discursos dentro da sociedade por meio de três procedimentos de exclusão, que atingem os discursos e se exercem, de certa maneira, do exterior. Por isso, deve ser proibido o que ameaça a ordem e transgride a norma. Os procedimentos de exclusão são: a interdição, a separação (segregação/rejeição) e a vontade de verdade, que se referem à parte do discurso que coloca em jogo o poder e o desejo (FOUCAULT, 2004).

A interdição atua sobre o tabu do objeto, sobre o ritual da circunstância e sobre o direito exclusivo do sujeito que fala. Ela cria regras para entrar na ordem do discurso: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer

circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2004, p. 9).

O procedimento de separação é estabelecido na oposição entre a razão e a loucura e exclui o discurso dos loucos, impedindo-o de circular “como o dos outros”. É a palavra que não é acolhida como verdadeira, pois é rejeitada no instante em que é dita. Para Foucault, a separação não está apagada, mas atua de outro modo “por meio de novas instituições e com efeitos que não são de modo algum os mesmos” (FOUCAULT, 2004, p. 13).

Já o outro procedimento é a oposição entre o verdadeiro e o falso, que estão sempre se deslocando, já que são organizados em torno de configurações históricas que se transformam; essa vontade de verdade “apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por um compacto conjunto de práticas como a pedagogia”. Ela é reconduzida também pela maneira como o saber é posto em prática na sociedade, como é “valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”. Tanto o mecanismo de interdição quanto o de separação e o de rejeição são atravessados pela vontade de verdade que “não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável” (FOUCAULT, 2004, p. 17).

1.5 Gênero discursivo: a entrevista

Importa discutir neste item a problemática dos gêneros discursivos pelo fato de recorrermos à entrevista como técnica de coleta de dados, aqui considerada como um gênero discursivo. Bakhtin (2000) evidencia que o enunciado está relacionado às condições específicas e às finalidades de cada esfera da atividade humana, seja por seu conteúdo temático, seja por seu estilo, seja pela construção composicional. Esses três elementos misturam-se no todo do enunciado e são marcados de acordo com o que é específico de uma determinada esfera de comunicação. A heterogeneidade dos gêneros do discurso, orais e escritos, inclui, sem distinção, a réplica do diálogo do cotidiano, o relato familiar, a carta,

entre outros. Os gêneros do discurso são, para Bakhtin (2000), tipos de enunciados relativamente estáveis que cada esfera da comunicação utiliza.

Para discutir a natureza do enunciado que constitui os gêneros, o autor distingue em gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros secundários são aqueles em que os enunciados aparecem numa circunstância de comunicação evoluída, como é o caso do romance. Já os gêneros primários são os enunciados que estão inseridos nos gêneros secundários e, como consequência, são transformados e adquirem características próprias, como, por exemplo, a carta dentro do romance. Bakhtin (2000, p. 281) destaca que “O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo do cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia um romance é ser um enunciado secundário (complexo)”.

Em relação ao estilo do enunciado, o autor liga-o ao gênero, ou seja, o estilo interage com o gênero do discurso e suas mudanças são indissociáveis das mudanças dos gêneros. Conforme Bakhtin (2000, p. 283), “O enunciado – oral e escrito, primário e secundário – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)”. Nessa perspectiva, o enunciado “que é a *unidade real* da comunicação verbal” (ibid., p. 293) tem um estilo individual, mas nem todos os gêneros são próprios ao estilo individual. Esse pode relacionar-se ou não de diferentes modos com a língua comum, pois é no enunciado que a língua se materializa de forma individual.

De acordo com as condições das esferas de comunicação verbal, um determinado gênero aparece pelo viés do tema, da composição e do estilo. Este último é inseparável e vinculado à unidade temática que, por sua vez, é fundamental às unidades composicionais: Conforme Bakhtin (2000, p. 284), a unidade composicional é o “tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.)”.

O ouvinte recebe e compreende a significação do discurso e adota, ao mesmo tempo, uma atitude *responsiva ativa*, pois ele concorda, discorda, adapta, completa. Essa atitude permanece durante o processo de audição em prol da compreensão do discurso do locutor, pois: “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre

acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* [...]; toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Já a compreensão responsiva ativa é o preparo para uma resposta, o início de um diálogo, uma vez que “O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente [...] Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (Ibid., p. 291). Nesse sentido, pode-se afirmar que a entrevista é um gênero do discurso, uma vez que uma de suas características é o diálogo entre os interlocutores, em que os parceiros apresentam papéis ativos no processo da comunicação e compreensão.

Em uma perspectiva bakhtiniana, Flores (1999, p. 72) mostra-nos que “O gênero não pode ser visto como uma forma da língua, mas como uma forma do enunciado que, de acordo com a esfera em que é produzido, adquire um determinado estatuto”. Nesse sentido, a tese do dialogismo é confirmada no terreno problemático do estilo e dos gêneros:

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências (BAKHTIN, 2000, p. 319).

Também ancorado na visão bakhtiniana, Maingueneau (2005) desenvolve estudos acerca dos gêneros discursivos e aponta que a entrevista, por exemplo, constitui um gênero de discurso que incorpora um tipo de discurso oral, que faz parte de um conjunto de discursos mais amplo. No caso desta pesquisa, trata-se do discurso institucional, em que há uma função social; foi coletado por meio de entrevistas e tem como característica certos funcionamentos lingüísticos marcados pela oralidade.

Conforme Maingueneau (2005, p. 75), a oralidade tradicionalmente está associada à instabilidade e a escritura à estabilidade, embora hoje não importe se o enunciado é de caráter oral ou escrito, já que o mundo moderno tornou tanto o oral quanto o escrito estáveis: “atualmente, ao gravarmos, estamos, de certa forma, *escrevendo*”.

Os enunciados orais dependem do ambiente, pois o enunciador e o co-enunciador encontram-se no mesmo espaço, face a face, favorecendo a ocorrência. Verifica-

se, nos enunciados, elipses, pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas (eu, tu, você, vocês, nós, vós); os determinantes (meu, teu, nosso, vosso, seu) e suas formas femininas e plurais; os pronomes (o meu, o teu, o nosso, o vosso, o seu), com suas formas femininas e plurais, que Maingueneau chama de embreantes de pessoa.

O lingüista francês acrescenta que os embreantes de tempo e espaço são denominados, respectivamente, de dêíticos temporais (“hoje”, “amanhã”, verbos no presente, passado e no futuro) e espaciais (“aqui”, “ali”, “lá”). Pelo fato de a entrevista ser dinâmica, há a presença de formas fáticas que ajudam a manter o equilíbrio do contato no ambiente partilhado entre o enunciator e o co-enunciador.

A embreagem é “o conjunto das operações pelas quais um enunciado se ancora na situação de enunciação, e embreantes (também chamados ‘elementos dêíticos’, ‘dêíticos’, ou às vezes, ‘elementos indiciais’), os elementos que marcam essa embreagem” (MAINGUENEAU, 2005, p. 108). Esses elementos são recorrentes em nossos dados, como o leitor poderá verificar no capítulo III.

Posto isso, os dispositivos de comunicação têm-se transformado mediante as técnicas “cada vez mais sofisticadas de gravação e de transporte de informação [...] e, portanto, o estatuto de enunciados verbais” (MAINGUENEAU, 2005, p. 81). Atualmente, os enunciados tradicionais são produzidos por meio de tecnologias como o fax, o telefone por satélite, a internet. Conforme o autor, o texto impresso é a “projeção de uma imagem elaborada na tela de um computador”. Diante disso, as entrevistas também são tecnologias, já que é por meio delas que milhares de notícias, no mundo todo, todos os dias, são impressas e projetadas nas telas da televisão, o que as torna tão estáveis quanto um texto escrito (ibid., p. 83).

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS INSTITUCIONAIS: ECA, SINASE E MINUTA DE REGIMENTO INTERNO DAS UNIDADES EDUCACIONAIS DE INTERNAÇÃO

Trataremos, neste capítulo, na seção 2.1, alguns procedimentos que pautaram a nossa interpretação, a descrição do desenvolvimento da pesquisa de campo, os instrumentos de pesquisa utilizados, que geraram os dados empíricos, e também apresentamos o perfil das jovens e das diretoras que colaboraram com esta pesquisa. Na seção 2.2 mostramos histórias sobre crianças e adolescentes e o ECA (dado documental), bem como as condições de produção dos discursos: procuramos investigar situações da relação do sujeito com o sentido e com o outro, e também questões sobre identidade e formas de representação.

Assim, no decorrer, inserimos alguns recortes que consideramos serem pertinentes às condições de produção do discurso das adolescentes, uma vez que seus atos, suas falas e seus comportamentos são controlados por meio da vigilância. O fato de as jovens encontrarem-se numa situação de abandono familiar favorece ainda mais o sentimento de exclusão, refletindo em seus discursos que são constituídos por várias formações discursivas, que mostraremos neste capítulo e no capítulo III.

Na seção 2.3 e 2.4 temos outros dados de pesquisa documentais/complementares, que apoiaram as análises dos dados empíricos (os questionários e as entrevistas): o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo e a Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação de Mato Grosso do Sul.

2.1 Questões metodológicas

Este trabalho segue uma abordagem qualitativa, esta designação “cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências

epistemológicas” (SEVERINO, 2007, p. 119). Em uma abordagem qualitativa, várias são as metodologias de pesquisa que podem ser adotadas; para esse autor, “a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real” (SEVERINO, 2007, p. 100). A pesquisa qualitativa propõe gerar, por meio da observação, dados descritivos de algo da vida social, de determinado grupo da sociedade. Por isso, a observação “de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 164).

A Epistemologia Qualitativa é precisamente “o ato de compreender a pesquisa, nas ciências antropológicas, como um processo de comunicação, um processo dialógico, (...), já que o homem, permanentemente, se comunica nos diversos espaços sociais em que vive” (GONZÁLES REY, 2005, p. 13). É por meio da observação, característica da pesquisa qualitativa, que o pesquisador tem acesso a temas íntimos e sensíveis das pessoas pesquisadas, o que necessita cultivar vínculos com o pesquisador para o desenvolvimento da pesquisa, de modo a assegurar tanto a confiança quanto a segurança “na relação com os participantes [que] é, nesse caso, um diálogo que leve os sujeitos a sentirem a necessidade de participar” (GONZÁLES REY, 2005, p. 85).

Assim, a Epistemologia Qualitativa requer uma capacidade de observação e aproximação do pesquisador com os sujeitos pesquisados em busca de estabelecer diálogo com esses sujeitos para que possa interpretar os significados da realidade social e cultural vivida por eles. A aproximação de ambos é fundamental para que haja cumplicidade entre os envolvidos no espaço de pesquisa, no processo de produção de sentido.

Já que teoria e método articulam-se, esta pesquisa caracteriza-se como etnográfica que é um método qualitativo o qual permite a observação e a apreensão do social, ou seja, dos sujeitos envolvidos na pesquisa, no caso, as adolescentes da UNEI, na explicação da realidade observada nesse contexto. A característica da etnografia é “obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem” (MATTOS, 2001)⁷.

⁷ http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20abordag%20_etnogr_para%20Monica.htm. Acesso em 20 de novembro de 2007.

Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 160), o pesquisador nos estudos qualitativos é o principal instrumento de investigação, ele pode fornecer “informações sobre suas experiências relacionadas ao tópico, ao contexto ou ao sujeito”. Conforme já mencionamos na introdução, tivemos dois anos e meio de experiência como professora na UNEI masculina, embora esta pesquisa tenha sido realizada na UNEI feminina. Mas, essa experiência serviu de base no que se refere ao contexto e aos sujeitos pesquisados, já que não eram totalmente desconhecidos, o que contribuiu na interpretação dos significados culturais do grupo estudado.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se diferentemente da quantitativa tradicional no que se refere ao dado que é inseparável do teórico em processo, que adquire sentido e representa, conforme González Rey (2005, p. 100), “uma das diferenças epistemológicas centrais” entre os dois tipos de pesquisa, pois na pesquisa quantitativa de base positivista, enquanto “o dado é um fim em si mesmo e está associado a uma variável operacionalmente definida, (...) na pesquisa qualitativa o valor de qualquer elemento não provém de sua objetividade em abstrato, mas do significado atribuído em um sistema”(p. 100).

No que se refere aos procedimentos para a coleta dos dados, inicialmente constatamos que, em Mato Grosso do Sul, há duas unidades educacionais de internação femininas, uma em Campo Grande e outra em Dourados.

As UNEI de Mato Grosso do Sul têm como objetivo⁸ executar a medida socioeducativa de internação mediante proposta pedagógica que conduza o adolescente ao rompimento com a prática delituosa e à integração sócio-familiar. As unidades pertencem à Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência Social e Economia Solidária – SETASS/MS; a alimentação provém do próprio Estado, mediante recursos liberados para o custeio das unidades, e os remédios são adquiridos pelos mesmos recursos de custeios somados às parcerias estabelecidas com a Secretaria de Estado de Saúde – SES e a Secretaria Municipal de Saúde. Elas são regidas pelo ECA e pela Constituição Federal.

A UNEI de Campo Grande/MS, implantada em 1993, denominada *Estrela da Manhã*, tem capacidade para abrigar dezoito adolescentes. Na época da aplicação do

⁸ Informação obtida durante conversa informal com a Coordenadora de Medidas Socioeducativas – SETASS/MS.

questionário e das entrevistas, havia dez adolescentes, das quais seis colaboraram conosco, com idade entre catorze e dezessete anos⁹. A diretora da unidade é ex-agente e não possui curso superior¹⁰. O cargo de diretora é um cargo de confiança, nomeado pelo (a) Secretário (a) de Estado de Trabalho, Assistência Social e Economia Solidária.

Já a UNEI de Dourados/MS, implantada em 2002, denominada *Esperança*, tem capacidade para abrigar dezesseis adolescentes. Durante a coleta, havia onze adolescentes; uma estava acamada e oito integraram-se à pesquisa, com idade entre doze e dezessete anos. A diretora é formada em Direito e possui dois cursos de especialização.

Importante mencionar que, até 1999, essas instituições, tanto as masculinas quanto as femininas, eram conhecidas como Casa de Guarda e Assistência ao Adolescente (CGAA), criadas no estado de Mato Grosso do Sul em 1993. A partir do ano 2000, essas designações foram mudadas para Unidade Educacional de Internação (UNEI), seguidas de um nome para representá-las. O que motivou essa mudança foi a preocupação com que a nova denominação refletisse o caráter diferenciado e pedagógico do modelo de atendimento nos programas de internação do estado do Mato Grosso do Sul¹¹.

Selecionados os lugares de pesquisa, principiámos pelos procedimentos formais para autorização de nossa visita às instituições para conhecer os sujeitos de pesquisa, visando a uma interação anterior à coleta de dados propriamente dita. Em seguida, já com a autorização, fomos à unidade feminina de Campo Grande, onde foram aplicados os questionários para as adolescentes que se dispuseram a participar da pesquisa.

O questionário foi organizado com questões mistas, ou seja, com algumas partes mais fechadas e outras abertas. A parte fechada serviu para traçar o perfil das adolescentes, já a aberta permitiu maior liberdade para responderem algo sobre suas vidas dentro e fora da instituição, seus dia-dia na UNEI e planos futuros.

Para Gonzáles Rey (2005, p. 51-52), o questionário fechado serve para “obter informação objetiva que seja suscetível de descrição e que possa adquirir diferentes

⁹ Obtivemos as informações sobre as idades por meio dos questionários aplicados às adolescentes.

¹⁰ Informação obtida por meio do questionário aplicado às diretoras.

¹¹ Informação obtida durante conversa informal com a Coordenadora de Medidas Socioeducativas – SETASS/MS.

significados no curso da pesquisa por meio de sua relação com outras informações (...). Já o questionário tipo aberto, “permite a expressão do sujeito em trechos de informação que são objetos do trabalho interpretativo do pesquisador”. O autor afirma que o questionário “não conduz a resultados concretos, mas a informação que se integram a outras fontes e instrumentos utilizados na pesquisa”.

Com a finalidade de fazermos a triangulação dos dados recorreremos também à entrevista, que é de natureza interativa, o que permite travar temas complexos diferentemente do questionário que a exploração é bem menos complexa, e termina no instante em que é entregue ao pesquisador. A entrevista permite o aprofundamento das questões do questionário, que podem ser retomadas, também esclarecimentos eficazes para a obtenção de informações que o pesquisador deseja. Ela dá voz ao entrevistado e permite compreender de que perspectiva o outro fala. Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 168), “a entrevista pode ser a principal técnica de coleta de dados ou pode, (...), ser parte integrante da observação participante”. Em nosso caso, foi a principal técnica de coleta de dados, pois nos permitiu conhecer a trajetória de vida das adolescentes pesquisadas.

As perguntas foram voltadas para temas pessoais da vida das meninas como: a) opinião delas quanto aos pais; b) admiração por alguém de modo especial; c) opinião sobre o uso e a venda de drogas; d) análise que elas fazem de suas vidas na atual circunstância, ou seja, por estarem na UNEI; e) opinião delas sobre a justiça, e o motivo que as levou à UNEI; f) opinião a respeito da sociedade; g) o que sabem ou entendem por cidadania e sobre o que é ser cidadã; h) como desejam ser no futuro; i) como elas se vêem; e, por fim, j) narração de um fato que marcou suas vidas. A ordem das perguntas das entrevistas, no corpo do trabalho, não é a mesma do anexo, a escolha foi organizada para iniciar com o tema afeto e para depois ir distanciando-se para outros temas como uma forma de organização do texto.

Após uma análise inicial dos questionários, foram realizadas as entrevistas abertas¹² gravadas em fitas cassete, num processo interativo e individualmente com as mesmas adolescentes que responderam ao questionário. Logo em seguida, fomos à unidade de Dourados e tivemos procedimentos semelhantes. No total, catorze adolescentes

¹² A opção pelas questões abertas decorreu de três fatores: oferecem maior liberdade às entrevistadas (evitando repostas “sim” ou “não”); proporcionam “insights” na estrutura de referência do respondente, favorecendo a interpretação de outras repostas; favorecem a obtenção de informações acidentais, esclarecimentos e mesmo relações de causa-efeito.

participaram da pesquisa. Após essa etapa, as entrevistas foram transcritas e, em seguida, analisadas. Cada entrevista foi realizada num ambiente mais isolado do convívio comum, de modo a garantir mais privacidade ao responderem, sem interferências ou intimidações.

Algumas das entrevistadas só responderam depois do compromisso de que não seriam identificadas; muitas delas falaram sobre suas vidas como um desabafo, mas não quiseram que o depoimento fosse gravado, porém não deixaram de contribuir com a pesquisa, apenas sentiram a necessidade de conversar antes da entrevista iniciar. Durante a conversa (antes da entrevista), disseram que sofrem muito por estarem longe das pessoas que gostam, pois elas vêm de lugares distantes, às vezes até de outros estados, como Paraná, São Paulo, Goiás e, quando são flagradas traficando em Mato Grosso do Sul, já são encaminhadas para a UNEI.

Pelas respostas obtidas no questionário das adolescentes, pudemos constatar que seis delas tinham dezessete anos, quatro tinham catorze, duas tinham dezesseis, uma, quinze anos e a outra doze anos de idade. Todas eram solteiras; uma, à época, estava grávida de quatro meses e outra tinha dois filhos pequenos que moravam com a avó. Apenas uma adolescente morava com a família, mas os pais, assim como a jovem, estavam presos. Quando dizemos “família”, estamos nos referindo ao padrão tradicional de mãe, pai e irmãos, todos vivendo juntos, sob o mesmo teto. Duas moravam na rua, as outras com a mãe e o padrasto, ou com o pai e a madrasta, ou só com a mãe, ou com a avó, com a tia, com amiga, ou ainda em abrigos.

Dez das jovens estavam na UNEI por tráfico de drogas, uma por estelionato, uma por desacato a autoridade, uma por quebra de liberdade assistida e a outra por tentativa de homicídio. Verificamos que as drogas estão presentes na vida dessas crianças e adolescentes: muitas dizem que é “dinheiro rápido”; com a desestrutura familiar, a falta de dinheiro em suas casas e as necessidades do dia-a-dia, elas optam pelo tráfico de drogas, que, muitas vezes, também serve para pagar seu próprio consumo.

Como as famílias são de baixa renda, algumas só conversam por telefone uma vez por semana com seus familiares ou pessoas com quem elas têm vínculos afetivos. Nos relatos, antes de iniciarmos a gravação, disseram que as famílias sentem vergonha e, conseqüentemente, as desprezam; outras alegaram motivos diversos para a ausência das visitas. Algumas perdem o vínculo com a família pelo fato de esta não as aceitar mais.

Esses fatores acabam acarretando problemas ainda maiores para essas jovens, que sofrem sem o apoio da família, fundamental no período de internação, cuja dificuldade acentua-se justamente por estarem isoladas. De acordo com o ECA, no art. 124, os adolescentes privados de liberdade têm alguns direitos. Entre eles, destaca-se o previsto no inciso VII – ao menos, semanalmente, receber visitas – e no inciso VIII – o direito de corresponder-se com seus familiares e também amigos.

Vale ressaltar que, também as diretoras das duas unidades mencionadas integraram a pesquisa ao responderem a um questionário que versou sobre as adolescentes na UNEI, e também participaram da entrevista gravada que tratou de questões que envolveram não só as adolescentes, mas também de forma indireta leis e documentos, os quais ampararam suas respostas, uma vez que são pessoas diretamente relacionadas à (res)socialização dessas jovens. As entrevistas foram fundamentais, pois no questionário respondido pelas diretoras, as respostas breves foram complementadas nas entrevistas obtendo, desse modo, mais informações.

Por razões éticas, as adolescentes e as diretoras das UNEI não foram identificadas pelo nome, e sim, como sujeito 1 (S₁), sujeito 2 (S₂), e, assim, sucessivamente; os sujeitos enumerados de um a seis são de Campo Grande e de sete a catorze são de Dourados. As diretoras foram identificadas como diretora 1 (D₁) e diretora 2 (D₂), respectivamente de Campo Grande e Dourados. As formações discursivas também foram enumeradas (FD1, FD2, FD3...), nomeadas e organizadas por seções no capítulo III. Assim, ao iniciar uma nova seção a enumeração recomeça sem a padronização de que a FD1 seja sempre “afetiva”, por exemplo.

Nas análises, alguns trechos dos enunciados foram destacados para ressaltar sua relevância, e as normas para a transcrição foram extraídas dos inquéritos do Projeto NURC/SP (KOCH, 2006, p. 82-85).

2.2 Questões sobre crianças e adolescentes e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA

Nas últimas décadas do século XX, especialistas de diversas áreas, tais como lingüistas, sociólogos, psicólogos e antropólogos, têm-se preocupado de modo

interdisciplinar com temas que se referem às questões sociais, mais especificamente referentes à falta de organização social e às conseqüências que isso acarreta, trazendo à tona questões sobre os excluídos, os que são considerados como tendo uma conduta desviante, a questão da personalidade, bem como questões sobre sociedade e a falta de organização social (CENTURIÃO, 2003).

As sociedades modernas, no final do século XX, têm-se transformado, de forma a não proporcionar estabilidade aos indivíduos e isso está dividindo os espaços culturais de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça e de nacionalidade que antes determinavam os indivíduos como sociais. Agora, esses espaços estão deslocados, o que representa um processo de mudança, conduzindo-nos a questionar essas mudanças em diferentes níveis das ações humanas e das instituições sociais que afetam o indivíduo nesse emaranhado de acontecimentos.

Tais questões sociais, especificamente as daqueles que são considerados excluídos pela sociedade, ou seja, crianças e adolescentes que cometem ato infracional, que são usuários de drogas, que fazem tráfico de drogas, são bastante preocupantes, pois a cada dia acompanhamos, pelos meios de comunicação, índices alarmantes de violência e morte dessas crianças e adolescentes. O *rapper* carioca MV Bill, recentemente, numa entrevista para a revista *IstoÉ* de 29 de março de 2006, comenta sobre as noventa horas filmadas em uma favela juntamente com o dirigente da Central Única de Favelas Celso Athayde, a fim de mostrar como é o dia-a-dia dos adolescentes que vigiam o morro para os traficantes, no Rio de Janeiro. Esse trabalho resultou na série *Falcão* – os meninos do tráfico, apresentada no Fantástico pela Rede Globo. Segundo MV Bill, dos dezessete jovens ouvidos no documentário que durou noventa horas, apenas um ainda estava vivo em março de 2006, porém preso. O mais agravante é que, conforme MV Bill, foi a prisão que assegurou a vida desse jovem.

Segundo o entrevistado, a idade limite para esses jovens morrerem é entre dezesseis e dezessete anos. Os meninos que aparecem no documentário não conheceram os seus pais e eles, nessa idade, já têm filhos com meninas cada vez mais novas, o que gera uma série de problemas com o nascimento dessas crianças, filhos de mães ainda crianças, sem perspectiva, já que os pais morrem tão novos, “É a reprodução da tragédia” (MV Bill, *ISTOÉ*, p.11).

Trazemos, para elucidar, um relato semelhante ao da reportagem de MV Bill, em que uma adolescente (uma de nossas entrevistadas) mostra que a prisão garantiu sua vida. A pergunta feita a ela foi sobre como avalia sua vida:

S₈- Ah::... eu analiso que Deus... acho que me deu uma última oportunidade pra mim vim... pra cá... pra mim podê recupera... porque eu tava muito... eu usava muitas droga... eu tava... eu ficava em boca... num sabia se ia saí tiroteiro às vezes... eu poderia ter morrido... e hoje aqui: tô completamente regenerada... limpa... estudano... e:: com muitos objetivo.

S₈ representa-se por meio do singular, por meio do dêitico “eu”, reconhece o seu lugar, o de quem cometeu um ato infracional e ao ocupar uma posição enquanto sujeito em conflito com a lei, “realiza seu assujeitamento sob a forma de ‘livremente consentido’” (PÊCHEUX, 1988, p. 215).

O dêitico “cá” é o lugar onde se dá o discurso de S₈ (a UNEI) e produz efeitos de sentido positivos em relação a esse lugar, pois o sujeito revela por meio desse dêitico uma oportunidade divina, e não uma punição. Para S₈, estar preso é motivo de alívio, de segurança e de vida, o que implica uma subversão de valores estabelecidos pela sociedade acerca da imagem da prisão, já que se sente protegido na instituição.

Ao afirmar “e **hoje aqui**:: tô completamente regenerada... limpa... estudano... e:: com muitos objetivo”, os itens lexicais, “regenerada”, “limpa”, “estudando” e “objetivos” reforçam os efeitos de sentido positivos que se referem à UNEI, marcados pelos dêiticos temporal e espacial “hoje” e “aqui”, condições de produção do discurso de S₈.

O discurso sobre Deus faz irromper no discurso de S₈ uma FD1 atravessada pelo religioso, o que produz sentidos de alívio (“última oportunidade”). Verificamos que é por meio desse discurso que nasce em seu dizer algo de bom: reconhece que o fato ocorrido em sua vida foi para “enxergar” que existe o outro lado, ou seja, o lado bom da vida tanto do ponto de vista social quanto religioso. Estar na UNEI para S₈ parece ser bom, pois sente-se salvo e seguro da vida lá fora (“eu poderia ter morrido”), o que nos revela os conflitos da vida desse sujeito com sua família, com a sociedade, sem dignidade em meio a tiroteios, drogas, sem estudar e sem objetivos.

O ECA estabelece direitos e garantias a esses jovens. No artigo 4º, por exemplo, afirma que a família, a comunidade, a sociedade e o poder público têm o dever de assegurar, com prioridade, os direitos das crianças e dos adolescentes no que se refere à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, além da cultura e da dignidade e do direito à liberdade e à convivência com a família e com a comunidade. Assim, S₈ só está fora de uma situação de risco por estar na UNEI, lugar em que se diz sentir regenerado, estudando e com perspectivas, o que confirma o discurso da ressocialização.

Para S₈, viver em sua comunidade com liberdade não é bom; acha perigoso e arriscado, como se constata no enunciado: “num sabia se ia sair tiroteio”. Já na instituição, por mais que tenha muros altos construídos para que não haja fugas, onde não se faz o que se quer, pois há vigilância e regras e horários a cumprir, é melhor.

Tudo isso, para S₈, é sinônimo de proteção e de oportunidade. Há, nesse dizer, uma inversão dos conceitos de liberdade e de prisão, pois, para S₈, estar isolado é uma maneira de garantir sua vida e garantir com oportunidades; é libertar-se da “prisão” das drogas, da indignidade. Liberdade e prisão representam, no discurso de S₈, um paradoxo, pois a liberdade representa a morte e a prisão representa a vida.

De acordo com o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), instituído pela Lei Federal nº 8.242 de 12 de outubro de 1991, responsável pelas políticas de atenção à criança e ao adolescente, na 136ª Assembléia Ordinária realizada em 16 de fevereiro de 2006 em Brasília/DF, o ano de 2006 foi marcado por muitas atitudes violentas contra a criança e o adolescente; os jornais, quase todos os dias, traziam notícias de casos de crianças abandonadas, torturadas e violentadas. Isso é uma realidade antiga, pois, segundo o CONANDA, nossa sociedade é historicamente violenta, tem sua estrutura na desigualdade de classe, de gênero, raça e etnia. Em nossa memória coletiva, estão o genocídio indígena, o racismo e ainda a opressão de muitos homens e mulheres que constroem o nosso Brasil¹³.

Em nossa história, milhões de crianças e adolescentes, por sua condição de ascendência, não tinham sua humanidade reconhecida, seus direitos eram violados no próprio lar, nas instituições e na sociedade. Todavia, essa mesma sociedade que os exclui

¹³ [http:// www.mj.gov.br/conanda](http://www.mj.gov.br/conanda). Acesso em 12 de novembro de 2006.

elaborou o ECA para garantir seus direitos, que já completou 16 anos de promulgação. Essa Lei Federal rompeu o binômio repressivo – punitivo estabelecido pelo Código de Menores que havia no Brasil, criado em 1927 para tratar com “crianças em situação irregular”, isto é, crianças que já nasciam “irregulares”, como, por exemplo, aquelas que eram julgadas por não serem de “boas famílias”, crianças abandonadas pelos pais, pela família e que ficavam na rua, bem como os filhos ilegítimos que eram abandonados e deixados nas chamadas “rodas dos expostos” (CASTELFRANCHI, 2006)¹⁴.

Antigamente eram deixados nessas “rodas” os filhos de escravas, para livrá-los da escravidão, os filhos de pais que não podiam criá-los, bem como as de mães solteiras, que não podiam aparecer perante a sociedade da época com um filho “nos braços”. Rejeitadas pelos próprios pais ou pela sociedade, essas crianças eram recolhidas por uma instituição, que preservava a identidade dos pais (BENEDITO, 2006)¹⁵.

As crianças em situação “irregular” são um fato que tem uma história antiga no Brasil. Historicamente, a sociedade tratou dessas “crianças irregulares” de modo filantrópico. Num primeiro momento, houve a ação da igreja católica, em face da ausência do Estado; depois, a sociedade lidou com esses “irregulares” de forma assistencialista ou repressiva. Em 1979, durante o regime militar, foi elaborada a Legislação de Menores, que olhava a questão do menor como um problema de segurança nacional: as crianças encontradas nas ruas em condições precárias eram levadas às instituições de segregação¹⁶ sem quaisquer direitos ou proteção; não eram vistas como sujeitos de direito (CASTELFRANCHI, 2006)¹⁷.

Assim, a Legislação de Menores, Lei Federal sob nº 6.697, de 10 de outubro de 1979, considerava a questão do menor como um problema fundamentalmente de segurança nacional, pois as crianças ou adolescentes encontrados nas ruas com roupas velhas, sujas, já eram considerados irregulares e, por isso, encaminhados para instituições de segregação como se fossem marginais, na total ausência de direitos fundamentais de proteção da infância.

¹⁴ [http:// www.comciencia.br/reportagens](http://www.comciencia.br/reportagens). Acesso em 12 de novembro de 2006.

¹⁵ [http:// www.ultimanoticia.com.br](http://www.ultimanoticia.com.br). Acesso em 28 de novembro de 2006.

¹⁶ Em Foucault (2004, p.10), a segregação é um dos princípios de exclusão que há na sociedade, como: a separação e a rejeição.

¹⁷ [http:// www.comciencia.br/reportagens](http://www.comciencia.br/reportagens). Acesso em 12 de novembro de 2006.

Ao contrário, a sociedade é que se sentia desprotegida com esses jovens vítimas da pobreza e das injustiças nas ruas. Conforme Ramidoff (2006, p. 24), o Código de Menores, “além de introjetar sentimento de culpa com a institucionalização, também, causava-lhe sofrimento físico e psíquico, quando, não, dessocializava-o pelo favorecimento da assunção de personalidade estigmatizada de ‘infrator’”.

O ECA trouxe uma mudança de paradigma, pois pressupõe garantia de direitos para crianças e adolescentes, que devem ser incluídos e não excluídos ou discriminados; não devem ser tratados como “menores”, mas sim como cidadãos, ou seja, sujeitos de direito. Por isso, não se usa mais o termo “menor”, bem como “menores infratores”, pois, segundo Ramidoff (2006, p. 75), “tais expressões remontam aos sepultados ‘Código de Menores, tanto de 1927, quanto o de 1979’, os quais apenas identificavam as pessoas com idade inferior a 18 (dezoito) anos como objetos de tutela quando eram declarados em situação irregular”.

Desse modo, as crianças e adolescentes não tinham seus direitos individuais nem fundamentais de serem diferentes, ou seja, serem eles mesmos, crianças e adolescentes com seus conflitos próprios da idade. Também o ECA estabelece mecanismos de cobrança não só do Estado e da família, mas também da sociedade organizada. Segundo o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Vale ressaltar que o ECA é estruturado a partir do modelo internacional dos Direitos Humanos da Criança e tem como marco teórico-pragmático a Doutrina da Proteção Integral consolidada nos artigos 227 e 228 da Constituição Federal de 1988, que visa, não só a um projeto de vida responsável entre as crianças ou adolescentes juntamente com a família, a sociedade e o Estado, mas também, e sobretudo, conforme Ramidoff (2006, p. 16), “impedir a inserção daquelas novas subjetividades nos diversos processos de vitimização e marginalização”.

Mesmo assim, segundo o CONANDA, houve um aumento da violência contra crianças e adolescentes na família, nas instituições, nos locais de internação de adolescentes em conflito com a lei e também nas comunidades. Para o CONANDA é fundamental que, no começo do século XXI, a história deste país seja transformada, pois o conselho propõe a mobilização de esforços para a garantia da humanidade e da vida das crianças e dos adolescentes.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas pela Infância (UNICEF),¹⁸ os atos infracionais cometidos por adolescentes são um tema que preocupa toda a sociedade: dos crimes e delitos que são registrados todo ano no Brasil, dez por cento são cometidos por adolescentes, o restante, por adultos. Desses, mais de setenta por cento praticam delitos contra o patrimônio e, na maioria das vezes, os adolescentes são mais vítimas do que autores de violência. Entre os adolescentes de quinze a dezenove anos, sessenta e oito por cento das mortes são causadas por acidentes de trânsito, homicídios e suicídios.

Para esta pesquisa, é essencial apresentar as medidas socioeducativas, e situar que nosso foco encontra-se no inciso VI do artigo 112 do ECA:

Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

- I- advertência;
- II- obrigação de reparo de dano;
- III- prestação de serviço à comunidade;
- IV- liberdade assistida;
- V- inserção em regime de semi-liberdade;
- VI- internação em estabelecimento educacional;
- VII- qualquer uma das previstas no art.101, I a VI.

§ 1º A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração.

§ 2º Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado.

§ 3º Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições.

¹⁸ <http://www.unicef.org/brazil/medidassocio.htm>. Acesso em 12 de novembro de 2006.

A grande dimensão do problema dos atos infracionais cometidos por adolescentes faz produzir na sociedade uma procura por medidas mais enérgicas. Segundo o UNICEF, a aplicação de medidas socioeducativas previstas no ECA é a solução que mostra os melhores resultados. Para garantir o equilíbrio da criança e do adolescente durante a privação de sua liberdade, é importante a presença da família, dos vínculos afetivos necessários para a recuperação; além disso, as famílias são acompanhadas para lidar com essa situação, conforme pudemos constatar no recorte, a seguir, extraído do *corpus*. Ao ser questionado, “se admira alguém de modo especial”, S₃ responde:

S₃. Admiro minha SOGRA... porque ela cuida bem de mim... direto ela vem sabê como que eu tô... aí:... sabe se interessa por mim vem me visitá... me dá uma força... me ajuda e ela pegou a minha guarda tamém (...) porque a minha mãe tá presa...

Verificamos, no enunciado, “Admiro minha SOGRA”, uma FD1, a afetiva. S₃, ao ser interpelado, investe em palavras e expressões que remetem ao cumprimento do “papel sócio-afetivo” da instituição: **Admiro** (minha SOGRA); **cuida** (bem de mim); **vem sabê** (como eu tô); (se) **interessa** (por mim); **vem** (me) **visitá**; **dá** (uma força); (me) **ajuda**.

Em nossa conjuntura histórico-cultural, a figura da sogra é associada, na maioria das vezes, a alguém que é alvo de piadas, de ciúme, de “concorrência”. Porém, S₃ considera a sogra, dentre seus familiares, a única que cuida e que se interessa pela sua vida, produzindo um efeito de sentido de “ironia do destino” (senso comum).

S₃ utiliza o conectivo “porque” para explicar o motivo da admiração pela sogra; esse conectivo produz efeitos de sentido de certeza, pois estabelece uma relação de causa dessa admiração como sendo incontestável. Utiliza os operadores lingüísticos “e” e “também” para acrescentar, incluir a questão da guarda, de sua proteção pela sogra, já que sua mãe está presa, “... e ela pegou a minha guarda **tamém**”. O discurso da guarda (ECA) faz emergir uma FD2, a jurídica. De acordo com o ECA, no artigo 28, parágrafos 1º e 2º, sempre que possível, a criança ou adolescente deverá ser ouvido e sua opinião considerada a respeito de sua guarda, tutela ou adoção; também serão levados em conta o grau de parentesco e a relação de afinidade ou afetividade, a fim de evitar consequências negativas, comprometendo o “bem-estar” da criança ou adolescente.

Há também, na sociedade, discursos sedimentados em relação à imagem que se tem dos (as) adolescentes autores de ato infracional considerados (as) “feridas sociais”, perigosos (as) para a sociedade, ainda mais para essa sogra que tem uma adolescente infratora como nora. Há uma subversão da ordem do discurso de S₃ verificada na FD afetiva citada, pois, ao mesmo tempo em que S₃ subverte a ordem do discurso, contribui para a construção de sua identidade.

Na fala de S₃ verificamos que há entre elas um elo de amizade e de respeito. O fato de a sogra ser a pessoa que mais dá atenção na situação em que se encontra na UNEI, grávida, sem a devida atenção dos familiares, justifica a admiração de S₃ pela sogra.

Segundo o UNICEF¹⁹, a reintegração à vida social, escolar e profissional do adolescente que sai da medida socioeducativa é um outro desafio, pois, ao ter sua liberdade, ele precisa de apoio para um projeto de vida e, por isso, são promovidos projetos que permitam ao adolescente continuar seus estudos e se profissionalizar, mesmo privado de sua liberdade.

A adolescência é um período de desenvolvimento em todos os aspectos (físico, emocional, psicológico e espiritual), é uma fase de rápido desenvolvimento humano, por isso é também preocupante, uma vez que os adolescentes são mais vulneráveis a algumas doenças como DSTs, HIV/aids, a exploração sexual, uso e venda de drogas, exploração do trabalho, violência, e ainda, sofrem com as incertezas do mercado de trabalho²⁰.

A mídia e a sociedade levam os adolescentes a desenvolverem valores de consumo, enquanto, muitas vezes, eles não têm acesso aos bens de primeira necessidade como a alimentação, a higiene, a saúde e o vestuário. Desse modo, os adolescentes são levados a cometer ato infracional por restrições encontradas no meio familiar como, por exemplo, a vontade ou a necessidade de “ter” algo e não poder comprar ou comer. Também a desestrutura familiar contribui para que crianças e adolescentes procurem maneiras de extravasar tais deficiências.

¹⁹ <http://www.unicef.org/brasil/medidassocio.htm>. Acesso em 12 de novembro de 2006.

²⁰ <http://www.unicef.org/brasil/qualidadedevida.htm>. Acesso em 12 de novembro de 2006.

O ECA vai contra a história de um passado de abandono, de indignidade, de injustiças, de violência e de exclusão social, da época em que vigorava o Código de Menores e a Legislação de Menores, ao garantir os direitos de cidadãos à população infanto-juvenil do Brasil. Sustentado por uma doutrina de proteção integral, afirma a importância da criança como ser humano em desenvolvimento “em condições de liberdade e de dignidade” (ECA, art.3º). Lembrando que o ECA considera “criança”, a pessoa com idade até doze anos incompletos, e, entre doze e dezoito anos de idade, adolescente. Também o ECA é aplicado de forma excepcional às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

2.3 Mais um aliado: Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) é um documento recente, aprovado em 8 de junho de 2006, que norteia as medidas socioeducativas. Foi organizado em fevereiro de 2004 pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), por meio da Subsecretaria Especial de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SPDCA), juntamente com o CONANDA, que também é apoiado pelo UNICEF.

O SINASE tem como objetivo essencial desenvolver ações socioeducativas apoiadas “nos princípios dos direitos humanos” (SINASE, 2006, p. 13), é estruturado em “sólidas bases éticas e também pedagógicas” e parte do fato de que os adolescentes em conflito com a lei “têm sido submetidos a situações de vulnerabilidade o que demanda o desenvolvimento de política de atendimento integrada com as diferentes políticas dentro de uma rede integrada de atendimento, e, sobretudo, tornar efetivo o Sistema de Garantia de Direitos” (p. 17).

O SINASE traz diferentes dados estatísticos sobre os jovens brasileiros marcados pelas diferenças sociais e econômicas e propõe não só um reordenamento institucional das unidades de internação e discussões sobre o tema como também uma política que contemple os direitos humanos para, assim, transformar o problema da atual realidade desses jovens, a fim de lhes proporcionar oportunidades de mudança.

A Constituição Federal e o ECA concretizaram o sistema de “proteção geral de direitos” de criança e de adolescente, visando à efetiva implementação da Doutrina de Proteção Integral conhecida como Sistema de Garantias de Direitos (SGD). Nesse sistema, são incluídos princípios e normas que governam a

política de atenção a criança e adolescentes cujas ações são promovidas pelo Poder Público (em sua esferas - União, estados, Distritos Federal e municípios – e Poderes – Executivo, Legislativo e judiciário) e pela sociedade civil, sob três eixos: Promoção, Defesa e Controle Social (SINASE, 2006, p.21).

No cerne do SGD, há vários subsistemas que cuidam de situações peculiares. Um desses subsistemas é o SINASE que se relaciona com e sofre interferências de outros subsistemas pertencentes ao SGD, como o da saúde, da Educação, da Assistência Social, da Justiça e da Segurança Pública. O SINASE é ordenado por um conjunto de princípios, regras e critérios e têm um caráter, além de jurídico e político, também pedagógico, financeiro e administrativo, de modo que se propõe participar desde o início do processo, ou seja: desde a apuração do ato infracional até a conclusão da medida socioeducativa, seja ela qual for.

O SINASE é um sistema nacional que inclui “os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todas as políticas, planos e programas específicos de atenção a esse público” (SINASE, 2006, p. 22). Também esse sistema é formado por uma política pública com mecanismos destinados à inclusão do adolescente que se encontra em conflito com a lei.

O SINASE busca iniciativas de distintos campos das políticas públicas e sociais. É nessa via que a responsabilidade do SINASE pela concretização dos direitos básicos e sociais desses jovens é indispensável, pois articula-se com outras áreas de interesses comuns, para, assim, fortalecer as ações, tendo também a participação da sociedade civil para reduzir a exclusão social a que muitos dos jovens estão sujeitos.

2.4 Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação de Mato Grosso do Sul

A Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação (doravante minuta) tem como finalidade ajudar os adolescentes que cumprem medida

socioeducativa de privação de liberdade a desenvolverem bons relacionamentos com a sociedade, ajudá-los a abandonar as atitudes e comportamentos desregrados e a conduta delituosa, a fim de construir um outro modelo de vida. Também visa a dar aos internos condições para desenvolverem suas potencialidades almejando uma formação integral como indivíduo, incluindo escola, profissionalização e o preparo para exercer a cidadania.

Conforme a minuta, o processo educativo das UNEI segue os princípios do ECA e fundamenta-se em uma proposta pedagógica visando à formação dos adolescentes pelo viés de atividades variadas e orientadas para oferecer, aos adolescentes um ambiente favorável à sua reabilitação ou habilitação para a futura (re)integração à sociedade.

Essa proposta visa dar oportunidades aos adolescentes por meio do Plano Individual de Atendimento (PIA), para, desse modo, nortear a ação educativa individualmente, caso necessário. Envolve a participação de todo o pessoal da instituição, ou seja, todos aqueles que convivem diretamente com os adolescentes.

Vale ressaltar que não foi o nosso propósito verificar se essa proposta pedagógica está articulada com as ações realizadas nas Unidades, mas analisamos os discursos das adolescentes e das diretoras das UNEI tendo como parâmetro todo o contexto, o ECA e o SINASE, bem como a Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação do Mato Grosso do Sul, já que todas as UNEI do estado de Mato Grosso do Sul, tanto masculinas, quanto femininas, terão em breve o Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação.

Após essas considerações sobre as crianças, os adolescentes, o ECA e seus aliados, passaremos ao capítulo III com as análises do *corpus*.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DAS ADOLESCENTES AUTORAS DE ATO INFRACIONAL E DAS DIRETORAS DAS UNIDADES EDUCACIONAIS DE INTERNAÇÃO (UNEI)

Este capítulo analisa o discurso das adolescentes e das diretoras, cujos enunciados estão dispostos conforme a identificação por Unidade, já mencionado no capítulo II, e analisados nas seções 3.1 (adolescentes) e 3.2 (diretoras), que são resultados das questões que se encontram em anexo (documentos de língua oral). O que significa que foram analisadas diferentes falas de um mesmo sujeito.

3.1 As adolescentes da UNEI: discurso e representação

Nessa seção analisamos o discurso das catorze adolescentes, sendo que as de Campo Grande foram identificadas de um a seis e as de Dourados de sete a catorze. Ressaltamos que a ordem das perguntas das entrevistas a seguir não é a mesma do anexo (roteiro das entrevistas) e as formações discursivas estão enumeradas por seção, conforme informamos no capítulo anterior.

3.1.1 Opinião das adolescentes sobre seus pais

S₁- Hoje:: eu avaliei minha mãe porque... ela mudou muito ela tá cem por cento ela agora está mais carinhosa... ela tá diferente... ela::... uma mãe melhor do que outra (...) eu não tenho pai. ((não quis falar sobre seu pai))

S₅- A minha mãe eu não tenho que falá dela mas... meu ... meu pai eu num moro com ele e ele nunca me deu atenção até hoje (...) da minha mãe eu

gosto... mas... do meu pai:: gostá dele eu gosto mais::... pra ele exige alguma coisa de mim hoje... acho que ele... num vai tê... num vai tê direito.

S₉- Bom... meu pai é falecido... minha mãe:: eu amo demais minha mãe só que... eu perdô ela por ela ter me abandonado na hora que eu mais precisei... antigamente... só que agora eu perdô ela porque agora ela tá me ajudando aqui dentro... é uma pessoa que eu magoei muito... olho pro lado dela e olho pelo meu lado também que eu errei e ela errô... nós duas sabe muito bem que nós fiz... e hoje se não fosse a minha mãe.... não sei o que seria de mim.

S₁₂- Ah:: eu acho que são assim... dois irresponsáveis porque:: a minha mãe não me aceita em casa mais... porque eu casei... é:: com doze anos porque::... eu num tava agüentando mais sê ispancada pelo meu padrasto... desde então ela não me aceita mais em casa... e meu pai num me aceita em casa também por causa que eu num si dou bem com a minha madrasta... e porque eu conheci ele ((o pai)) também com doze anos... e ele num me conhece direito e eu também num conheço ele e é aí que entra o preconceito.

O sujeito (S₁), ao avaliar sua mãe, usa os dêiticos temporais “hoje” e “agora”, que revelam um tempo atual, uma mudança recente para melhor, em relação ao carinho recebido por sua mãe. No enunciado, “ela agora está mais carinhosa... ela tá diferente...”, o dêitico “ela” e o marcador qualitativo “carinhosa” referem-se à mãe, o que faz emergir no discurso de S₁ uma FD1, a afetiva. S₁ (res)significa o conceito de mãe por meio do interdiscurso que está sedimentado na memória discursiva, e esta sustenta o seu dizer acerca da imagem da mãe, ou seja, de discursos já cristalizados em nossa sociedade “... uma mãe melhor que outra”, já que mãe é, no imaginário social: “bondosa”, “compreensiva”, “carinhosa”. Se toda mãe erra e acerta, “cai” e “levanta”, chora e ri; mãe não é um ser diferente dos outros, ela tem defeitos e qualidades.

Conforme Teves (2002, p. 64), o imaginário social, enquanto sistema simbólico, reflete práticas sociais que são, na sociedade, produções de sentidos consolidados que tornam possível a regulação, tanto do comportamento quanto de identificação, bem como a distribuição de papéis sociais. Nessa óptica, no funcionamento do discurso, o interdiscurso (discurso maternal) produz efeitos de sentido legitimados pelo imaginário social que regula e distribui o comportamento materno.

No dizer de S₅, há um processo de constituição dos sentidos por meio da memória discursiva em relação à figura paterna, o que marca a diferença entre a mãe e o pai.

Essa diferença evidencia a preferência pela mãe, fazendo emergir em seu discurso uma FD2, afetiva/familiar, que determina seu dizer pelo enunciado: “A minha mãe eu não tenho que falá dela **mas**... meu... meu pai [...]”. O conectivo “mas” (repetido três vezes) mostra o sujeito argumentando em seu próprio favor e sendo contrário em relação às atitudes de seu pai: S₅ sente-se “desprezada” por ele, pelo fato de ele não lhe dar atenção e carinho

O enunciado: “ele nunca me deu atenção até hoje...” marca, no discurso de S₅, uma FD3, pesarosa em relação à figura paterna, o que produz sentidos de desabono. Destacamos, neste caso, o efeito de sentido de indignação que o operador “até” produz; há um efeito de distanciamento entre S₃ e seu pai, que ainda continua agindo assim, legitimado pelo dêitico temporal “(até) hoje”. Isso atesta o seu dizer no enunciado “... pra ele exige alguma coisa de mim hoje... acho que ele... num vai tê... num vai tê direito”; é por meio do dito de outro modo que o sujeito diz não precisar obedecer ao pai.

Essa afirmação possibilita surgirem novos sentidos que são convocados a emergir para continuar produzindo efeitos, necessários para garantir sua posição de filha que não deve explicação ao pai, que não tem direito de exigir-lhe algo, pois não lhe dá carinho nem atenção. É como se S₅ já estivesse se defendendo de qualquer eventualidade, exigência ou pedido que pudesse surgir por parte de seu pai, e que poderá ser negado por ela.

S₉ representa-se por meio do dêitico pessoal (singular): “eu amo”, “eu perdô”, “me abandonado”, “me ajudado”, “eu magoei”; posiciona-se como sujeito de seu discurso e produz sentidos às suas experiências passadas e presentes, porém como uma pessoa diferente e transformada, já que sabe e reconhece seu erro.

No que se refere à heterogeneidade mostrada, S₉ retoma o discurso do outro, marcado na materialidade lingüística por meio do dêitico “ela” (mãe) e, com isso, inscreve de forma consciente o outro em seu espaço discursivo produzindo, como efeito de sentido, uma separação clara entre o seu dizer e o dizer do outro.

S₉, assim como S₁, (res)significa o outro (a mãe), a quem passou a representar de maneira positiva, num processo de identificação mediante atitudes (re)pensadas: “**só** que **agora** eu **perdô** ela porque **agora** ela tá me ajudano **aqui** dentro”. É possível constatar,

nesse caso, pelo articulador “só que”, que a mãe foi incluída recentemente em sua vida, sentido legitimado pelos dêiticos “agora” e “aqui”: a mãe passou a ser diferente, passou a dar-lhe atenção. O discurso do perdão faz irromper uma FD4, a religiosa, pois faz eco ao discurso religioso do perdão, sem mágoas e sem ressentimentos.

S₉ passa a reconhecer o outro como mudado, transformado, o que faz imbricar, na FD religiosa, uma FD5, a afetiva, pois houve a aceitação de ambos os lados, tanto por parte da mãe, quanto por parte de S₉, que mostra uma dependência afetiva, uma gratidão por sua mãe. O operador condicional “se” merece destaque, pois é possível constatar que o sujeito evidencia essa dependência pela mãe, na atual circunstância – “e hoje se não fosse a minha mãe”. Desse modo, vemos a identidade e a diferença (o outro) como inseparáveis; a identidade não é acabada nem estável, mas contraditória e aliada a sistemas de representações (SILVA, 2000).

Já S₁₂, diferentemente de S₁, S₅ e S₉, revela-se maltratada por causa das atitudes tanto dos pais quanto do padrasto e da madrasta e os representa como pessoas irresponsáveis pelo fato de não a aceitarem. Justifica o fato de ter-se casado aos doze anos, por causa de maus tratos. Tanto é que S₁₂ não aceita o tratamento recebido, o que faz irromper uma FD6, pesarosa, de conflito, fazendo que se distancie do saber dessa FD, contra-identificando-se “com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua interioridade subjetiva” (PÊCHEUX, 1988, p. 217-218).

S₁₂ traz para seu dizer diferentes vozes, os outros que constituem o seu dizer, marcados na superfície lingüística (mãe, padrasto, marido, pai, madrasta), e seleciona o léxico conforme interesses, produzindo um efeito de sentido que “esconde” a heterogeneidade de todo dizer.

Ao selecionar, procura evidenciar apenas um sentido por meio do operador “não”, explícito nos enunciados: “minha mãe **não** me aceita em casa”; “eu **nun** tava agüentano mais se ispancada pelo meu padrasto”; “meu pai **num** me aceita”; “**num** si dou bem com a minha madrasta”, emergindo em seu discurso uma FD7, a de vitimização. Esse sentido é nítido no discurso de S₁₂, ao colocar-se como abandonada e rejeitada por seus familiares, como se pudesse ser apenas desse modo.

S₁₂ entra na ordem do discurso, já que fala de um lugar que reconhece esse dizer, o dizer do segregado. Ao entrar nessa ordem, S₁₂ transfere o poder da família para a instituição que deverá cuidar dela, pois não pode ficar com uma família “irresponsável”.

Ao perguntamos às adolescentes se admiram alguém de modo especial, obtivemos respostas que permitiram a visibilização de como o outro é construído em seus discursos.

3.1.2 Admiração por alguém de modo especial

S₂- (...) Ah... o R um ex-ficante meu (...) Ah::: porque ele é legal... ele era bem diferente que eu... ele num fumava... num fazia nada me dava conselho tamém... mais... eu queria essa vida (...) Ah... porque tamém queria dinheiro () e nunca conseguia... eu... eu pensei assim... ah... droga é dinheiro fácil mais tamém foi fácil... eu vim rápido.

S₄ . Admiro minha avó por ela ser uma pessoa boa... uma pessoa já de idade... que pensa melhor que um adolescente... dá muito conselho bom (...) Admiro mais a minha avó... admiro meu avô... todo mundo da minha família... mais principalmente minha avó porque ela me trata melhor que todos.

S₇- Assim... eu não tenho ninguém de forma particular... mais eu admiro aquelas pessoas que acordam cedo... vão trabalhar... põem assim uns alimentos na mesa dos filhos que eu acho muito guerreira... então eu admiro.

S₁₂- Eu nunca tive motivos pra tê assim em vida... pra admirá uma pessoa então... eu não admirei ninguém... porque aos doze anos quando procurei o conselho tutelar... é:: pedi ajuda... porque eu tinha acabado de largar o meu marido... aí minha família começou a me rejeitá. ((S₁₂ disse que pelo fato de ter ido ao conselho tutelar com doze anos de idade, a família não quis mais saber dela, por isso, passou a viver em abrigos))

S₂ faz sua representação de forma subjetiva, por meio dos dêiticos pessoais “... bem diferente que **eu**...”; “... **me** dava...”; “... **eu** queria essa vida”; “...queria dinheiro”. Ao representar-se assim, S₂ posiciona-se como diferente e excluído socialmente. Ao ocupar essa posição, é tomado pela memória que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31). S₂ assume a escolha por “essa vida” e não se mostra arrependido, pois afirma que queria dinheiro, mas

nunca conseguia: para o sujeito não importa de que forma consiga o dinheiro, o importante é que venha rápido.

No enunciado: “droga é **dinheiro fácil**”, emerge uma FD1, a financeira, atravessada por discursos já sedimentados na sociedade em relação à venda de drogas (“dinheiro fácil”; “pessoas enriquecem com o tráfico de drogas”; “não trabalha, trafica”). Em: “eu queria essa vida” e “eu vim rápido”, emerge a segunda FD, que remete ao perigo, à aventura, marcados pelas formas verbais e o operador modal, respectivamente, “queria”, “vim” e “rápido”, o que evidencia sua responsabilidade na contravenção cometida.

Segundo Pêcheux (1997, p. 82), “existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)”. S₂ posiciona-se diante de (R) como diferente, evidenciando uma oposição entre certo/errado, respectivamente “ele” (R) e “eu” (S₂). Em cada fala de S₂, transparece essa oposição marcada por meio do operador de negação, da oposição entre S₂, que cometeu ato infracional, e (R), que não o cometeu, “... ele **num** fumava, **num** fazia nada...”; o operador “num” (não) traz efeitos de sentido bons; é um modo específico de argumentação para evidenciar as qualidades do outro, o que faz irromper uma FD3, a afetiva.

Então, enquanto S₂ fumava e fazia coisas “erradas”, (R) não fumava e não fazia nada de “errado”; era diferente. É por meio da memória que a identidade é construída, pois a memória mantém o sentido que age pelos efeitos e processos, que podem ser “tanto de lembrança, de redefinição, e de transformação quanto de esquecimento, de ruptura e de denegação do vivido e do já-dito” (INDURSKY; CAMPOS, 2000b, p.12).

É por meio dessa oposição, desse conflito, que a identidade e a diferença constituem-se como “o outro como aquilo que eu não sou, no meu imaginário, mas sem o qual eu não existo” (GRIGOLETTO, M. 2006, p. 16-17). Verificamos que S₂ admira (R) por ser diferente, por não fazer coisas “erradas”, por dar conselhos. No enunciado “**mais...** eu queria essa vida”, o conectivo “mas” liga dois atos diferentes, adversos, e institui uma oposição de idéias, de ações. Essa oposição instaurada entre “bom (R)” e “não-bom (S₂)” é atestada pelas condições de produção do discurso de S₂ (“**também** foi fácil... eu vim rápido”) articulado por meio do operador “também”, que gera sentidos de acréscimo, de inclusão em relação à opção por essa vida.

A idade parece ser um fator relevante para S₄, no que diz respeito à confiança, à experiência de vida, uma vez que admira sua avó não só pelo fato de ser uma pessoa bondosa, mas também por ser uma pessoa de idade com mais experiência de vida, o que se verifica no enunciado: “uma pessoa já de idade... que pensa **melhor que** um adolescente”. O operador de comparação em destaque produz sentidos de credibilidade, de confiança pelo outro (avó), e faz irromper uma FD₄, a afetiva.

S₄ tem uma imagem positiva do outro (avó), marcada por meio do operador de comparação “melhor que”, estabelecida entre qualquer adolescente e a avó, que representa o saber. Assim, S₄ admira a avó por ter mais experiência que um jovem, diferentemente de S₂, que admira um jovem, Isso evidencia que tanto S₄ quanto S₂ admiram as atitudes, o comportamento correto do outro.

No enunciado, “admiro meu avô... todo mundo da minha família...”, o discurso sobre a família faz emergir a quinta FD, afetiva/familiar, mas S₄ parece preocupar-se com o que o outro (interlocutor) pode pensar e, com isso, estabelece valores para não transgredir a “unidade composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 284). Parece haver a preocupação com a construção de sua identidade, enquanto um sujeito que está privado, mas que tem valores pessoais, remetendo à preservação da face a que se referiu Maingueneau (2005)²¹.

O conectivo “mas” (“mais principalmente”) introduz uma idéia de oposição (diferença) entre todos da família e a avó, a quem admira; já o “porque” traz a causa de tal admiração como sendo indiscutível.

O laço emocional que tem pela avó, em virtude da confiança e do carinho recebidos, faz que S₄ construa uma identidade do outro (avó) marcado pela forma de tratamento, pelo sentimento. Isso contribui para a construção de sua própria identidade, confirmando as palavras de Hall (2000, p. 108): as identidades, na modernidade tardia, são “cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”.

²¹ A face positiva, para o autor, “corresponde à ‘fachada’ social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros” (ibid., p. 38).

S₇ não admira ninguém de seu conhecimento. No enunciado “mais eu admiro aquelas pessoas que acordam cedo [...] põem assim uns alimentos na mesa dos filhos [...] guerreira...”, essas “pessoas guerreiras” parecem não fazer parte de sua família e tampouco do rol de amizades. No que se refere à heterogeneidade constitutiva, verificamos um sujeito interpelado e afetado pelo inconsciente, por isso comete falhas e tem a ilusão de ser origem do que diz, pois não percebe as fronteiras que demarcam outros dizeres que constituem o seu discurso.

S₇ traz para seu discurso outros dizeres que se cruzam e tecem seu discurso; há o outro constitutivo atravessado por outros discursos num jogo inevitável de interferências, conforme afirma Authier-Revuz (2004, p. 68): “o discurso se constitui, pois, por meio de um *encaminhamento dialógico*, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo ‘*meio*’ dos outros discursos”.

Os sentidos que o conectivo “mas” contrasta parecem mostrar que faltaram alimentos e garra (pessoas “não-guerreiras”) de sua família, evidenciando uma FD6 pesarosa. “Pessoas guerreiras” pode representar a internalização do discurso institucional, de valores sociais, do jogo entre o que é “certo” e o que é “errado”, emergindo uma FD7, que é a pedagógica, “como discurso da Verdade” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 75). As condições de produção do discurso de S₇ favorecem que tenha o poder de representar sua família como “não-guerreira”.

Nessa óptica, S₇ diz de um modo que permite que o “não-dito que é história” signifique (ORLANDI, 1992, p. 22). Esse não-dito parece estar relacionado com sua família, pois diz não admirar ninguém de modo especial, mas sim pessoas que trabalham e dão comida para os filhos; é evidente que S₇, como filha, não tem pessoas em sua família (pai, mãe, irmãos) com essas qualidades para admirar.

S₁₂ representa-se por meio do dêitico “eu” (embreante de pessoa): “**eu** nunca tive”, “**eu** não admiru”. Desse modo, acrescentam-se à representação, além das práticas de significação de si, também os sistemas simbólicos²² para que os significados sejam produzidos, e, com isso, S₁₂ posiciona-se como um sujeito rejeitado.

²² “fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (WOODWARD, 2000, p. 19).

Ao ocupar uma posição-de-sujeito particular diante do mundo, das suas experiências e de sua cultura, S₁₂ mostra-se só, “perdida”, uma vez que se acha rejeitada pela família (“minha família começou a me rejeitá”). O discurso sobre a rejeição faz irromper no discurso de S₁₂ uma FD8, pesarosa, o que produz significados relativos a uma identidade de excluída, de rejeitada, sem qualquer identificação com alguém, já que afirma “... eu me vejo ninguém...”. Conforme Hall (2000, p. 106), “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”.

A identidade determina o encontro do passado com as relações sócio-econômicas e culturais atuais. Diante disso, o que S₁₂ está vivendo hoje parece ser uma consequência daquilo que já viveu com sua família, evocando o discurso determinista²³ (“O homem nasce bom; a sociedade o corrompe”). O conectivo “porque” revela-se bastante eficaz por propor a causa pela qual S₁₂ não tem motivos para admirar alguém; seu discurso fornece pistas para interpretarmos a atitude da família que é construída por S₁₂ como irresponsável – “procurei o conselho tutelar”. O discurso do conselho tutelar funciona como um escudo para se proteger da atual circunstância e faz irromper uma FD9, a jurídica, que produz efeitos de sentido negativos em relação à sua família.

Nessa óptica, parece que a identidade de S₁₂ está em crise, em conflito tanto familiar e social quanto econômico. Esses conflitos geram uma identidade marcada pela incerteza e pela exclusão.

A análise a seguir mostra a opinião das adolescentes da UNEI em relação ao uso e à venda de drogas.

3.1.3 Opinião quanto ao uso e a venda de drogas

S₁ - Ai... isso pra mim era muito:... eu ganhava bem dinheiro... fuMAva... de vez em quando pegava prá vendê... aí:... depois me pegaram eu vim prá

²³ “Doutrina filosófica que implica a negação do livre-arbítrio e segundo a qual tudo, no universo, inclusive a vontade humana, está submetido à necessidade” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 68).

cá (...) eu acho é que eu não devia tê feito... que eu sou de meNOR e que eu ia sair mesmo.

S₂- Ah... eu não acho nada... eu fumu e num achu nada... não tenho nada contra quem vende nem quem fuma.

S₃- Errado (...) Ah... porque sei lá... droga acaba com a vida de muita gente... até com a minha... ó onde eu tô.

S₈- Ah:: eu acho que num compensa é uma vida que você entra e:: o caminho só tem dois... e sobre a venda... eu aprendi uma lição que:: eu acho que num compensa não... eu acho que não compensa não... é isso (...) A cadeia e a morte. ((cadeia e morte são os dois caminhos apresentados por S₈ quanto ao uso e venda de drogas))

Ao representar-se por meio do dêitico “eu”, S₁ evidencia sua subjetividade num contexto social, no qual o que diz significa e produz uma identidade marcada pelo ato cometido. Afirma que além de ganhar dinheiro, também fumava, o que para S₁ parece ser bom, divertido “fumar”, como observamos no enunciado: “... eu ganhava bem dinheiro... **fuMAva...**” surgindo no seu discurso uma FD1, a de uma pessoa viciada em drogas e traficante.

O outro que constitui seu discurso é indeterminado “me pegaram”, porém recuperável dadas às condições de produção do seu discurso, ou seja, a Polícia. Esse outro é diferente de S₁, que se identifica como diferente desse outro, verificado também por meio do dêitico espacial “cá”, lugar de onde enuncia, onde se encontra isolada, o que produz efeito de uma pessoa excluída (socialmente), ao representar-se por “me pegaram”; “eu vim prá cá”.

Segundo Silva (2000, p. 91), “A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”. Ao afirmar sua identidade, S₁ marca a diferença (o outro) e identifica-se como alguém em conflito com a lei, pois entre a identidade e diferença há uma relação social e de poder; elas são impostas, disputadas num campo com hierarquias (ibid., p. 81).

Em: “... eu não devia tê feito”, S₁ parece arrepender-se do ato praticado, porém, em seguida, ao afirmar “... eu sou de **meNOR** e que eu ia sair mesmo”, S₁ tem certeza de

que, pelo fato de ser menor de idade, ficará pouco tempo na Unidade, pois a idade serve de escudo para o pouco tempo na Unidade. Isso possibilita ao sujeito achar “divertido” quando ressalta em sua fala os itens lexicais: “fuMAva” e “meNOR”. O discurso sobre a menoridade faz emergir uma segunda FD, a jurídica, e gera sentido de “diversão”. A certeza de sua saída é evidenciada pelos operadores “e” e “mesmo”, que dão idéia de confirmação do pouco tempo de isolamento, e mostram que S₁ tem conhecimento do que “diz a lei”.

De acordo com o ECA, art.108: “A internação, antes da sentença, pode ser determinada pelo prazo máximo de quarenta e cinco dias”. No parágrafo único do mesmo artigo, afirma-se que a decisão deverá ser baseada e fundamentada em indícios capazes de “autoria e materialidade”, provada a inevitável necessidade da medida de internação, o que leva S₁ enunciar: “... eu sou de meNOR e eu ia sair **mesmo**...”.

S₂ mostra-se “neutra”, em “eu não acho nada”, mas verifica-se o contrário ao demarcar o outro em sua enunciação: “não tenho **nada** contra **quem** vende nem **quem** fuma”, o que faz irromper em seu discurso uma FD3, defensiva. O operador “nada” produz sentido de distância (das drogas), que faz o interlocutor concluir tal distância como verdadeira. S₂ traz para seu dizer o outro, marcado no que se refere à heterogeneidade mostrada, e seleciona as palavras do seu dizer segundo seu interesse, marcando distância entre si e o(s) outro(s).

No fio do seu discurso marca o outro, “quem”, indefinido, a não-pessoa, que pode ser o traficante e/ou o viciado, ou seja, a projeção do outro se mostra, transformando, desse modo, a homogeneidade dissimulada de S₂ com esse outro. Como afirma Authier-Revuz (2004, p. 12), é no fio discursivo que “real e materialmente, um locutor *único* produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, em sua linearidade, *o outro*”.

Observamos que S₂ diz de um modo e não de outro ao afirmar “... eu fumu e num achu nada...”. Poderia dizer, “eu fumo e concordo com o uso e a venda de drogas”, mas seleciona em sua fala as palavras para explicitar a sua aparente neutralidade e, com isso, produzir a impressão da verdade. O sujeito constrói uma identidade marcada pela exclusão social, já que parece identificar-se com um grupo socialmente estigmatizado pela sociedade, pois assume sua posição diante das drogas, “eu fumo e num acho nada”. Conforme Pêcheux

(1988, p. 173-174), “não há fronteira ou solução de continuidade ‘no interior’ de uma formação discursiva, de modo que o acesso ao ‘não-dito’ como ‘dito de outro modo’ (aceito ou rejeitado) permanece constitutivamente aberto”.

S₃ evidencia efeitos de sentido de verdade por meio da forma verbal “acaba” que indica afirmação indiscutível sobre o resultado do uso das drogas na vida das pessoas. O dêitico “gente” remete ao sujeito social cujo referente são as pessoas, qualquer pessoa, um rol em que S₃ se inclui, ou seja, as pessoas que tiveram suas vidas arruinadas pelas drogas. Ao representar-se pelos dêiticos (ou embreantes de pessoa) “minha” e “eu”, denuncia a presença do sujeito individual: S₃ reconhece-se como alguém que cometeu um ato infracional e, por causa disso, está na Unidade, espaço referido como negativo, efeito produzido pelo “onde” no tipo de construção em que se insere.

S₃, ao representar-se tanto pelo “gente”, quanto pelo “eu”, assume identificação com uma FD4, pesarosa ou de arrependimento, enquanto um sujeito que se destruiu por envolver-se com drogas. Desse modo, a voz de S₃ articula-se nas representações que faz por meio de “gente” e “eu”. Também, S₃ refere-se à UNEI: “... ó onde **eu tô**.”, e identifica-se como excluída (estigmatizada socialmente). É possível verificar isso pelo uso da forma lexical reduzida “ó” (olhe, veja) que usa para chamar a atenção do interlocutor, pois está em uma instituição que isola, tem regras, normas e vigilância, além de estigmatizar seus internos.

Para Foucault (2006, p. 148), “O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina”. S₃ vê-se diferente em relação àqueles que não estão na UNEI, pois as relações de poder são inseparáveis da identidade e da diferença, o que lhe tira o poder de representar-se com uma identidade marcada pela aceitação social; é a imagem que faz de si, dos marcados pela sociedade, ou seja, uma identidade que “foge” da normalidade, do socialmente aceitável.

Merece destaque, neste caso, o efeito de sentido produzido pelo operador “até”, que evidencia a “diferença” entre S₃ e os outros: há um efeito progressivo de distanciamento de S₃ em relação aos outros. Ao enunciar “até com a minha”, o não-dito significa: eu não sou igual aos outros, não merecia estar “aqui”, mas estou.

O discurso sobre as drogas faz emergir no discurso de S₃ duas FD que se imbricam, produzindo duplo efeito de sentidos: uma FD5, a médica, que evidencia a preocupação com a saúde dos outros (“acaba com a vida de muita gente”), e uma FD6, que é a pesarosa (no sentido da não-liberdade “acaba com a vida de muita gente”).

S₈ contra-identifica-se com o saber da formação discursiva associada ao ato praticado, por meio de uma tomada de posição, e vai contra a forma-sujeito à medida que o interdiscurso (os já ditos sobre a prisão) determina sua contra-identificação com a formação discursiva na qual a evidência do sentido lhe é dada para que a rejeite (PÊCHEUX, 1988, p. 216).

No enunciado, “eu acho que num compensa”, repetido três vezes, constatamos a contra-identificação do discurso de S₈, que consiste em “uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe dá ‘a pensar’” (PÊCHEUX, 1988, p. 215). Desse modo, S₈ discorda, rejeita, diverge da formação discursiva decorrente da tomada de posição que o faz pensar.

No enunciado, “o caminho só tem dois (...) A cadeia e a morte”, também se reforça tal contra-identificação, por meio das palavras “cadeia” e “morte”, que fazem jogos de representações, já que “cadeia”, mesmo com privação de liberdade, parece representar vida, enquanto morte parece representar “o fim” dessa vida incerta. “Cadeia” e “morte” remetem a já-ditos, ou seja, não há outra alternativa quanto se opta por essa vida, mas apenas essa apresentada por S₈, que faz emergir sentidos já cristalizados na sociedade acerca da imagem da prisão (“Aqui se faz, aqui se paga”; “O que não se aprende com o amor, se aprende com a dor”). Então, paga-se com a cadeia, ou paga-se com a (perda da) vida. É por meio da memória e do esquecimento, dessa mistura, que os sentidos são convocados a retornar, a repetirem-se sob forma de esquecimento para continuarem a produzir seus efeitos.

Para Foucault (2004), não é qualquer um que pode sustentar um discurso; antes é preciso um direito reconhecido de falar; deve ser proibido aquilo que coloca a ordem em ameaça, de modo que há procedimentos de exclusão que recaem sobre o discurso. Nessa óptica, S₈ reconhece que fala de uma instituição onde não se pode falar de tudo, há controle e regras, razão pela qual usa o marcador qualitativo “errado” para referir-se ao ato praticado.

Em, “eu aprendi uma lição”, irrompe uma FD7, pedagógica. S₈ mostra-se transformado ao afirmar ter aprendido a “lição”, que produz sentido de verdade por meio de “aprendi”, forma marcada pela convicção e pelo sentido de fato consumado.

Analisaremos a seguir enunciados das adolescentes sobre a avaliação que elas fazem de suas vidas como internas na UNEI.

3.1.4 Como avaliam suas vidas

S₄- Eu queria:: tá fora daqui... estudando... trabalhando... ajudando minha família... me ajudando e::... o arrependimento... me arrependo muito das coisas que eu fiz... de não ter ouvido os conselho de minha família.

S₆- Hoje... hoje:: eu vejo que:: eu errei muito... e que devia tê continuado o meu curso... o meu estudo... eu não devia tê parado porque se eu tivesse continuado estudano eu num teria ido presa... porque se eu tivesse na escola... a hora que eles... que a pulícia foi lá em casa eu ia tá estudano... né? mais hoje eu me vejo uma menina diferente... pensei muito sobre tudu que eu fiz... quero mudá a minha vida... quero mudá a minha vida pra melhor.

S₇- Eu analiso que eu perdi minha infância muito cedo... pois com doze anos eu já comecei a traficá... usá droga e hoje eu não tive infância... então... eu analiso a minha vida meio que sem futuro... mas o futuro vem pela frente... a gente é que faz ele.((S₇ tem 17 anos)).

No enunciado: “**Eu queria:: tá fora daqui...** estudando...ajudano a minha família... **me ajudando** e::...”, os efeitos de sentido produzidos são convocados a emergir, fazendo transparecer o complexo conflitante de S₄ por estar na UNEI, ou seja, diz querer ajudar-se e ajudar a família, mas está impedido de fazê-lo. Assim, argumenta na direção de persuadir o outro: se estivesse fora dali, poderia ajudar a si e ao outro.

S₄ seleciona as formas verbais, “estudando”, “trabalhando”, “ajudando” para referir-se à vida fora da instituição, com oportunidades, o que produz efeitos de sentido negativos em relação à instituição e positivos em relação a si: é capaz de realizar coisas positivas. O que se evidencia, por meio do não-dito (que significa), é que a instituição não lhe proporciona oportunidades; sentido marcado, na materialidade lingüística, pela seleção

lexical “fora daqui”, que evoca uma FD1, a pesarosa, pois o dêitico espacial “(d)aqui” remete ao lugar de onde enuncia, que rejeita, e representa-o como um lugar sem perspectivas de melhora, embora o ECA preveja, no artigo 124, inciso XI, que os (as) adolescentes privados de liberdade têm o direito de “receber escolarização e profissionalização”, com a finalidade a ressocialização.

Os conflitos de S₄ evidenciam uma identificação marcada pela exclusão social, pois está isolado na Unidade. Vale ressaltar que a identificação com algo ou alguém aparece “na medida em que essa voz encontra eco, de modo positivo ou negativo, no interior do sujeito” (CORACINI, 2003, p. 243).

Em: “e::... **o arrependimento... me arrependo** muito das coisas que eu fiz...”, produzem-se efeitos de sentido de mudança para melhor, mudança de comportamento, de atitude. O discurso do arrependimento faz emergir uma FD2 atravessada pelo religioso. O arrependimento de S₄ evidencia sua subjetividade e isso significa à medida que produz uma outra identidade, uma identidade transformada, “profundamente envolvida no processo de representação”, vez que “a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (HALL, 2005, p. 71).

Como é possível verificar no enunciado: “Hoje... hoje:: eu vejo que:: **eu errei muito...**”, há uma identificação de S₆ com a forma-sujeito da FD3 pesarosa, sendo essa forma-sujeito o domínio do saber que regula *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 1988, p. 160). A forma-sujeito, por sua vez, é a maneira “pela qual o ‘sujeito do discurso’ se identifica com a formação discursiva que o constitui” tendendo “a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso”²⁴.

As expressões verbais “(eu) errei”, “devia tê continuado”, “não devia tê”, “se (eu) tivesse”, “(eu) num teria” deixam transparecer marcas de arrependimento, e nos fornecem pistas da culpa de S₆ no ato praticado, o qual marcou sua vida.

No enunciado “mais **hoje eu me vejo** uma menina **diferente**”, irrompe uma FD4, a pedagógica, que produz sentido de verdade, de certeza, por meio do dêitico temporal

²⁴ PÊCHEUX, 1988, p. 167.

“hoje” e da forma “vejo”, no presente durativo, que marcam o momento da enunciação, portanto as condições de produção de seu discurso, que designam seu lugar, o lugar de quem aprendeu “a lição”, já que a proposta da instituição é a ressocialização, a mudança. S₆ não percebe a fronteira que marca o seu dizer, que é constitutivo do dizer do outro (a instituição), o que coloca em evidência a ilusão de ser a fonte de seu discurso. Para Authier-Revuz (2004, p. 69), “Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”.

S₆ parece estar num processo de mudança, de transformação, de construção de uma nova identidade e busca legitimá-la referindo-se ao passado. Ao contestar o passado (de erros), procura no presente a busca por essa nova identidade (“quero mudá a minha vida pra melhor”). De acordo com Silva (2000, p. 96), “A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição”.

Na análise que faz de sua vida, S₇, por meio da memória discursiva (interdiscurso), constitui o seu discurso e evidencia os sentidos que lá estão sedimentados acerca da imagem da infância (“a infância é importante na vida de todos”, “as crianças brincam na infância”, “brincadeiras da infância”). Assim, no enunciado “eu perdi minha infância muito cedo”, a forma conclusiva, convicta, e o sentido do lexema de “perdi” fazem emergir no discurso de S₇ uma FD5 pesarosa. Para S₇, perder a infância não é uma perda que se esquece, mas, ao contrário, que marca, uma vez que é algo fundamental, uma etapa de sua vida que foi destruída pelas drogas; faz parte de um passado que não volta e não se repõe.

No enunciado “pois com doze anos eu comecei a **tráfica... usá droga e hoje** eu não tive **infância**”, o discurso sobre a infância faz emergir uma FD6, que é a familiar, imbricada na FD pesarosa, o que produz efeitos de sentido negativos em relação à sua infância, aos conflitos familiares e às drogas. O dêitico temporal “hoje” refere-se ao momento do discurso de S₇, momento em que o sujeito passa a “enxergar” a perda da sua infância por causa das drogas. Ocorre uma construção imaginária necessária que constitui seu dizer, ratificando as palavras de Orlandi (1992, p. 18): para produzir sentidos, o sujeito tem a necessidade de tirar o outro, o “múltiplo” do terreno para que a “unidade” possa constituir-se imaginariamente com mais autonomia (“eu analiso”, “eu perdi”, “eu já comecei”, “eu não tive”).

De acordo com Becker (2003, p. 59), “As desigualdades e a injustiça social se refletem profundamente na adolescência”. Nessa óptica, por pertencer a uma classe social de baixa renda, sem condições de suprir suas necessidades básicas, começa, ainda criança, a traficar e a usar drogas para conseguir algum dinheiro, o que traz consequências negativas para sua infância e adolescência.

S₇ conclui que não vê em sua vida um bom futuro, “**então...** eu analiso a minha vida meio sem futuro”, mas constatamos que S₇ deseja mudança e transformação e que há esperança em seu dizer, efeito produzido pelo conectivo “mas”: “**mas** o futuro vem pela frente... a gente é que **faz** ele”. No discurso sobre o futuro, irrompe uma FD7, felicitativa, e a forma verbal “faz” produz sentido de certeza inquestionável em relação ao seu futuro.

S₇, ao representar-se por “a gente”, inclui em seu dizer todos aqueles que se encontram na mesma situação (isolada), ou que aspiram a um futuro melhor, sem medo de “fazê-lo”; é uma maneira de tentar “esquecer” o passado e seguir a vida numa outra perspectiva, com dignidade, com uma identidade transformada, adaptada. Conforme Rajagopalan (2003, p. 71), “Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo”.

A seguir, a pergunta feita às adolescentes versou sobre o que elas pensam sobre a justiça, já que estão em uma instituição que as priva de liberdade.

3.1.5 Opinião sobre a justiça

S₂- Ah... é que tava certo nu serviço dele porque eu sabia que eu tava fora da lei... mas eu quis continuá.

S₈- Ah:: que ela tava certa que:: a droga que eu tava levano poderia matá muitas pessoas...né? viciá muitas pessoas... e:: hoje eu tô pagano né:: tô aqui... tô pagano tudo que eu fiz e:: pretendo não fazê mais.

S₉- Bom... a justiça pra mim na terra pra mim num julga nada... o verdadeiro juiz mesmo... o juiz da nossa vida é o que tá lá em cima... é

Deus... o juiz aqui da terra num tem direito algum de deixá alguém atraís de uma grade fechado o dia inteiro colocano ordi.

S₁₀- Bom... acho que a justiça::... assim... o juiz lá no caso eles... eles estão certos por deixá a gente aqui... que ela tarda... mas ela não falha.

As condições de produção de um discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória. Assim, se considerarmos as condições de produção em sentido estrito, “temos as circunstâncias da enunciação que é o contexto imediato, porém, em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2001, p. 30). Desse modo, caracterizam-se as condições de produção em sentido estrito, a fala de S₂ na UNEI, e, em sentido amplo, a UNEI enquanto instituição de internação que controla, de certo modo, os dizeres e as atitudes dos sujeitos.

É por meio da formação discursiva que compreendemos o processo de produção de sentidos e sua relação com a ideologia e é também por meio da formação discursiva que observamos as regularidades no funcionamento do discurso, que, segundo Orlandi (2003b, p.125), “é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”.

Nessa perspectiva, S₂, ao enunciar “Ah... é que tava certo no serviço dele”, tem seu discurso atravessado por uma FD1, pedagógica, que produz sentido domesticados, ou seja, é o discurso da instituição. Conforme Orlandi (2003b, p. 17), o discurso pedagógico “aparece como *algo que se deve saber*”. O sujeito ajusta a sua fala, pois fala de uma instituição que impõe certas restrições, o que faz que seu dizer se direcione conforme imagina ser conveniente.

Segundo Pêcheux (1997, p. 82), todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias. Para ele, na estrutura de uma formação social são designados lugares determinados; são os lugares que os interlocutores se atribuem, “a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Nessa óptica, a representação do sujeito é efeito da relação que se estabelece com a forma-sujeito, a partir de uma posição imaginariamente assumida. Assim, S₂, ao representar-se, reconhece o seu lugar: o lugar de uma pessoa que cometeu um ato infracional, marcado na superfície lingüística pela escolha lexical “fora da lei”, identificando-se como

um ser “marginal”, excluído socialmente; pela voz de S₂, “ouve-se” a voz da exclusão, nas representações que faz por meio do “eu” (“**eu** sabia que **eu** tava **fora da lei**”), emergindo uma outra FD, que é a jurídica.

Também reconhece o lugar do outro, marcado no que se refere à heterogeneidade mostrada por meio de diferentes vozes, atribuída como o lugar da justiça, da lei, da verdade (“dele”, ou seja, o policial). S₂ atribui poder ao policial e, conseqüentemente, à justiça, à instituição. O marcador qualitativo “certo” produz efeitos de sentido positivos em relação ao outro (o policial, a justiça), evidenciando a “verdade” da instituição, que, segundo Foucault (2005a, p. 14), (a verdade) “está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”.

Verificamos a marca da singularidade de S₈ pelo uso do dêitico “eu”, que evidencia sua condição de traficante, assim como S₂. Em seu dizer, S₈ seleciona os marcadores qualitativos “certa/ certo” para referir-se à justiça, de forma que S₈ insere-se na ordem do discurso (FOUCAULT, 2004), pois enuncia de uma instituição onde o poder está presente e produz efeitos de sentido positivos em relação à justiça, de modo que irrompe em seu discurso, uma FD₃, jurídica. A justiça é representada pelo sujeito como justa, certa, como aquela que “salvou” muitas pessoas.

Nas expressões: “poderia matá”, “viciá”, emerge uma quinta FD, a médica, pois o sujeito parece estar preocupado com a saúde dos outros que constituem seu discurso e, também, indica estar preocupado com a imagem que o interlocutor vai ter do seu dizer, produzindo efeitos de sentido de saber em relação àquilo que diz; de sua voz, emanam discursos próprios do espaço socioideológico em que se encontra, regulando “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Os dêiticos temporal e espacial “hoje” e “aqui”, respectivamente, representam a UNEI, como lugar de punição (“tô pagano”), repetido duas vezes. O sujeito, ao selecionar essa expressão, neutraliza seu dizer em relação à instituição, não investe contra ela, parecendo submeter-se à situação, e mobiliza sentidos já cristalizados na sociedade acerca da imagem de certos erros cometidos (“Aqui se faz, aqui se paga”). Conforme Orlandi (2001, p. 31), a memória discursiva “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. A atualidade histórica, isto é, o presente, exige a

recordação de sentidos já cristalizados na memória discursiva, pois seus efeitos são necessários, já que determinam o que o sujeito diz (o intradiscurso).

S₉ também produz discursos já sedimentados na sociedade acerca da imagem de alguns discursos sobre a justiça: (“a justiça não está na terra, está no céu; o verdadeiro juiz está no céu; a justiça é injusta; a justiça é dos ricos”), imbricando discursos da justiça divina e da justiça dos homens, e é por meio desses discursos circulantes e de domínio comum que S₉ contesta a decisão de um juiz de colocá-lo atrás das grades, fazendo prevalecer uma imagem de sujeito religioso e temente a Deus, enfim, uma imagem positiva de si, capaz de enternecer ou persuadir o outro.

O discurso sobre Deus faz irromper em seu discurso uma FD6, atravessada pelo religioso, que se contrapõe ao discurso do direito, da ordem, da lei, uma sétima FD, a jurídica. Ao dizer que o juiz não tem direito algum de deixar alguém atrás das grades, S₉ desqualifica o poder do juiz (da justiça), da instituição, das leis, colocando em xeque a estrutura social dominante.

S₉ posiciona-se como vítima da situação em que se encontra. Conforme Centurião (2003, p. 66), “A vitimização corresponde a um sentimento, real ou simulado, de ter sido injustiçado, de ter havido uma desproporção entre a pena recebida e o delito, de ter sido vítima de circunstâncias nocivas”. Assim, S₉ simula uma identidade de vítima para que apareçam de alguma forma os efeitos de sentido negativos em relação à justiça, tornando-a injusta.

S₁₀ fala de um lugar institucional que controla e que tem poder sobre todos que lá se encontram, o que legitima o seu dizer ao enunciar: “**eles** estão **certos** por deixá a gente aqui”. O “‘eles’ coletivo” (MAINGUENEAU, 2005, p. 135), marcado na superfície lingüística, designa um grupo, no caso, a justiça, o juiz, a UNEI o que faz emergir no discurso de S₁₀ uma FD8 atravessada pelo jurídico, pelas leis, produzindo efeitos de sentido de autoridade, de poder, de legitimidade.

O dêitico “a gente” não especifica um sujeito, mas um grupo social específico, inserido num dado lugar socioideológico, ou seja, os sujeitos que se encontram na mesma situação de S₁₀: “aqui” - isolados da sociedade. O sujeito, ao posicionar-se, ocupa o lugar de

uma pessoa que cometeu um ato infracional; é por meio da memória, do saber discursivo, do mecanismo imaginário (projeções) que S₁₀, ao posicionar-se, seleciona o que pode dizer. Logo diz que “a justiça”, “o juiz”, “eles” estão “certos”. O marcador qualitativo “certos” produz efeitos de sentido de verdade no discurso de S₁₀, pois são discursos sedimentados pela sociedade em relação àqueles que cometem um erro (“a justiça tarda, mas não falha”): o próprio sujeito confirma esse discurso e dá à justiça o papel que lhe cabe.

Assim é que a verdade e o poder “caminham” juntos, dentro das instituições e na sociedade, fazendo funcionar como verdadeiros certos discursos que circulam na sociedade (FOUCAULT, 2005a).

Os enunciados a seguir revelam a opinião das adolescentes sobre a sociedade.

3.1.6 Opinião em relação à sociedade

S₈- Eu acho ela um pouco injusta... porque quando a gente sai dessa vida:: ela:: acaba fechando as portas e... se a gente não for forte... a gente acaba voltando porque elas não dão oportunidade de trabalho... é:: de nada.

S₉- A sociedade de hoje tem muita discriminação... é::... você convive com certas pessoas vestida de uma roupa... () pra alguns pais de família já são marginais... falam demais... eu acho que a sociedade de hoje deveria ser mudada.

S₁₀- Bom... eu acho que nossa sociedade... ela... é um pouco assim::... como fala::... ela discrimina muito... ela... a maioria é:: dela não respeitam... fazem só coisa que não prestam... acho que é isto.

S₁₄- Pra mim ela é muito desigual... muito preconceituosa... muito injusta.

Este sujeito (S₈) representa-se pelos dêiticos “eu” e “a gente” (nós), e é por meio do discurso e dos sistemas de representação que lugares são construídos, “a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000,

p. 17). A representação produz significados que dão sentido à experiência do sujeito, àquilo que ele é.

Assim, ao representar-se por “a gente”, S₈ inclui em seu dizer o dizer das outras internas, “A marca de coletividade apresenta-se explicitamente na voz desse sujeito” (FERNANDES, 2007, p. 95), o que determina suas condições sócio-históricas de autoras de atos infracionais, pois está na mesma situação dos outros, vivendo numa instituição que os priva de suas liberdade, mas que tem por finalidade contribuir para o processo de inclusão social.

No discurso do senso comum, todos “sabem” que a sociedade não aceita facilmente esses sujeitos marcados por um passado de “desvios”. Nesse sentido, há muito que fazer para que a sociedade os acolha, a fim de torná-los “incluídos” e com condições dignas de vida para que superem as consequências do ato praticado.

Nessa óptica, no enunciado: “Eu acho que ela é um pouco **injusta...** porque quando a gente sai dessa vida:: ela:: acaba **fechano as porta...**”, o discurso sobre a sociedade faz irromper uma FD1, a segregativa (“fechano as porta”), produzindo efeitos de sentido de abandono, de marginalidade em relação à imagem que S₈ tem da sociedade, e que a sociedade tem desses sujeitos. S₈ seleciona, de modo explícito, o outro (a sociedade) e, como efeito de sentido, separa o seu dizer do dizer do outro, conforme interesses, por meio do comentário que tece.

Constatamos a angústia antecipada do sujeito pelo marcador qualitativo “forte”, pois, para S₈, o outro (a sociedade) não está preparado para receber sujeitos marcados por “desvios”; tais sujeitos são separados da sociedade, excluídos, o que os faz voltar para o mundo dos “não-fortes”, uma vez que, sem trabalho, sem oportunidades, não há como viver com dignidade.

S₈ constrói uma identidade marcada pela exclusão (social), pelo conflito. Para Silva (2000, p. 82), “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. O sujeito demarca fronteiras acerca da imagem que faz da sociedade ao afirmar que a sociedade não dá oportunidade de trabalho para (ex) adolescentes infratores. Nessa perspectiva, podemos traduzir as diferenças evidenciadas por

S₈ entre “a gente” e “ela” (o outro), isto é, a sociedade, respectivamente os “não-fortes” e os “fortes”.

Já S₉ argumenta sobre a discriminação a partir da “aparência” das pessoas, como elas se vestem, o que envolve poder aquisitivo e classe social. Para S₉, o vestuário representa, na sociedade, “status”, posição social: se uma pessoa não estiver bem vestida alguns “pais de família” poderão considerá-la marginal.

O sujeito assume uma posição de inferioridade, o que evidencia uma FD2, segregativa, produzindo efeitos de sentido negativos em relação à imagem que faz da sociedade, de um outro grupo social.

A formação discursiva é o domínio do saber que estabelece o dizer da forma-sujeito numa formação ideológica dada, portanto “determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1988, p. 160). E seguindo Indursky (1997, p. 215), a forma-sujeito regula por esse viés “o que pode ou não pode ser dito, e o que deve e não deve ser dito no interior desse domínio de saber regula a relação interioridade/exterioridade”.

Esse sujeito, ao utilizar o dêitico “você”, distancia-se da FD segregativa como se não fosse ele que convivesse com “marginais”, silenciando a própria exclusão social: “a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1992, p. 75).

Constatamos que o sujeito considera-se excluído, “marginal” perante a sociedade, pois não faz parte dessa sociedade privilegiada, e fala de um lugar não privilegiado e, sim, marcado negativamente pela sociedade.

O discurso de S₁₀ sobre a sociedade é atravessado por uma FD3 segregativa, em relação à imagem que faz da sociedade - “a maioria”, o que indica conflitos sócio-econômicos e culturais, já que o sujeito sente-se discriminado, desrespeitado.

Considerando que tanto a identidade quanto a diferença dependem da representação, S₁₀, ao representar-se pelo dêitico “eu”, inscreve em seu discurso o outro (“a sociedade”, “ela”) e seleciona os itens lexicais, “discrimina” e “num respeitam” para referir-

se a um grupo social diferente do seu, o que confirma a não-inclusão desse sujeito na sociedade.

Silva (2000, p. 91) menciona que “É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. Assim, ao representar-se, S_{10} define uma identidade de excluído em relação a uma parte da sociedade que tem o poder de segregar.

Vale ressaltar que, se a identidade está em constante movimento, e transformação e “ebulição” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71), ela pode ser mudada e tornar-se diferente. Nessa óptica, S_{10} ao sair da instituição e encontrar-se “efetivamente no processo de inclusão social” (SINASE, 2006, p. 30), poderá representar-se e representar a sociedade de modo diferente.

Ao afirmar que na sociedade “fazem só coisas que num prestam”, S_{10} parece tecer uma crítica à alta sociedade por meio do não dito, mas que significa e produz efeitos de sentido negativos acerca da imagem da “outra sociedade”. Esse discurso faz irromper a quarta FD, associada à corrupção, ao desrespeito e à impunidade pois, por melhor que seja sua “aparência”, diariamente, fala-se na mídia sobre fatos e acontecimentos que ferem as leis e que não recebem sanções.

S_{14} marca o outro explicitamente (a sociedade) e seleciona as palavras por meio dos marcadores qualitativos: “desigual”, “preconceituosa”, “injusta”, o que evidencia novamente uma FD5, segregativa, atravessada pelos conflitos socioideológicos, e gera sentidos de exclusão em relação à imagem que tem da sociedade, pois o lugar onde se encontra permite-lhe enunciar dessa maneira. De acordo com Fernandes (2007, p. 28), “o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir dessa inscrição”.

S_{14} , ao desqualificar o outro, evidencia os conflitos e as contradições existentes entre seu grupo social (não-privilegiado socialmente) e outros grupos (privilegiados socialmente), marcados na relação de oposição por “mim” e “ela” (a sociedade) sob forma de classificação - “oposições binárias” (SILVA, 2000). Na vida social, o processo de

classificação é central e pode “ser entendido como um ato de significação pelo o qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes” (SILVA, 2000, p. 82).

Nesse sentido, S₁₄ parece sentir-se à margem da sociedade por pertencer a um grupo não-privilegiado que sofre consequências da desigualdade (lutas econômicas), do preconceito (lutas sociais) e da injustiça (lutas políticas). Tanto a identidade quanto a diferença estão relacionadas à maneira como a sociedade produz e classifica as pessoas. Assim, a oposição binária entre “mim” e “ela” representa uma relação social e de poder, pois não há como conviver de forma tranqüila, já que são disputadas.

Verificamos que tanto S₈ e S₉ quanto S₁₀ e S₁₄ referem-se à sociedade de modo negativo: a sociedade é vista por esses sujeitos como injusta, desigual, que diferencia e não os aceita pela posição sócio-econômica que ocupam, como pudemos constatar pela ocorrência das FD segregativas, o que ratifica nossa hipótese inicial.

A seguir, destacamos os enunciados das adolescentes sobre a questão da cidadania.

3.1.7 Opinião sobre a cidadania

S₁. Ah... significa que assim a gente:: o povo de Campo Grande... a gente não devia sê escravizado pelo policial... a gente devia ter alimentação melhor é:: aí dona... que devia ter recebido alimentação melhor... que o Lula:: começa:: fazê casas pra gente tirá os pessoal da rua esses que fica nas casa pedindo ingual eu era quandu eu vivia na rua... eu pedia mesmu... não tinha vergonha... os outros pegava:: sai daqui... tratava a gente como cachorro então assim... eu achu qui:: o mundu deve ser melhor.

S₅- Honesta... trabalhadora e digna.

S₇- Cidadã significa você tê uma família... um trabalho... um estudo e viver em sociedade pra mim isso significa ser cidadã.

S₁ representa-se por meio dos itens lexicais “a gente”, “o povo”, que são pessoas as quais S₁ identifica como sendo iguais, do mesmo grupo social. Nesse sentido, “a gente” e

“o povo” representam, para o sujeito, pessoas de uma classe social sem privilégio algum, que anseia por uma melhora de vida. Isso é constatado pelos enunciados: “... **a gente** devia ter **alimentação** melhor...”, “... fazê **casa pra gente**...”, em que se verifica tal anseio. Insinua-se o diálogo com o discurso constitucional, que prevê, como dever do Estado, garantir saúde, alimentação e moradia.

Em: “... **a gente** não devia sê **escravizado** pelo policial...”, ecoa o discurso da repressão policial, emergindo uma FD1, pesarosa; o sujeito seleciona o item lexical “escravizado” para reforçar a negatividade dada à sua própria identidade e à identidade das pessoas com as quais se identifica. Desse modo, o sujeito ressalta a diferença entre “a gente” e “o outro” (o policial) e demarca fronteiras. Essa demarcação, separação, marca as relações de poder, pois “a gente” (que equivale a “nós”, de que o “eu” faz parte, portanto, S₁) e “o outro” são posições de sujeitos marcados por fortes relações de poder.

Nesse sentido, S₁ separa o mundo social e classifica-o como “escravo” e “não-escravo”, sendo esse processo o centro da vida social; é esse o processo pelo qual dividimos e também ordenamos o mundo social em grupos e em classes. Conforme Silva (2000, p. 82), “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”.

A voz de S₁ revela seu lugar sócio-histórico; exprime outras vozes que se integram nessa realidade social, “ de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico” (FERNANDES, 2007, p. 34). S₁, ao representar-se pelo “a gente”, assume identificação com a FD pesarosa supracitada. Essa representação por meio de “a gente” faz S₁ sentir-se “como se” (ORLANDI, 2003b, p. 244) fosse o próprio pessoal de rua.

Ao enunciar: “... que devia ter recebido alimentação melhor... que o **Lula**:: começa:: **fazê casas** pra gente **tirá os pessoal da rua** esses que fica nas casa pedindo ingual eu era quandu eu vivia na rua....”, irrompe no seu discurso uma FD2, a política, que indica reivindicações aos seus direitos de cidadão. Mesmo parecendo não conhecer todos os seus direitos, o seu discurso é atravessado pelo discurso de justiça social, de cidadania. Para Manzini-Covre (2006, p. 14), “Os direitos sociais dizem respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas. São todos aqueles que devem repor a força de trabalho, sustentando o corpo humano – alimentação, habitação, saúde, educação etc”.

Também no enunciado “... **os outros** pegava:: sai daqui... tratava **a gente** como **cachorro...**”, esses outros a que S₁ refere-se são a sociedade, as pessoas que têm casa, alimentação, educação, dignidade e não são “cachorros”. O termo “cachorro” é um termo injurioso, utilizado para referir-se à indignidade sofrida, o que produz efeitos de sentido de exclusão, de inferioridade para si e para seu grupo social que defende. Conforme Silva (2000, p. 97), a questão da identidade, da diferença e do outro “É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável”.

Por fim, o enunciado “... eu achu qui:: o mundu deve ser melhor” é atravessado pela FD3, religiosa, pois um outro discurso se faz ouvir, o discurso da religião, dos sem-teto, dos “esquecidos”, por um mundo melhor e mais fraterno; é o discurso de qualquer ser humano que sofre, ou é sensível ao sofrimento dos outros. De acordo com Manzini-Covre (2006, p. 10), “Só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão. Nesse sentido, a prática da cidadania pode ser estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor”.

S₅, ao conceituar “cidadania”, produz efeito de moralidade no seu dizer pelo uso dos três marcadores qualitativos. O interdiscurso (o discurso sobre ser cidadão) constitui dizeres já ditos e esquecidos, que voltam pela memória discursiva, convocada para sustentar o dizer do sujeito. Desse modo, ao enunciar: “Honesta... trabalhadora e digna” faz emergir uma FD4, moralista, que dialoga com o discurso capitalista, no sentido de “ordem e progresso”.

No dizer de S₅, ser cidadão/ã é ter qualidades, que parece almejar, para conseguir um trabalho. No seu discurso, a pessoa tem que ser honesta, confiável e digna, ficando evidente que tem um entendimento restrito em relação ao que é ser cidadão/ã, porém desejos por uma vida melhor com honestidade, trabalho e dignidade, que também fazem parte da vida de um cidadão/ã. S₅ “pensa” no mundo do trabalho, preconizado pela “lei” do capital, em que o ganho é mais importante, ainda mais num mundo globalizado, onde o consumo tem o poder de incluir ou excluir as pessoas em determinado grupo, ou rol de amigades.

Ser cidadão/ã, para S₇, é ter uma “família”, um “trabalho”, um “estudo” e “viver em sociedade”. Ao utilizar o dêitico “você” o sujeito distancia-se do que diz, pondo em

evidência o interlocutor. Os itens lexicais selecionados, “família”, “trabalho” e “estudo” silenciam “salário”, porque assim pode conquistar a adesão do interlocutor: S₇ quer trabalho e viver em sociedade. O discurso de S₇ é atravessado por uma FD5, a operária, pois o trabalho e o estudo parecem ser fundamentais para ter uma família e uma vida social.

Os direitos sociais, conforme Manzini-Covre (2006, p. 14), “dizem respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas.”, como o alimento, a moradia, a saúde, a educação, dizem, portanto, “ao direito ao trabalho, a um salário decente”. Os direitos sociais atendem às necessidades básicas do ser humano para uma vida digna.

O discurso de S₇ produz sentido de desejos por uma vida melhor e completa (“família”, “trabalho”, “estudo”, “viver em sociedade”, “ser cidadã”), mas ainda não conquistados. Para Orlandi (2001, p. 47), “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história”. Essa relação revela os sentidos das palavras na FD operária com as condições de produção do discurso de S₇, pois a formação discursiva revela o desejo de viver em sociedade, mas com dignidade, com trabalho.

O modo como o sujeito compreende ser cidadão/ã tem ligação com a classe social a qual pertence; S₇ tem necessidades mais urgentes, no caso, necessidades de direitos sociais, que são indispensáveis para uma vida digna. Não há menção aos direitos civis²⁵ e aos políticos²⁶, mas que também são necessários e dependentes uns dos outros para que tenham uma efetiva realização, “permitindo a todos o direito à vida no sentido pleno – traço básico da cidadania” (MANZINI-COVRE, 2006, p. 15). Não dá para ser cidadão pela metade, por isso são fundamentais tais conhecimentos para que seja um/a cidadão/ã pleno/a, conhecedor/a de seus verdadeiros deveres e direitos, o que possibilitará também reconhecer o direito do outro.

²⁵ Basicamente, são os direitos de se dispor do seu próprio corpo, locomoção, liberdade de expressão e segurança (MANZINI-COVRE, 2006, p. 14).

²⁶ Relacionados à decisão do homem em relação à sua vida, à prática política e religiosa etc. Esses direitos dizem respeito à convivência com outros homens “em organismos de representação direta (sindicatos, partidos, movimentos sociais, escola, conselhos, associações de bairro etc.) ou indireta (pela eleição de governantes, parlamento, assembleias), resistindo a imposições dos poderes (por meio de greves, pressões, movimentos sociais)” (ibid., p.15). Também, os direitos políticos esclarecem os direitos civis e sociais, é a maneira de se chegar a eles, há, pois, uma interdependência entre esses três direitos para que haja a efetiva realização dos direitos enquanto cidadão (id.).

Passamos a seguir a analisar como essas jovens desejam ser no futuro. Seguem alguns enunciados marcados pelo desejo de mudança, de dignidade, de trabalho, de estudo, de confiança, de oportunidade.

3.1.8 Como desejam ser no futuro

S₇- Eu desejo ser uma pessoa digna... trabalhadora... tê um estudo porque é uma coisa que eu não fazia antes e é por isso que eu desejo ser uma pessoa mais digna do que eu sou hoje.

S₈- Ah... desejo ser uma pessoa boa... primeiramente trabalhá... estudá... e:: fazê com que as pessoas volte a tê a confiança ne mim... porque eu perdi... e:: é que elas perderam a confiança ne mim e eu desejo que elas volte a tê confiança porque sem confiança eu acho que... não tem por onde começá.

S₁₁- Uma pessoa mudada pra mim podê dá pros meu irmão e futuramente um filho a educação e as oportunidadí que eu tive e que eu joguei fora.

S₇ parece negar a sua dignidade, pois deseja ser uma pessoa digna; essa dignidade, para o sujeito, é entendida via trabalho e estudo, o que produz sentidos de verdade inscritos em seu conhecimento de mundo, na memória discursiva que sustenta seu dizer, evidenciando uma FD1 operária (“trabalhadora”, “estudo”).

O dêitico temporal “hoje”, segundo Maingueneau (2005, p. 108), “designa o próprio dia da enunciação”. Nessa óptica, as condições de produção do discurso de S₇ parecem não favorecer que seja um sujeito digno, pois ocupa a posição de não-digno, já que deseja ser digno. Em seguida, reconhece ter um pouco de dignidade, marcado por meio do operador de comparação “mais do que”: “eu desejo ser uma pessoa **mais** digna **do que** eu sou **hoje**”, o que produz efeitos de sentido positivos em relação ao seu futuro (ao sair da instituição), mas deixa transparecer o conflito das relações sociais, pois S₇ se diz não-digno e, em seguida, diz desejar ser mais digno do que é.

Esse processo evidencia os conflitos que S₇ enfrenta para garantir uma identidade numa sociedade atravessada por (pre)conceitos cristalizados acerca da imagem da privação

de liberdade, de lutas sociais e, conseqüentemente, relações de poder. Assim é que a identidade e a diferença estão ligadas a relações de poder para “garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” (SILVA, 2000, p. 81).

Conforme o ECA, art.124, inciso V, todo adolescente privado de liberdade tem o direito se “ser tratado com respeito e dignidade”; no art. 4º, consta que a família, a comunidade, a sociedade e o poder público têm o dever de assegurar proteção integral às crianças e aos adolescentes, bem como direitos efetivos referentes à vida, alimentação, saúde, educação, lazer, esporte, cultura, profissionalização, dignidade, respeito, liberdade, convivência com a família e com a comunidade.

Diante disso, é da responsabilidade não só da instituição e da família, mas de toda a sociedade resgatar a dignidade desses sujeitos por meio de várias formas, ajudando-os na (res)socialização.

Verificamos, no dizer de S₈, o desejo de mudança: trabalhar e estudar como a maioria dos jovens de sua idade. Há, nesse dizer, o outro (“pessoas”, que o sujeito sabe quem são), marcado por meio do comentário “é que **elas** perderam a confiança ne mim”. S₈ inscreve, de modo consciente, o outro e produz efeitos de sentido de uma separação entre o seu dizer e o dizer do outro como forma de mostrar nitidamente seu desejo de mudança. É possível observar esse desejo pelas expressões e formas verbais usadas em sua fala: “fazê com que”; “volte a tê (a confiança)”; “perdi”; “perderam”. Essas expressões traduzem o erro cometido e assumido por S₈.

S₈ considera, agora, a confiança, uma virtude indispensável para sua vida, justificando por meio do conectivo “porque”, os problemas decorrentes do fato de já não ser mais digno de confiança: “porque sem confiança (...) não tem por onde começá”, emergindo uma FD2 de arrependimento. Logo, S₈ descobriu que não ser confiável é ruim; os outros não dão credibilidade e fazer jus a isso é de grande valia para conseguir o que deseja: “Ah... desejo ser uma pessoa boa... primeiramente trabalhá... estudá...”. O discurso sobre o trabalho e o estudo faz irromper uma FD3 operária e produz sentido, nesse caso, de responsabilidade, que remete a confiança; é possível observar a preocupação com o outro, já que deseja ser diferente, mudado, para conviver com as pessoas de quem gosta.

S₈ significa o seu discurso na relação com outros discursos circulantes na sociedade e produz dizeres acerca da bondade, do trabalho, do estudo, da confiança; logo, o

interdiscurso “Representa assim a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade”²⁷ (ORLANDI, 2001, p. 80).

Hall (2000, p. 109) menciona que as identidades são construídas precisamente dentro do discurso e não fora dele, que “nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. S₈ representa-se ao dar significado a sua experiência, naquilo que não quer ser mais, desejando mudança e transformações em sua vida; nesse sentido, a identidade e a diferença caminham juntas com a representação.

S₁₁ evidencia o desejo de mudança, ou seja, quer mudar para ser exemplo para seu irmão, e, “futuramente” para “um filho”, passando para eles educação e proporcionando-lhes garantia de estudos e de oportunidades que teve e a que não deu valor. Agora, no lugar onde se encontra, o sujeito parece reconhecer que isso é fundamental para a vida de uma pessoa, como verificamos pelo uso do dêitico de pessoa, da forma e expressão verbais: “eu tive”; “eu joguei fora”, que evidenciam o seu arrependimento.

A forma “joguei” refere-se a um momento anterior à enunciação; o sujeito responsabiliza-se por esse ato, por ter jogado fora as boas oportunidades, o que produz efeitos de sentido negativos em relação ao seu passado e ao seu presente. S₁₁ culpa-se por estar isolado, por não ter sabido fazer as escolhas certas. Por isso, quer ser exemplo bom, ponto de referência para o outro por projetar desejos que não realizou no passado, mas que poderá realizar por meio de seu “irmão” e “filho (no futuro)”. O discurso sobre o irmão e um filho faz brotar no discurso de S₁₁ uma FD3, a familiar, imbricada em uma FD4, afetiva. A expressão verbal “podê dá” marca a afetividade do sujeito pelo outro, como uma necessidade de mudança para que esse outro tenha como parâmetro o seu exemplo de vida, exemplo de superação.

A seguir, as análises mostram como as adolescentes das UNEI se vêem, como se representam diante de tantos conflitos familiares/afetivos, sociais e econômicos. Os discursos são marcados por vontade de mudança, de ser feliz, por arrependimentos e presença de Deus.

²⁷ A historicidade, em análise de discurso, deve ser compreendida “como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem” (Ibid., p. 80).

3.1.9 Como se vêem

S₁. Eu me vejo assim:: uma menina:: atraente uma menina legal... uma menina:: meia briguenta tamém... uma menina:: eu... a pessoa:: fala uma coisa assim pra mim eu quero é:: que exprique pra mim o porquê... ou se tá triste comigo o que que eu fiz... que eu tente melhorar mais e mais que eu seja uma menina mudada... que eu consiga aqui dentro uma menina feliz... alegre pra mim leva pras pessoa lá fora.

S₃- Ai... me vejo uma pessoa triste... quie::ta... eu sou a pessoa mais quieta aqui... não falo nada:: sou aquelas meninas mo::le... a::i... me vejo triste... acabada... arrasada... arrependida de tudo que fiz (...) só entrá aqui... lá fora a gente se vê de outro jeito... né? a gente se vê alegre porque tá lá... mais aqui não... aqui a gente reflete os problema da gente... a gente vê o que lá fora não tem nada a vê aqui dentro... aqui dentro é outra coisa... aqui dentro vixi... é horrível... aqui é muito triste::: só por Deus mesmo.

S₈- Ah... eu me vejo mudada porque antes eu sentia um vazio dentro de mim aí eu comecei a usá droga... comecei a me prostituí... comecei a bebe... e eu achava que:: que isso ia preencher meu vazio... mas a partir do momento que eu vim pra cá eu vi que num é nada daquilo... que nada daquilo ia preenchê o meu vazio... que eu tava precisano muito de Deus... que tava faltano Deus no meu coração... e:: eu tô bem melhor sem... sem aquela vida que eu levava.

S₁ se vê primeiramente sob pontos bons, marcados pelos marcadores qualitativos: “atraente” e “legal”; em seguida, se reconhece como “meia briguenta” e, depois, mostra-se como um sujeito sensível, que é capaz de compreender o outro, “... que **exprique** pra mim **o porquê**... ou se tá triste comigo o que eu fiz...”. O outro não é marcado no discurso de S₁; ele é constitutivo e perpassado por outros dizeres, por outras vozes que constituem o que diz (o discurso da instituição).

S₁ representa-se como um sujeito “de bem”, procura mostrar uma imagem boa de si para o interlocutor, pois quer melhorar e ser diferente - “mudada” -, o que acentua o sentido de uma identidade marcada por transformações aceitas socialmente e que têm o poder de incluir alguém na sociedade sem impactos, sem conflitos.

No enunciado “... que eu consiga **aqui dentro** uma menina **feliz... alegre** pra mim levá pras pessoas **lá fora**”, o dêitico espacial “aqui” revela as condições de produção do discurso de S₁, que fazem emergir uma FD1 pedagógica produzindo sentido positivos

ligados à instituição, no que diz respeito aos ensinamentos. Já o dêitico de lugar “lá” representa a liberdade. O sujeito constrói um paralelismo entre a prisão e a liberdade pela subversão de valores estabelecidos pela sociedade em relação à prisão, pois não considera a prisão uma punição, mas um lugar de transformação, como podemos constatar pelos marcadores qualitativos “feliz” e “alegre”. O sujeito, ao representar assim a instituição, produz significados que lhe imprimem sentidos positivos, que vão contra o senso comum, S₁ ratifica, dessa forma, o discurso da ressocialização, constitutivo do lugar de onde enuncia.

S₁ parece ter encontrado, na UNEI, conhecimentos benéficos, capazes de mudar suas atitudes e pensamentos em relação a si e aos outros (ser feliz para fazer o outro feliz também), o que indica uma identidade sendo transformada.

O discurso de S₃ é legitimado pelo dêitico de lugar “aqui”, lugar de sua enunciação. Em “**arrependida** de tudo que fiz (...) só entrá **aqui**...”, o discurso sobre o arrependimento é atravessado por uma FD2, pesarosa, que evoca valores politicamente incorretos e constrói uma identidade marcada pelo ato praticado (não aceito socialmente). É pela relação do passado com o presente que S₃ representa-se ao dar sentido à sua identidade, que está em crise, “**me vejo** uma pessoa **triste**”; “**eu sou** a pessoa mais **quieta** aqui”; “**não falo nada**”.

S₃, ao representar-se como um sujeito arrependido, produz significados que o fazem posicionar-se como um sujeito estigmatizado (marcado pela privação). S₃ não aceita essa posição, como é possível observar pelos marcadores qualitativos: “triste”, “acabada”, “arrasada” e “arrependida”. E, representa a instituição como um lugar de punição: “horrível” e “triste”.

O enunciado “só por **Deus** mesmo” é atravessado por uma terceira FD, religiosa, que remete ao arrependimento, estratégia para livrar-se do pecado, pois, agora, é com Deus que o sujeito parece suportar o sofrimento de estar isolado.

S₃ traça, ainda, um conjunto de oposições: “lá fora” (antes) *versus* “aqui dentro” (agora); “alegre” (antes) *versus* “triste”, “horrível” (agora). Essas oposições mostram a separação entre S₃ e o outro (a sociedade) ao colocar em cena o seu discurso, porém, em um movimento onde a unicidade constitui-se de forma imaginária, a dêixis discursiva existe. E,

se existe, “é porque uma formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito [...] mas por atribuir-se a cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar” (MAINGUENEAU, 1997, p. 42).

Há um deslizamento da cena marcado por “lá” e “aqui”, pois o espaço onde o sujeito encontra-se é o mesmo (“aqui”) e as indicações de espaços ficam ambíguas. Conforme Orlandi (2004, p. 119), “o espaço é o da memória, o imaginário. Não se ‘sai’ desse ‘lugar’ ainda que o espaço físico tenha mudado”. Nessa óptica, é por meio da dêixis discursiva que o sujeito faz sua movimentação necessária de espaço sem sair dele para produzir e autenticar seu discurso.

O que se observa em S₈ é uma tomada de posição não-subjetiva do sujeito, ou seja, ocorre, na FD, a desidentificação da forma-sujeito enquanto um sujeito que já foi viciado, que já se prostituiu. Tal desidentificação pode ser constatada por meio das oposições “antes” *versus* “vim pra” (o depois), as quais marcam dois momentos distintos vividos pelo sujeito, respectivamente, a liberdade (conflituosa, vazia, profana) e o isolamento (“sem aquela vida”, não-profano).

Ocorre, portanto, o deslocamento de uma forma-sujeito para outra forma-sujeito. S₈ desidentifica-se com os saberes da FD anterior (vícios, prostituição), que até então era dominante, e passa a identificar-se com outros saberes da FD, agora dominante e contrária à anterior. É possível observar esse deslocamento pelo enunciado “tava faltano **Deus** [...] eu tô **bem melhor** sem... **sem aquela vida** que eu levava”, irrompendo uma FD4, a felicitativa, imbricada na FD5, a religiosa, o que produz sentidos positivos não só para S₈, como também para a instituição, que ajudou esse sujeito no processo de transformação. Com isso, S₈ inscreve-se, simultaneamente, em uma nova forma-sujeito. Há de se considerar o discurso da instituição caracterizado como um discurso pedagógico, em que se deve aprender algo, corrigir-se, o que pode influenciar a mudança de S₈.

No enunciado “comecei a **usá droga**... comecei a **me prostitui**... comecei a **bebe**... e eu achava que:: que isso ia preencher meu vazio”, o sujeito não apagou os saberes da FD com os quais ele está desidentificado, pois a memória discursiva “torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2001, p.31). E, dessa maneira, produz efeitos da (des)identificação.

Ao desidentificar-se com uma FD para identificar-se com outra, S₈ passa também a transformar sua identidade num evidente movimento de desidentificação, rompimento com a FD anterior; isto é, S₈ passa a ser um sujeito diferente, no caso, para melhor, e não mais se identifica como um sujeito “vazio”, usuário de drogas, que se prostitui, o que confirma o discurso da instituição sobre a ressocialização, que é possível verificar também no discurso de S₁.

Por último, destacamos enunciados das adolescentes sobre um acontecimento que tenha marcado a vida delas. Lembremos que estão ligados ao fato de estarem na UNEI. A privação da liberdade é considerada por elas como marcante em suas vidas, e isso produz efeitos de sentido específicos, que permitem a observação da exclusão social sentida pelas adolescentes.

3.1.10 Acontecimentos que marcaram suas vidas

S₂- Minha mãe (...) ela falou bem assim que tudo... tudo que eu quissese falá pra ela... tinha que chegá nela e conversá... não era prá eu sai de casa de repente e usá droga que... ela falô assim que () uma pessoa num é usano droga é chegado nela e cunversano (...) fugi de casa e comecei a fumá... comecei vendê (...) porque eu quis (...) porque eu quis sair da minha casa... porque eu não tinha:: eu não saía muito... só minha irmã e eu não podia (...) eu queria sair pros show da praça e ela não deixava... foi isso.

S₆- O que aconteceu... né... num tinha nenhum acontecimento que marcou a minha vida mais agora com certeza o que tá acontecendo agora comigo um dia vai marcá muito a minha vida porque::... é a primeira vez que eu venho pra cá e eu nunca vou esquecê que eu passei por uma UNEI.

S₇- Ter vindo para a UNEI foi a coisa que mais marcou a minha vida... porque eu nunca tinha ficado presa... isolada igual eu tô aqui dentro... e a gente sente muita saudade da família. ((ao falar saudade da família, a adolescente ficou emocionada))

Fica latente uma voz discordante, do outro (a mãe), que entra em conflito com a voz de S₂, num evidente movimento de contra-identificação, de recusa com a FD1, a

familiar. S₂, por meio de uma tomada de posição, vai contra a forma-sujeito que consiste, conforme Pêcheux (1988, p. 215), “em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...)”. Isso em relação ao que a voz discordante (da mãe) o faz pensar.

S₂ é afetado pela contestação, revolta e subjetiva-se de modo conflituoso ao deixar sua casa sem dar explicações. Isso traduz a rebeldia da jovem que deixa a casa para viver na rua por causa dos shows da praça a que era impedida de ir por sua mãe. Essa revolta leva o sujeito a contra-identificar-se em relação ao saber da FD familiar, e não só discorda como também utiliza o conectivo “porque” para justificar a revolta, o conflito e argumentar sobre essa tomada de posição, de atitude, a fim de torná-la admissível.

No enunciado “**só** a minha irmã podia”, o item lexical “só” produz efeitos de sentido de inferioridade em relação à sua irmã. S₂, ao colocar-se numa posição inferior em relação a sua irmã, reverte a situação, investe-se de “poderes” e toma a decisão de fugir de casa para superar a irmã, a mãe e a si.

Há um sujeito dividido que se fragmenta entre as distintas e tensas posições de sujeito (posição de filha, de irmã, de viciada, de traficante). Segundo Indursky (2000a, p. 76), “Uma forma-sujeito assim dividida remete à concepção teórica de um sujeito fragmentado entre as diferentes posições que sua interpelação ideológica permite [...] cede lugar para os sentidos diferentes, divergentes, contraditórios, ou seja, para o polissêmico e o heterogêneo”. S₂, ao representar-se, dá significado a uma identidade marcada por conflitos tanto familiares (com a mãe e a irmã) quanto sociais (não se encaixa no socialmente aceito).

Pelo enunciado, “o que aconteceu”, ao conhecermos o sujeito (S₆) e a situação, sabemos que o que aconteceu foi a privação de sua liberdade. O discurso sobre a “marca” evidencia uma FD₂, a pesarosa, e produz efeitos de sentido de exclusão social, ou seja, o que S₆ diz são discursos já cristalizados na sociedade acerca da imagem da privação da liberdade, que é como uma marca, uma mancha que permanece por toda a vida: “**eu nunca vou esquecer** que eu passei por uma **UNEI**”, remetendo ao conceito primeiro de estigma.

Assim, S₆ encaixa-se no que se espera de um sujeito isolado e que vai, mais cedo ou mais tarde, “encarar” a sociedade e teme por esse momento, o dia da saída da

Unidade (“um dia **vai marcá**”). O efeito do interdiscurso (o discurso sobre a prisão) enquanto pré-construído intervém no modo como o sujeito diz, pois todos “sabem” como é ser uma pessoa que já esteve em conflito com a lei, autor de ato infracional numa sociedade que diferencia e classifica as pessoas em grupos, em classes, pois a identidade e a diferença relacionam-se pela maneira como a sociedade classifica os sujeitos a partir da identidade (SILVA, 2000).

Conforme Silva (2000, p. 83), “As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual”. Podemos incluir outras oposições binárias, como incluído (não-marcado) /excluído (marcado); bom (não-marcado)/ mau (marcado), e muitas outras formas de classificar, uma vez que a sociedade determina sempre uma dessas oposições (dentre outras) como forma privilegiada de identidade. De acordo com Woodward (2000, p. 18), “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é excluído”.

Por esse viés é que o sujeito afirma que será “marcada” ao sair da instituição, isto é, excluído socialmente por ter um passado de conflitos; o sujeito, ao representar-se, significa sua identidade marcada pelo impacto das amarras sociais.

Verificamos lugares opostos marcados por S₇ por meio dos dêiticos: “aqui” (UNEI) e lá (“saudade da família”), marcados pela dêixis discursiva “aqui”/ “lá”. Se há dêixis discursiva é porque uma formação discursiva legitima a cena de enunciação (MAINGUENEAU, 1997). A oposição “aqui” / “saudade da família” é apagada pela memória: tanto o “aqui” quanto o “lá” são a UNEI, uma vez que o espaço fica “por conta” do imaginário.

Os marcadores qualitativos “presa” e “isolada” e a forma “marcou” produzem sentido de exclusão. Isso faz surgir uma terceira FD, pesarosa, que lhe é imposta pela privação da liberdade. O sujeito, ao posicionar-se como abandonado, já se sente marcado pelo ato praticado antes mesmo de a sociedade desaboná-lo, em face dos discursos sedimentados na sociedade acerca da prisão.

Ao incluir-se em “a gente”, S₇ identifica-se com os outros sujeitos isolados, o que lhe permite, por meio desse dêitico, representar-se no plano simbólico “como se”

(ORLANDI, 2003b, p. 244) estivesse autorizado para representá-los, ou seja, representar o grupo social em que se inclui (os outros que estão isolados), e que corresponde aos “marcados”.

Diante de questões sobre identidade e representação, Woodward (2000, p. 17) aponta-nos que estão incluídos, nas práticas de significação, a representação e também os sistemas simbólicos, os quais produzem significados e, desse modo, posicionamos-nos como sujeito. É por meio do significado, isto é, das posições de sujeito produzidas pela representação que o sujeito dá sentido àquilo que ele é e à sua experiência em determinadas condições de produção do discurso.

3.2 A direção da UNEI: discurso e representação

Procuramos, nesse item, evidenciar as representações discursivas das diretoras das UNEI. Essas representações foram movimentadas para dar significado ao modo como elas constroem a realidade social das adolescentes dentro da instituição que representam.

As falas das diretoras foram coletadas por meio de questionários e diálogos seguidos de entrevistas gravadas pré-elaboradas com o intuito de conhecer como se dá a ação socioeducativa dessas adolescentes e como as diretoras representam-se e representam à instituição.

Primeiramente, apresentamos as falas em que a pergunta às diretoras versa sobre o que as adolescentes (doravante sujeitos pesquisados) não gostam de fazer na UNEI e por quê.

3.2.1 O que as adolescentes não gostam de fazer na UNEI

D₁- Elas não gostam de aceitar as regras ((questionário))... (...) Porque geralmente o adolescente na família... a família nem sempre consegue...

né? puxar as rédias e::... colocá esses limites que são necessários... e:: aqui na UNEI é nossa obrigação de mostrá de que forma o limite é importante na vida de cada um ((entrevista))... (...) por exemplo... ter horário a cumprir... aceitar um não como resposta... fazer bom uso da palavra... saber ser educada com outras internas ou funcionários... não fazer uso de gírias ((questionário))

D₂- Ocasionalmente algumas não gostam de fazer faxina ou assistir aulas pedagógicas... hoje não há problema ((questionário))

D₁ utiliza recursos lingüísticos que deixam marcas da heterogeneidade mostrada sobre a questão da família e do poder da instituição: “... **a família** nem sempre consegue... né? **puxar as rédias** e::...”, produzindo efeitos de sentido de controle, de domínio por parte da instituição, e não da família, que parece não controlar seus filhos.

É por meio da expressão “puxar as rédeas”, modalizada negativamente, que D₁ move sentido negativos em relação às famílias dos sujeitos pesquisados, é pelo dito de outro modo que D₁ diz que a UNEI consegue controlar. Marcada pelo dêitico de espaço “aqui”, irrompe uma FD1, que é pedagógica.

É possível observar isso pelas expressões verbais: “ter (horário a cumprir)”; “aceitar (um não)”; “fazer (bom uso...)”; “saber ser (educada com...)” e “não fazer (uso de gírias)”. Todas as formas e expressões caracterizam uma ordem ou interdição que são marcas do discurso autoritário, pedagógico. A maneira como D₁ diz configura-se de um modo que é próprio do lugar que ocupa.

Segundo Foucault (2005a, p. 8), o poder deve ser considerado “como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. O poder mantém-se e é aceito não pelo fato de exercer uma ação apenas como uma energia que diz “não”, mas que entremeia, produz algo, instiga ao prazer, forma saber, produz discurso. Caso contrário, se fosse somente repressivo, se fosse apenas dizer “não”, o poder não seria obedecido, executado.

O poder não é só uma questão de dizer “não” a alguém e já conseguir “puxar as rédeas”; o poder é também procedimento, lugar ocupado, que, no caso, é ocupado por D₁. Esse lugar é visto pelos sujeitos pesquisados como um lugar privilegiado, um lugar de poder. D₁, ao ocupar esse lugar (de autoridade na instituição), tem a ilusão de ser a origem daquilo

que diz, de ter a exclusividade do sentido do seu discurso (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 2001). Porém, na realidade, D₁ recupera sentidos já existentes que perpassam o seu dizer (Minuta).

No enunciado: “... e aqui na UNEI é **nossa** obrigação de mostrá de que forma o limite é importante na vida de cada um...”, D₁ não percebe as fronteiras que cercam o seu dizer, que nasce de outros dizeres por meio do dêitico “nossa”, que inclui, além do seu dizer, o dizer dos agentes da UNEI, o dizer da justiça e da Minuta, que fazem parte dessa instituição. De acordo com Foucault (2005a, p.183), “o poder funciona e se exerce em rede”. Ou seja, os indivíduos são centros de transmissão do poder.

Nessa perspectiva, o poder não é isolado, afastado das pessoas; ao contrário, ele permeia os indivíduos; o indivíduo é um efeito do poder, e, ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, ele é seu meio de transformação (FOUCAULT, 2005a).

Portanto, os sujeitos pesquisados sabem que na UNEI há regras que devem ser obedecidas; do contrário, estariam indo contra a ordem do discurso, contra essas regras da instituição que controlam seus comportamentos, suas atitudes, suas falas.

D₂, ao usar o item lexical “ocasionalmente”, produz efeitos de sentido de bom funcionamento da instituição, pois parece que, na Unidade, há somente eventuais problemas com os sujeitos pesquisados. Observamos o discurso da norma pelo dêitico de tempo “hoje”, que confirma a atualidade e a veracidade dos fatos, juntamente com o enunciado de modalidade negativa “não há (problema)”, que faz irromper uma FD2 pedagógica, ou seja, a Unidade está sob controle, disciplinada, sem problemas, o que produz efeitos de sentido de verdade. Conforme Foucault (2005a), há na sociedade moderna o discurso das disciplinas; um discurso da regra, não do direito, da lei ou mesmo da regra jurídica que deriva da soberania, “mas o da regra ‘natural’, quer dizer, da norma” (FOUCAULT, 2005a, p. 189).

D₂ apaga no seu discurso a “manifestação explícita em relação à sua real heterogeneidade” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 75). Elimina traços do outro, como se fosse dono do que diz. D₂, assim como D₁, é perpassado pela ilusão de ser origem de seu discurso e, com isso, não percebe o dizer do outro (Minuta de Regimento Interno) que constitui seu dizer (“faxina” e “aulas pedagógicas”).

Na ordem do discurso, o discurso da norma está atrelado às condições de produção que são, por um lado, a UNEI, de onde D₂ enuncia, e, por outro, o contexto social, histórico e ideológico. O efeito do interdiscurso (discurso da norma, da disciplina) enquanto pré-construído produz efeitos de sentido incontestáveis acerca de sua gestão na instituição. Se o discurso representa o mundo, representa uma instituição; então, ele é uma representação que produz significados. Assim, D₂ toma posição e, ao ocupá-la (enquanto diretora), representa a instituição como uma realidade social que tem o poder de controle, de disciplina.

A seguir, as respostas evidenciam diferentes formas da construção das representações das experiências vividas enquanto diretoras da UNEI, por meio das quais elas “mostram” suas posições de modos distintos a uma pergunta que é fundamental, já que as Unidades fundamentam-se em propostas pedagógicas²⁸: seu intuito é ajudar as adolescentes por meio de variadas atividades “dirigidas e intencionais”, com prioridade à (re)integração na sociedade.

3.2.2 Educação e reintegração na sociedade

D₁- ... educar e reintegrar é:: justamente::... é saber que pra tudo tem limite né... que ela tem que... o adolescente ele tem que sabê que existem regras... que eles têm deveres e direitos a cumprir.

D₂- Pra mim... e eu já falo em nome da equipe que nós já debatemos esse assunto não é a primeira vez que eu respondo isso... educar é trazer a adolescente pra dentro da... tentar mostrar pra ela que dentro da unidade de internação ela pode tá vendo o mundo de outra forma como... valorizando quem tá do seu lado... a auto-estima sendo valorizada é:: mostrando que ela tem uma beleza não interessa se é no lábio se é no cabelo se é na:: na:: nos pés... ela tem uma beleza... ela tem uma beleza interior é um processo difícil... mas não é impossível... existem falhas ninguém é perfeito... nós temos muitas meninas que deram certo e muitas que deram errado...mas educar é trazer elas pra... pra vida mostrá que a vida não é fácil... falá a verdade pras pessoas e... tentá fazê com que elas façam justo lá fora... e fazer o justo às vezes não é agir com o coração e sim com a razão o que pra ela é muito difícil principalmente na questão financeira... e educar

²⁸ Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação do Mato Grosso do Sul – MS. Confira capítulo II.

também é profissionalização... é chamar a atenção... é dá carinho.... é:: tudo que uma mãe faz com o filho é educar e tudo que a escola... a gente tá acompanhando a escola... a gente acompanha elas... chama atenção na hora que tem que chamá... faz carinho na hora que tem que fazê... dá bronca... isso é educar...mostrar que ela tem valor.

No discurso de D₁, cruzam-se dizeres do outro sob diferentes vozes que o constituem (ECA, Minuta, Leis). No enunciado “o adolescente **tem que sabê** que existem **regras...** que eles **têm** deveres e direitos a cumprir”, o discurso sobre as regras faz emergir uma FD1 pedagógica, o que produz efeitos de sentido de poder numa instituição marcada por hierarquias. Conforme Orlandi (2003b, p. 17), o discurso pedagógico (DP) aparece “como *algo que se deve saber* [...]”, enquanto discurso autoritário, o DP aparece como discurso do poder”. É possível constatar, pela perífrase “tem que sabê” e pela forma verbal “têm” o modo impositivo de D₁ sobre os sujeitos pesquisados numa busca pelo aprendizado desses sujeitos. A força da posição de diretora é representada nos itens lexicais “escolhidos” no bojo do discurso autoritário.

Se os sujeitos pesquisados têm que saber que há regras, direitos e deveres, então fica a cargo da instituição ensinar essas regras, deveres e direitos de cidadãos, pois, ao saírem da UNEI, irão conviver com a sociedade que impõe regras a todos. D₁, ao representar a instituição como conhecedora das regras, direitos e deveres, fica sendo responsável por apresentar tais regras aos sujeitos pesquisados e também ensiná-los a cumpri-las.

Pelo discurso de D₁, os sujeitos pesquisados já deveriam saber o que é viver em sociedade e também o que é ser cidadão. Como vimos nas respostas sobre sociedade e cidadania, fica evidente que esses conceitos têm que ser mais discutidos, pois, ao saírem da Unidade, irão viver em sociedade como cidadãos. Conforme o ECA, artigo 124, inciso V, todo adolescente privado de liberdade tem o direito de “ser tratado com respeito e dignidade”. Desse modo, os sujeitos pesquisados devem ser tratados com dignidade não só enquanto privados de sua liberdade. Enquanto privados, é fundamental que tenham conhecimentos, noções, e que saibam o que é viver numa sociedade e o que é cidadania, o que é ser cidadão, pois serão (re)integrados à sociedade.

Notamos que, para a maioria dos sujeitos pesquisados, talvez pela idade e pela falta de apoio familiar, cumprir as regras da sociedade, saber os seus deveres e direitos

parece ser difícil, pois muitas vezes os seus direitos são feridos pela própria família e pela sociedade.

Parece ser difícil também para os sujeitos pesquisados reconhecerem os seus deveres e direitos enquanto cidadãos e reconhecerem a sociedade como algo importante, pois quem nunca (ou quase nunca) foi reconhecido socialmente acaba não reconhecendo o direito do outro e, assim, passa a “feri-lo” sem qualquer culpa pela falta de conhecimento.

D₂ representa-se por meio dos dêiticos “eu”, “nós” e “a gente”. Ao representar-se dessa maneira, assume identificação com a forma-sujeito da FD2, a pedagógica – “educar é (trazer a adolescente)” -, o que produz efeitos de sentido de saber, enquanto sujeito preocupado com a educação e a vida dos sujeitos pesquisados num trabalho realizado em conjunto.

Em: “Pra **mim...** e **eu** já falo em nome da **equipe** que **nós** já debatemos esse assunto não é a primeira vez que **eu** respondo isso [...] **a gente** tá acompanhando a escola...”, ao utilizar o dêitico “eu”, D₂ reconhece seu lugar na instituição e posiciona-se como diretora que pode falar em nome dos outros que trabalham na instituição. O discurso de D₂ é perpassado por outros que o constituem (aquilo que já leu e escutou), e não nota as barreiras que marcam o dizer do outro que constitui o seu dizer, “reflete o sonho adâmico” (ORLANDI, 2001, p. 35).

Ao trazer “equipe”, “nós” e “a gente”, D₂ representa-se como parte desse grupo, inclui-se nele sem diferenças e sem hierarquias. Transmite para o interlocutor uma imagem de quem sabe trabalhar em conjunto, sabe “escutar” a opinião dos outros, como podemos constatar pelas formas: “debatemos (esse assunto)”; “temos (muitas meninas que...)”; “acompanha (elas)”. D₂ representa a instituição de modo positivo, evidenciando que, na Unidade, os sujeitos pesquisados aprendem a “ver o mundo” de forma diferente, aprendem a valorizar as pessoas, o que marca sua posição enquanto uma diretora que está preocupada com o bem estar e a vida desses sujeitos.

O seu dizer faz eco ao discurso materno, “tudo que uma **mãe** faz com o filho é educar”, o que faz emergir uma FD3, a familiar, com a preocupação de ensinar os sujeitos pesquisados a dar valor às pessoas, à profissionalização e aos estudos, para que tenham um futuro melhor. Também se preocupa em dar carinho, dar broncas no sentido de educar, como

uma mãe faz: “isso é educar... mostrar que ela tem valor”. O item lexical “valor” produz efeitos de sentido humanitários, o que valoriza a instituição a que representa, à medida que dá importância aos sujeitos pesquisados, o que evoca o discurso da ressocialização, ao preocupar-se com esses princípios básicos para a vida de uma pessoa.

Destacamos, agora, a questão sobre as propostas das unidades, pois o funcionamento das UNEI norteia-se por propostas pedagógicas, que estão inseridas na Minuta de Regimento Interno das Unidades Educacionais de Internação, com o objetivo de conduzir os (as) adolescentes ao rompimento com a prática delituosa, envolvendo, além da família como parceira no trabalho pedagógico, todos os funcionários que fazem parte da equipe responsável pela escolarização, saúde, profissionalização, cultura, esporte, lazer e segurança.

Esse regimento tem como base, além do projeto educativo, para evidenciar o potencial dos (as) internos (as) a partir de um clima de confiança, dignidade e respeito, fazer que os (as) adolescentes valorizem o cumprimento das normas, favorecendo as rotinas disciplinadas. Diante disso, perguntamos às diretoras quais são as propostas da Unidade, a fim de evidenciar suas posições, seus modos de representação enquanto diretoras.

3.2.3 Propostas da Unidade

D₁-... Educar e inserir é:: tanto na... na... na educação escolar como também na:: no convívio social com a família com os demais integrantes da sociedade a... a:: adolescente aqui ela tem que:: aprendê que ela tem que:: saber conviver sem violência mas com::... cultura... lazer com outras coisas que não:: não as leve a cometerem outros atos infracionais.

D₂- A proposta dessa unidade é a ressocialização... muitas das vezes não é nem a ressocialização... mas sim socialização... porque muitas vezes não tem nem uma noção do que é a sociedade o que é viver em grupo... mas a nossa proposta é a ressocialização... é:: inserindo no mercado de trabalho... na... na... dentro das escolas e:: se possível com a família o que geralmente não acontece... mas pelo menos é um caminho pra elas seguir... porque muitas delas quando tem a família ou tem o pai ou tem a mãe... e:: quando tem o pai geralmente já foram agredidas ou abusadas sexualmente... quando tem a mãe são agredidas... é:: sofrem agressões... é:: físicas... sofrem agressões físicas então elas não querem retornar para casa ou

quando não há agressão física a mãe é alcoólatra... dependente química... e:: falta alimentação... falta higiene dentro da casa enquanto aqui ela aprende uma certa higiene tanto com a... com a unidade em si quanto com o corpo e ao retornar para casa elas vê outra realidade falta uma geladeira... uma televisão... falta o alimento aonde é complicado você tá inserindo na sociedade novamente.

O dizer de D₁ evidencia a determinação em cumprir as propostas de modo impositivo, marcado pelo dêitico espacial “aqui” e pela expressão “tem que”, que, nesse caso, produzem sentidos autoritários e encaixam-se no que se espera de um sujeito com “poder” para falar dessa maneira.

D₁ não percebe o limite que marca o dizer do outro (Minuta, ECA), que passa a ser constitutivo daquilo que diz por meio dos itens lexicais: “educação”, “cultura”, “lazer”, que marcam o discurso dessa instituição. Isso ocorre por meio do interdiscurso (discurso institucional) que sustenta sua enunciação, ao mesmo tempo em que constitui e fortalece a formulação (intradiscurso).

No enunciado: “a:: adolescente aqui ela **tem** que:: **aprendê** que ela tem que:: **saber** conviver sem violência”, as formas “tem”, “aprender” e “saber” fazem emergir uma FD1, a pedagógica, no que se refere aos ensinamentos dados aos sujeitos pesquisados, o que produz efeitos de sentido de poder, de verdade. Assim, ao tomar posição de autoridade da instituição, diz de modo imperativo, marcado pela forma “tem que”. D₁ coloca em jogo o discurso-outro, isto é, o discurso das regras da instituição, das leis, como espaço virtual. Os sentidos de poder produzidos revelam um “tom”²⁹ de (in)segurança que perpassa seu dizer no que diz respeito ao tratamento dos sujeitos pesquisados, ou seja, D₁ parece ter necessidade de mostrar-se como autoridade para evidenciar ao interlocutor que na unidade as propostas são cumpridas como “manda” a lei.

D₂, ao usar do dêitico “nossa”, marca o outro em seu discurso de diferentes formas, por meio de outras vozes que fazem parte do seu dizer, como a voz dos agentes, dos professores, da justiça, entre outras. A “ressocialização” é o discurso institucional (SINASE,

²⁹ Para Maingueneau (1997, p. 46-47), “O tom está necessariamente associado a um *caráter* e a uma *corporalidade*. O ‘caráter’ corresponde a este conjunto de traços ‘psicológicos’ que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer”. Já a corporalidade “remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva”.

ECA, Minuta), que prevê a inclusão dos sujeitos pesquisados na sociedade, como podemos verificar em: “mercado de trabalho”, “escolas” e “famílias”.

No enunciado: “aqui ela aprende uma certa higiene”, a forma verbal (no presente) “aprende” faz emergir uma FD2, a pedagógica, que produz efeitos de sentido de verdade, de saber. O dêitico espacial “aqui” marca o lugar de onde enuncia (a instituição) e permite a D₂ mostrar diferenças entre: fora da instituição (agredidas, abusadas pelo pai, mãe alcoólatra /dependente química, falta alimentação, higiene, geladeira, televisão) e dentro da instituição, “aqui” (não são agredidas, há higiene, alimentos, geladeira, televisão, e conforto).

Isso possibilita a D₂ subverter a ordem do discurso, ao ressaltar que a instituição é melhor para os sujeitos pesquisados. Inverte os valores estabelecidos pela sociedade acerca da imagem da instituição e posiciona-se no discurso enquanto uma diretora autorizada a dizer desse modo, o que desqualifica, ao mesmo tempo, as famílias desses sujeitos. Evidencia um “tom” de segurança no que diz, pois destaca as dificuldades dos sujeitos pesquisados na relação com a sociedade, com o mercado de trabalho, com a escola, e com suas famílias que geralmente não são vistas, por D₂, como colaboradoras no processo de ressocialização.

A família é colocada por D₂ em oposição à instituição por meio do conectivo “mas”, que produz efeitos de sentido negativos para as famílias dos sujeitos pesquisados (dada a situação econômica, social e cultural). Também justifica o porquê das desvantagens de os sujeitos viverem em suas casas. D₂, ao representar-se, gera significados que dão sentido à sua experiência como uma diretora que se preocupa com os problemas dos sujeitos e que representa a instituição como se fosse uma “família”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação focalizou as análises dos enunciados de adolescentes autoras de ato infracional de duas cidades, Campo Grande e Dourados, no que diz respeito às identidades e as suas formas de representação. Também foram realizadas as análises dos enunciados das diretoras das unidades pesquisadas, evidenciando que as representações discursivas das diretoras que desenvolvem medidas socioeducativas de internação são constituídas nas/pelas relações de poder, sempre vistas aos “olhos” da justiça.

Observamos que o discurso das adolescentes é marcado por alguns aspectos relevantes, tais como as condições de produção e a heterogeneidade do discurso como forma de representar-se e representar o outro. A forma de representação das adolescentes é realizada por meio da relação simbólica de incorporação de vozes, que estabelece a voz da adolescente *como se* fosse a voz dos segregados, dos excluídos (da família, da sociedade), pois inclui outras adolescentes em conflito com a lei em seu dizer, representando a si e ao outro (as adolescentes) como “marginalizadas”. Assim, elas se representam e se identificam como excluídas, pois há sempre uma memória em relação ao discurso dos excluídos.

Os dêiticos foram freqüentes nas falas das adolescentes por tratar-se de uma entrevista, sendo que essas ocorrências tiveram como função: fazer referência ao momento atual, ou marcar o dia da enunciação, “hoje” e “agora”; também para referirem-se ao local onde se encontram, “aqui”, “cá”, e, “daqui” e, fora desse local, “lá”, bem como para falar de si mesmas, mostrar sua opinião, “eu”, e, ainda, incluir outras adolescentes/ou grupo social em suas falas, “a gente”.

Em relação ao relacionamento com os pais, verificamos que há desajustes familiares, marcados, especialmente, pela ausência da figura paterna e a “presença” da figura materna, numa mistura de sentimentos, pelo atravessamento de formações discursivas afetiva, pesarosa, religiosa (do perdão) e de vitimização. Após (res)significarem o conceito de mãe, passam a representá-la de outro modo, ou seja, passam a entender melhor a posição de mãe. Isso não acontece com todas, pois há adolescentes que se mostraram sem o apoio familiar, o que parece contribuir para o comportamento de desvio em relação à “ordem”.

No que se refere à admiração por alguém, seus discursos são marcados por referências a pessoas que têm comportamento dito “normal”, pessoas que dão atenção, conselhos e conversam sobre coisas boas com elas, que as tratam bem. Nesses discursos não estão incluídos seus pais. Assim, a constituição das formações discursivas do discurso afetivo passa por um silenciamento do discurso familiar (pai/mãe/irmãos), o que insinua falta de estrutura familiar das internas. Estão presentes as formações discursivas financeira, afetiva, familiar, pesarosa, pedagógica e jurídica.

Verificamos que a questão do consumo e do tráfico de drogas está muito presente na vida dessas adolescentes. A maioria diz arrepende-se do ato praticado e afirma ter procurado as drogas para ganhar dinheiro rápido e suprir suas necessidades mais prementes. Lembrando que, das catorze adolescentes entrevistadas, dez estão nas UNEI por tráfico de drogas.

As materialidades lingüísticas indicam que as condições de produção de seus discursos interferem no que dizem, pois elas utilizam os discursos do arrependimento, da religião e da justiça³⁰ como estratégia para a (re)articulação dos sentidos. Para elas, é uma forma de sobrevivência aventureira, inserida nos modos de convivência do espaço nessa vida (as regras de comportamento do grupo), destacando que, ao participarem dessa ação, não se localizam como pessoas que fazem vítimas e atentam contra a sociedade, mas são motivadas pela lógica segundo a qual o mais importante é o ganho.

A constituição das identidades dessas jovens está associada às transgressões, quando, por exemplo, observamos as questões dos problemas familiares, econômicos e os maus tratos (familiar e social) por elas vivenciados. Assim, elas procuram outros lugares, outras convivências sociais para terem a “independência” familiar e econômica. Suas identidades não são fixas, pois os sujeitos transitam entre as diversas posições de sujeitos. Para as jovens, é tão estigmatizante serem consideradas infratoras que o trânsito entre essas posições é um processo difícil. As formações discursivas presentes na questão sobre as drogas foram a de viciada e de traficante, defensiva, pesarosa, médica e a pedagógica.

As adolescentes analisam suas vidas a partir do ato cometido, das drogas, dos pais ausentes, em que aparecem as formações discursivas pesarosa, religiosa, pedagógica,

³⁰ Agradecemos as observações feitas no Exame de Qualificação pela Prof^a Dr^a Vânia Maria Lescano Guerra a respeito do discurso jurídico.

familiar e afetiva, como uma forma de silenciar tais atos. As condições de produção desse discurso suscitam os efeitos de sentido desejados, pois fornecem pistas de interlocução num conflito que marca suas identidades ao contestarem o passado e quererem, a partir do momento presente, a busca por outra identidade, colocando em xeque suas identidades, marcadas pelo discurso do arrependimento, da pedagogia, da religião, numa evidente “crise de identidade”.

Em suas falas, não se percebem preocupações com um futuro melhor para a família, para o outro, mas sim com o “eu”, pois entraram no mundo das drogas para resolverem seus próprios problemas, e à família, geralmente desagregada, atribuem a culpa pelo estado atual. Apesar da substituição da infância, da casa e da escola pela “rua”, valorizam o estudo e o trabalho como meios de recuperar melhores condições de cidadãs.

No que se refere à justiça, notamos que há um silenciamento constitutivo em seus discursos. As adolescentes, ao silenciarem, (res)significam as próprias identidades ao atribuírem à justiça um caráter artificial. Isso acontece pelas condições de produção de seus discursos, que influenciam no dizer, uma vez que o dizer é histórico e, portanto, ideológico. Nessas condições, a maioria das adolescentes concorda com a justiça, por estar cumprindo a sua função. Apenas uma não concordou, colocando-se no lugar de vítima. As escolhas lexicais mostram a maneira diferente como as adolescentes significam e vivenciam os atos infracionais classificados no discurso jurídico por uma perspectiva diferente, ou seja, silenciam as transgressões e evidenciam o discurso jurídico como “o certo”. As formações discursivas mais recorrentes foram: a pedagógica, a jurídica (principalmente), a médica e a religiosa, o que mostra, além dos sentidos, as relações imaginárias dessas adolescentes.

Em relação às questões sobre sociedade e cidadania, as adolescentes revelaram que são segregadas da sociedade, já que vêem a sociedade como “injusta”, “desigual”, sentindo-se maltratadas. No entanto, parecem destituir-se de qualquer responsabilidade por atentarem contra os princípios de convivência social. Essa responsabilidade é sempre atribuída ao outro, seja o pai, a mãe, a família ou a sociedade.

Uma das realidades é a falta de conhecimento de seus próprios direitos enquanto cidadãs que vivem em sociedade. Esses sentidos emergem com nitidez nas falas das diretoras - haveria conscientização sobre cidadania e sociedade -, porém, as falas das adolescentes mostraram não serem conhecedoras. Observamos a “luta”, o confronto, entre as formações

discursivas do “dominador” (as diretoras), que diz cumprir o que está no ECA e “trabalhar” pelas adolescentes para ressocializá-las, e as formações discursivas do “dominado” (as adolescentes), que não parecem “prontas” para viver de forma digna na sociedade, o que contribui para confirmar nossa hipótese.

É fundamental tornar-se sujeito conhecedor do seu próprio direito e não somente sujeitos de direito como menciona o ECA em seu artigo 15, uma vez que só adquire direito quem o conhece para poder lutar e alcançá-lo. A partir daí, a motivação pelo conhecimento aumenta e, como consequência, a dignidade como ser humano, passando, assim, a ser reconhecido e reconhecendo os direitos dos outros, respeitando-os. Em relação à questão sobre a sociedade, as formações discursivas foram segregativas, apenas uma associada à corrupção e a impunidade; já em relação à cidadania, foram: pesarosa, política, religiosa, moralista e operária.

Também constatamos que as adolescentes representam-se em relação ao futuro pelo desejo de mudança, de dignidade e independência financeira, ou seja, representaram-se ao dar significado a experiências vividas, por isso o desejo de mudança, pela formação discursiva de arrependimento (pesarosa). Elas sabem que, para haver mudança, é necessário estudar, trabalhar e, por isso, em seus discursos aparece: anseio pelo estudo e pelo trabalho, bem como ter filhos, evidenciado as formações discursivas operária e afetiva/familiar.

Assim, as jovens (a maioria) têm aspirações culturais, não vivem para o presente imediato, uma vez que demonstraram relacionar muito bem passado e futuro, além de não quererem ser, ou voltar a ser “marginais”. A constituição das formações discursivas do discurso do arrependimento, religioso, perpassa o pré-construído, que determina “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 160). Observamos que é nesse momento que a identidade dessas adolescentes entra “em crise”, pois ora representam-se como excluídas, ora representam-se como transformadas e é nesse movimento que a identidade vai-se moldando, as questões vão se resolvendo ou não.

Os sentidos estão a todo momento relacionando-se, ou seja, no decorrer da história, contrariam-se e confirmam-se, a partir das formações discursivas (jurídica, pedagógica, pesarosa, religiosa, afetiva, felicitativa, médica e familiar), o que pode ser constatado nos sentidos que sempre estiveram condenados ao silêncio, pois onde há tentativa

de opressão, há tentativa de resistência. Ao enunciar, as adolescentes autoras de ato infracional quebram toda a tentativa de homogeneizar o discurso jurídico.

Em relação à questão sobre como se vêem, as adolescentes mostraram-se arrependidas pelo ato praticado, por estarem na UNEI; também se mostraram mudadas por estarem na instituição por meio das formações discursivas pesarosas e pedagógica; felizes por estarem na Unidade e poderem melhorar suas “visões de mundo”, com a formação discursiva felicitativa, e agradecidas com a formação discursiva religiosa pela oportunidade de estarem “enxergando” seus erros do passado na Unidade. Elas se representam, nas condições de produção de seus discursos, como pessoas “de bem”, mudadas interiormente.

Por fim, nos acontecimentos que marcaram suas vidas, verificamos desajustes familiares como causa de acontecimento marcante, com a formação discursiva familiar. Também, se sentem marcadas pela sociedade pelo fato de terem ido para a instituição, e preocupam-se com a saída. As adolescentes “lutam” contra a imagem de “marginais” que lhes foi imposta e que está marcada no/pelo lugar de onde enunciam.

Como o leitor pôde constatar por meio das análises, emergem nas falas das adolescentes ora a denúncia de falência dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais em nossa sociedade, ora a utilização deles como justificativa para os atos “não legalizados” pela sociedade e não aceitos pela religião. A análise aponta, ainda, caminhos para que a sociedade e o Estado possam refletir sobre essa problemática e propor ações para sua solução.

Em relação ao discurso das diretoras das UNEI, constatamos que, ao representarem-se, representam a instituição a que pertencem, pois têm a ilusão de que são “donas” do que dizem, como se o dizer se originasse nelas, porém seus dizeres são perpassados por outros que significam dentro das condições de produção de seus discursos. O discurso institucional é marcado por um sentido dominante (formação discursiva pedagógica), que o legitima como o sentido sedimentado, cristalizado, perpassado pelo poder, o poder de representar, que significa à medida que é dito.

Também constatamos que seus discursos são perpassados pelo discurso maternal: a UNEI é vista como uma “família” (formação discursiva familiar) que se preocupa com a

educação, dignidade, profissionalização das jovens. É uma estratégia de poder que funciona e não vai contra o dizer do Estatuto da Criança e do Adolescente.

O Estado e seu discurso, pela voz das diretoras, é representado como o regulador e controlador, como aquele que visa à educação disciplinadora, ao preparo para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho, bem como à (re) instauração da ordem e do progresso.

Enfim, evidenciamos como as jovens representam-se em seus discursos por meio de diálogos e entrevistas sobre suas vidas e mostramos, também, como o poder e as representações são construídos nos discursos das diretoras das UNEI. Cremos que tivemos vigilância, enquanto pesquisadoras, para não nos entregarmos ao subjetivismo. Esta pesquisa não se esgota e nem traz soluções, uma vez que nossa pretensão foi problematizar e suscitar algumas reflexões, de modo que outras análises, sob outros olhares e de outras perspectivas, ainda podem ser feitas, a partir do discurso de/sobre adolescentes autoras de atos infracionais, que apontam peculiaridades de identidades e indicam que se torna cada vez mais urgente compreendermos o discurso dessas (es) adolescentes, na condição de excluídas (os), como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades e, além disso, trouxe-mos à tona a importância de se ter com essas (es) jovens um compromisso social.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 534- 536.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. de Walter José Evangelista e Maria Laura Vieiros de Castro. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. ; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Trad. de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-78.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990.

BECKER, D. *O que é adolescência?*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BENEDITO, D. *A construção da Identidade Negra Criminosa no Brasil* (2005). Disponível em <http://www.ultimanoticia.com.br>. Acessado em 28 de novembro de 2006.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

CASTELFRANCHI, Y. *Estatuto da Criança e do Adolescente: um marco na luta pelos direitos* (2005). Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens>. Acesso em 12 de novembro de 2006.

CENTURIÃO, L. R. M. *Identidade e desvio social*. Curitiba: Juruá, 2003.

CONANDA. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/conanda>. Acesso em 12 de novembro de 2006.

CORACINI, M. J. (org.). Identidade e discurso. In: CORACINI, M. J. *Subjetividade do (a) professor (a) de Português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 239 – 254.

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. Observação sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M, C, L. (orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p. 15 – 22.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FLORES, V. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 49-77.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005a,

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Trad. de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira, 2005.

GRIGOLETTO, E. A noção do sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; Santos, E. J. dos (orgs) *Estudos da língua(gem): Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005, p. 61 – 66.

GRIGOLETTO, M. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, M.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M, J. (orgs) *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 15 – 25.

HALL, S. Quem precisa de identidade? Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-131.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F; CAMPOS, M. do C. (orgs.) *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000a, p. 70 – 81.

_____.; CAMPOS, M. do C. (orgs) *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000b, p. 11 – 15.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JHONSON, R. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. In: SILVA, T, T. (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KOCH, I, G, V. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 82-85.

LOPES, A. C. *Narrativas das adolescents em Conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2006.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder (introdução). In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005a, p.VII – XXIII.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. De Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MANZINI-COVRE, M. de. L. *O que é cidadania*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATTOS, C. L. G. de. *A abordagem etnográfica na investigação científica* (2001). Disponível em: [http:// www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20 Monica.htm](http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm). Acesso em 20 de novembro de 2007.

MINUTA DE REGIMENTO INTERNO DAS UNIDADES EDUCACIONAIS DE INTERNAÇÃO. Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2006.

ORLANDI, E, P. *As formas de silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 2003a.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003b.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. In: *Estudos da Língua(gem): Michel Pêcheux e a análise de discurso*. n.1. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005b, p. 09 – 12.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. Trad. de M. R. Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 191-210.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. In: GADE & HAK (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 61 – 105.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET & HAK (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 163 – 235.

RAGO, M. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade. In: PEDRO, J, M e GROSSI, M, P.(orgs.) *Epistemologia feminista, gênero e história*. São Paulo: Editora Mulheres, 1998, p. 21- 40.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMIDOFF, M. L. *Lições de direito da criança e do adolescente: ato infracional e medidas socioeducativas*. Curitiba: Juruá, 2006.

REVISTA ISTOÉ. São Paulo: Editora Três Ltda, n. 1901, 29 de março de 2006, p. 07-11.

REZENDE, V. de M. *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2005.

SCHMIDT, R. T. Em busca da história não contada ou: O que acontece quando o objeto começa a falar? In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M do C. (orgs.) *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 102 – 110.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T.T. (org.) A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73 – 101.

SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO (SINASE). Brasil. Junho de 2006. Brasília.

TEVES, N. Imaginário social, identidade e memória. In: *Linguagem, identidade e memória Social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 53 – 67.

UNICEF. Medidas Socioeducativas para Adolescentes Infratores (s/d). Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/medidassocio.htm>. Acesso em 12 de novembro de 2006.

UNICEF. *Qualidade de Vida para todos os Adolescentes* (s/d). Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/qualidadedevida.htm>. Acesso 12 de novembro de 2006.

VOLPI, M. *O adolescente e o ato infracional*. São Paulo: Cortez, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07 –72.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO 1

ADOLESCENTES - UNEI

Identificação:

1) Nome completo:

2)

idade: _____

3) Tem Filhos? Quantos? Com quem eles estão?

4) É casada?

5) De qual cidade você veio?

6) Morava com quem antes de vir para cá?

7) Gostava de lá? Por quê?

8) Trabalhava? O que você fazia?

9) Quanto tempo você está aqui? Qual o motivo?

10) Como é seu dia-dia, o que você faz aqui?

11) Como você se sente aqui?

12) O que você mais gosta aqui?

13) O que você menos gosta aqui?

14) O que você aprende aqui?

15) Você concorda com a educação que recebe aqui? Por quê?

16) Quando você vai sair daqui?

17) Você acha que todas são amigas uma das outras ou vocês formam grupos isolados?

18) De que você mais sente falta lá fora?

19) Quando sair daqui o que pensa em fazer? Por quê?

QUESTIONÁRIO 2

DIRETORAS – UNEI

Identificação:

Nome _____ Profissão: _____

Idade: _____

1) Quantas internas há aqui?

2) A partir de que idade elas podem vir para cá, e ficam no máximo até que idade?

3) Qual a maior causa da vinda delas?

4) O que se ensina aqui? Quais as propostas desta unidade?

5) Como é o dia-dia das adolescentes aqui?

6) O que elas não gostam de fazer? Por quê?

7) O que elas mais gostam de fazer? Por quê?

8) Qual é o dia de visitas? Todas podem receber visitas? Quem geralmente são as visitas?

9) Algumas ficam muito tempo sem receber visitas? E isso influencia no comportamento?

10) Qual é o momento da saída de uma interna? Há processo?

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM AS ADOLESCENTES
--

1. O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?
2. Você é reincidente?
3. Conte um fato/acidente que marcou sua vida.
4. Pensando no motivo que a trouxe para cá, o que você pode dizer sobre a justiça?
5. Certamente, você já ouviu falar sobre cidadania. O que significa ser cidadã para você?
6. Do que você mais tem medo? Por quê?
7. Como você analisa, hoje, a sua vida?
8. Como você deseja ser no futuro? Por quê?
9. Como você avalia os seus pais?
10. Você admira alguém de forma particular/especial? Por quê?
11. Como você se vê?
12. Vocês têm regras a cumprir aqui? Quais são elas?

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM AS DIRETORAS

1. Você acha que tem atitudes justas/coerentes nas relações com as internas?
2. O que é educar e reintegrar na sociedade?

Obs.: Algumas questões foram formuladas na entrevista a partir das respostas dadas pelas diretoras no questionário.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS DADOS ORAIS

<i>OCORRÊNCIAS</i>	<i>SINAIS</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/e reinicia
Entonação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	::podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda de moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leituras de textos, durante a gravação	” ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRReira entre nós”...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se adota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh : : : ... (alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*. (KOCH, I, G, V. 2006, p. 82-85)

DOCUMENTOS DE LÍNGUA ORAL

Unidade Educacional de Integração *Estrela da Manhã*

Data: 10/ 01/ 2006, 12/01/2006 e 13/ 01/2006

Tempo de gravação: 1 hora e 45 minutos

Pesquisadora: P

Sujeitos pesquisados: S₁, S₂, S₃...

Sujeito 1

P: Bom... S₁ ...você disse ((no questionário)) que gostava de lá onde você morava... na rua... né? É:::...mas se arrependeu... porque lá não era igual a sua casa... né? E como era a sua casa?

S₁: A minha casa era muito mais melhor do que a rua... eu bebia... comia... trocava de roupa... tinha conforto melhor... eu era muito viciada... na base... eu não quero mais essa vida pra mim.

P: O que você acha sobre o uso ou venda de drogas?

S₁: Ai... isso pra mim era muito::... eu ganhava bem dinheiro... fuMAva... de vez em quando pegava prá vendê... aí::... depois me pegaram eu vim prá cá.

P: Mas, o que você acha a esse respeito?

S₁: O que eu acho é que eu não devia tê feito... que eu sou de meNOR e que eu ia sair mesmo.

P: Na questão número nove... né... a pergunta... como é seu dia-dia... o que você faz... você disse que dorme... trabalha com a limpeza... estuda... aprende ser educada e ser gentil... né? O que é ser gentil para você? Você acha que deve estudar também... por quê?

S₁: Ah... porque pra mim levantá na vida afora... consegui um trabalho fixo... mudá a minha vida.

P: E ser gentil?

S₁: Ah... porque::... se num for gentil com as pessoa... as pessoa num vai sê gentil comigo.

P: Na questão número oito... com a pergunta...o que você menos gosta aqui... você disse que não gosta de sair com algema... Por que você não gosta de sair com algema?

S₁: Ah::... porque::... antes eu num usava algema... depois que eu comecei... depois que eu caí aqui... eu usei quando eu fui no fórum... minha mãe chorou... então é humilhação usá.

P: O que você acha sobre o comportamento de certos pais e filhos? Como você acha que a família deveria ser?

S₁: A família deveria ser unidas... deveria sê::... amigas uma das outras... a mãe num brigá... num tocá o filho de casa... e o filho também num disrespeitá a mãe... num batê na mãe... que isso num leva a vida pra frente.

P: E o comportamento de certos pais? O que você acha?

S₁: Ah::... tem certos pais que::... quando... que principalmente os pais... eles pega... bebe e bate nos filho... e:: eu acho que os pais também têm que dar bons conselhos pros filhos.

P: Você é reincidente?

S₁: Ah::... eu sou... mais menos aqui... porque eu já passei em altos abrigos... desde a minha adolescência... é::... desde que eu tinha sete anos... minha mãe batia muito... ela me tocava de casa... ela trancava a porta... e me deixava na rua.

P: Então você ficava em abrigos... é isso?

S₁: É... porque ela me espancava muito... e::... aí o conselho recolheu eu e levou pro abrigo.

P: Você tem quantos anos hoje?

S₁: Tenho catorze anos.

P: Conte um fato um acontecimento que marcou sua vida?

S₁: O que marcou a minha vida foi:: meu ex namorado Creiton ... ele apareceu no centro da cidade... ele morava em Cuiabá... eu não conhecia ele eu peguei e cheguei nele eu tava morando com o capitão chujeira... ele () tava em frente o mercadão... ele perguntou posso andar com vocês... eu peguei... não... aí o capitão chujeira não tô com minha mulher... aí ele pegô e falou assim mas porque... ele falou não aí eu e ele o capitão chujeira pegô e fomos pra praça compra base... aí chego lá a gente compramos... tá... aí depois chego lá tá posso andar com vocês... fumá... você tem dinheiro? ele falou tenho... tenho quinze reais ele foi e comprou ele falou então vamos pra rodoviária aí nós fomos fumar no moco aí tá... a gente fumamos pra de boa... aí ele perguntou posso andar com você porque eu não conheço a cidade... pra eu conhecê bem a cidade aí o capitão chujeira tá bom... aí tá começamos andar e onde nós dormia ele dormia aí:: passou uns... quatro meses o capitão chujeira ficou doente por causa da chuva e da pinga que ele tomava muito ((risos)) aí ele pegou o Creiton pegou e falou assim vamos dar uma volta enquanto seu marido tá dormindo pra nós poder arrumar comida... dinheiro aí tá nós fomos... aí tinha um amigo dele ripi que ele já tinha conhecido... fez amizade aí tá nós paramos ali começamos tomar () aí ele começou a tomar também aí a gente foi pra escada... terminamos fomos pra igreja... aí lá ele disse que ele quando ele ia ali ele cumpria tudo o que pedia as donas dava dinheiro aí tá... aí foi lá tá ele pegou pediu cachorro quente isso era numa sexta-feira era umas nove horas da noite tá... nós pegamos comemos nós sentamos em frente da igreja tinha uma árvore no meio em frente de uma árvore... aí ela deu coca pra gente e quatro cachorro-quente dois pra ele e dois pra mim... aí tá... aí nós começamos a comer... terminamos e ele falou fala um pouco da sua vida pra eu falar assim eu não () da minha vida não tem tanta importância pra falar... fala você... eu também não aí ele pegô e falou assim eu vou cantar uma música pra você... aí ele começou a cantar uma música do:: KLB... aí tá... eu comecei a cantar música da Kelly Key pra ele também ele já ficou daquele jeito ((risos))... ele falou a sua voz é bonita eu falei então brigado aí ele pegô e falou assim sua voz aí eu peguei sua voz também é bonita... aí ele pegou e falou assim:: você gosta do capitão chujeira? eu falei não::... sei lá não sinto muita coisa assim amor por ele aí eu perguntei você gosta da... da Eliane? porque ele quando eu vi ele ((risos)) eu comecei gostar do guri... né ele tinha 18 anos aí... eu peguei:: e falei assim ele pegô e falou assim não... ela nem sabe beijar direito aí eu peguei e falei assim... então tá bom... aí tá aí comecei a cantar e ele veio se aproximando e a gente começou a se beijar... aí ele já começou a falar um monte:: aí menina quando eu te vi com aquela blusinha mostrava quase a metade do seio... i:: aquela calça branca sua eu falei hum:: obrigado... aí tá falei assim:: você não quer viajar comigo perguntei pra ele... eu falei pra onde eu falei pra Coxim na casa da minha irmã pá::... mas porque que não quer ficar aqui vamos lá pá... pra conhecê... saí um pouco das drogas pra gente mudar nossa vida pá:: de uma hora pra outra ((risos)) aí tá nós fomos... depois no outro dia nós já tava lá... pegamos carona... parava num

posto pegava outra carona... durmimo debaixo da rede do caminhão com uma rede que o véinho emprestou...sei que foi no outro dia graças a Deus que a gente conseguimos uma carona chegamo lá ele batalhou... ele suava pra í voltá cum a ropa... cuberta... tualha... dinheiro... cumida e uma mulher ajudava a gente tamém... na casa da minha irmã porque minha irmã conhecia todo mundo... o dia que nós chegamu lá ela tava viajano i chego aí eu comecei ficá com ciúme dele e ele começou a ficá com ciumi de mim ele começava a CHORÁ:: eu te amo num vai embora e eu tava grávida dele eu já tinha ficado grávida dum noivo fiquei com ele UM ano com ele... aí eu fiquei grávida eu falei eu vô::... tomá remédio só prá vê o que ele vai fazê... né... ciúme... aí eu peguei falei assim oh tô brincano aí ele pegô e tomo o coiso di mim... o:: remédio.. eu peguei de novo e tomei di novo... aí eu fiquei com medo e falei vão embora

P: E esse remédio é pra quê?

S₁: Prá:: o aborto ((risos))... aí tá... aí eu pegui:: tomei o remédio aí eu peguei móis pegamo fomo arrumamo as coisa pá... é:: a gente pegou i:: vinhemu com um caminhão quase a metade do caminho aí... a gente vimu aquele... como que é? sem-terra em frente... perto da chácara Tainá... aí... paramu ali e um veio pegou e falo voceis pode ficá até voceis consegui uma terra prá voceis se quise aí tá... aí eu falei que não que nois ia fica só uns dia aí ele falô então tá bom e ficamo... aí num deu certo nois roubamu faca... revolver du:: como é que fala... du:: guarda... du segurança... ele queria mata u segurança... ele só dismaiô... u cara dise não... não fais isso... num fais isso... pá... aí eu peguei e falei assim vão embora... vão embora... vão embora aí nós pegamu carona ele pegpu i::

P: E você tinha quantos anos nessa época?

S₁: Ah... dona eu tava com catorze... catorze não tinha uns treze... treze anos... é... aí... quando a gente chegou em Campo Grande ele pegô i:: a gente tava dorminu... a gente chego... e ainda tava dorminu () do lado dele... a gente tava esperano ((o capitão sujeira)) aí quando foi noutro dia nois tava cum ele do lado e ele botando fogo na gente nois tava cum a cuberta quando a gente acordo estava aquele fogarão subinu e se não fosse o tempo... a gente não se mexesse ia queimá até nosso rosto... queimô meu pé assim tudinha... tive que i nu hospital queimô assim tudinho nele tamém aí... a gente pegô... no outro dia uns cara tava atrais dele tamém os ripi odiava ele queria matá ele... queria a cabeça dele... ele tava perdido aí quando foi no outro dia a gente pegamu e fomu pra rodoviária que ele tava bêbado já ((risos)) eu tamém tava muito locona ((risos)) aí a gente chegamu na rodoviária pegamu i:: num tem a escada da rodoviária?lá em cima no cinema () aí a gente chego aí tá... ele começo a roubá óculos das lojinha eu falei não... não fais isso... não fais isso eu tava muito locona né... nem:: aí ele falo não vamu pegá e pegava e escondia tá... aí passou mais tardinha nós cumemo tudu aí ele teve a idéia de roubá a veinha... aí eu falei o que você vai fazê... ele falo nada não aí ele pegô na minha mão assim e saiu puxano cum tudu e pegô já a bolsa da veinha e subiu cumigu cum tudu... aí eu peguei e falei não:: num fais isso... derrubou a veinha no chão quebrou o óculos da veinha aí tá... nós subimu... aí tá de repente tá... vamu saí daqui já que você pegô... vamu saí... ele falo não vamu vê aqui o que nois não gosta nós dexe tá... eu fali não... não vamu saí daqui leva cum tudu lá fora você joga () aí tinha um trezentos reais e uma máquina fotográfica um radinho e ropa veia da vèia coitada ((risos)) aí a gente pegô i::... quando nós foi tirá o dinheiro pra colocá no bolso i... us pulcial da rodoviária () ele foi preso... aí não

P: Aí ele roubou e chegou os policiais?

S₁: Aí u pulcial chego e falo assim mão na parede... mão na parede... aí nois começamo () não... num fui eu... num fui eu...ele começou a falá foi ela, foi ela ela que robô tudu... ela que teve a idéia... ela que puxô a minha mão e tudu... aí () o policial pegô e começo a bate nele... puxano o cabelo dele... ele é cabeludinho... bunitinho... nossa dona ((risos)) aí tá ele começo

a::: enfiô assima maconha dentro du chinelu dele... tá... eu tá... se ele ferrá eu... eu vô ferra ele tamém aí tá eles pegaram a gente levarum nós pra DEARG...aí () rodoviária lá dentro do posto policial aí falo porque... porque tá... aí quando nois foi vê o óculus da veinha tava quebrado o pai... o filho da mulher... mulher e filho tava chorano

P: E ele foi preso nesse dia?

S₁: Foi... eu fui solta... ele não

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₁: Não sei... boa

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₁: Ah... significa que assim a gente:: o povo de Campo Grande... a gente não devia sê escravizado pelo policial... a gente devia ter alimentação melhor é:: aí dona... que devia ter recebido alimentação melhor... que o Lula:: começa:: fazê casas pra gente tirá os pessoal da rua esses que fica nas casa pedindo ingual eu era quando eu vivia na rua... eu pedia mesmu... não tinha vergonha... os outros pegava:: sai daqui... tratava a gente como cachorro então assim... eu acho qui:: o mundu deve ser melhor.

P: Do que você mais tem medo? E depois por quê?

S₁: Eu tenho mais medo da minha morte... porque::... quando eu ficava na rua... eu... tinha::... um amigo que ele era traidor... que ele matava as pessoa... pá... Uma vez ele levou eu na::... disse que era a casa dele... e ele foi me levano... me levano... aí pá... nós ia... nós ia...depois pensa que não... um maTÃO assim... aí eu falei assim... onde é sua casa? Lá naquela luiz lá... eu besta caí... aí ele falou assim...vamo... aí ele entrou comigo... É onde? Ele disse assim... vamo nesse trilho aqui que nós já está chegano... aí pá... eu entrei dentro do mato... ele falou... vamo disfarça pra esses cara pra eles num vê a gente entrano... porque senão vai dar BO... porque a gente ia fumano... né? Aí ele pegou e levou... pá... nós entramo... aí eu perguntei... onde que é? Ele falou assim... Oh::... vamo ino... ele pegô e levô numa altura que tinha um mato que cubria a gente... nós entramo dentro do mato... ele pegô e falô assim... dá a base... Eu falei... ah::... não vou dá... ele falô... dá a base... eu não vou dá... dá a base... eu não vou dá... ele pegô no meu pescoço e começô a mi inforcá... apertá... eu fiquei sem ar... aí... ele tomou a base da minha mão e falou assim... ou você deita aí ou te mato.

P: Como você analisa... hoje... a sua vida?

S₁: Ai::: minha vida que eu analiso é ser uma menina... mudá minha vida... ser uma menina:: obediente... ser uma menina:: de atitude assim:: mudá minha vida... estudá... fazê até a faculdade... trabalhá depois i::: vivê com minha mãe... com minha família... saí das droga... i:::num fugi mais de casa... eu reconheço agora minha vida... que antes eu não gostava da minha mãe... eu odiava ela... quando eu entrei aqui dentro a dona R perguntou se eu queria vê a minha mãe... eu falei que não::: não quero vê ela... aquela vagabunda... xingave ela... aí depois que eu fui reconhecê que a dona R conversô comigo que mãe é uma só S₁... num é assim você tem que reconhecê que mãe é mãe... aí eu peguei e falei assim tá bom quero vê ela pá... depois que eu comecei vê ela... comecei assim... reconhecê que mãe é uma só.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₁: No meu futuro eu desejo sê uma menina::... trabalhadeira... tê uma profissão boa... e::... ter meus filhos... minha CAsa ((risos)).

P: Você admira alguém de forma particular... especial? Por quê?

S₁: Minha mãe... porque ela:: ela que me acompanha no meu estudo na minha vida... ela que me pesquisa... ela que pergunta como eu tô... se eu tô boa... se eu tô vivo uma vida ruim::

P: Como você avalia seus pais?

S₁: Hoje:: eu avaliei minha mãe porque... ela mudou muito ela tá cem por cento ela agora está mais carinhosa... ela tá diferente... ela::... uma mãe melhor do que outra

P: E o seu pai?

S₁: Eu não tenho pai. ((não quis falar sobre seu pai))

P: S₁... como você se vê?

S₁: Eu me vejo assim:: uma menina:: atraente::... uma menina legal... uma menina:: meia briguenta também... uma menina:: eu... a pessoa:: fala uma coisa assim pra mim eu quero é:: que explique pra mim o porquê... ou se tá triste comigo o que que eu fiz... que eu tente melhorar mais e mais que eu seja uma menina mudada... que eu consiga aqui dentro uma menina feliz... alegre pra mim leva pras pessoa lá fora

Sujeito 2

P: O que você acha sobre o uso ou venda de drogas?

S₂: Ah... eu não acho nada... eu fumu e num acho nada... não tenho nada contra quem vende nem quem fuma

P: S₂... quando você vai sair daqui... nessa questão... você respondeu... obedecer e cumprir as regras... né? Quais são essas regras?

S₂: Ah... assiná... que vou sair na... na... liberdade assistida... vou cumprir... assiná... fazê serviço e estuda.

P: Mas... quais são as regras para você sair daqui?

S₂: Eu obedecê... não batê boca com as dona... e sê mais unida com as minha colega.

P: Com a pergunta... do que você mais sente saudade lá fora... você disse que é de sua liberdade... né? Então o que é ser livre para você?

S₂: Ah::... respirá outro ar... vê gente passano... ah::... várias coisas.

P: Mas... o que mais?

S₂: Só.

P: Você é reincidente?

S₂: Não

P: Você já morou em abrigos?

S₂: Não... ()

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou sua vida?

S₂: Da minha mãe

P: Mas porque... o que te marcou em relação a sua mãe?

S₂: ... Ah:: pelos conselhos dela né?

P: Ela é uma pessoa boa... bacana com você?

S₂: É... bastante... paciente

P: Conte uma coisa legal que aconteceu entre vocês?

S₂: Nada... ela falou bem assim que tudo... tudo que eu quisesse falar pra ela... tinha que chegar nela e conversar... não era pra eu sair de casa de repente e usar droga que... ela falou assim que () uma pessoa num usa droga e chegam nela e conversam

P: E você fez isso?

S₂: Fiz... fugi de casa e comecei a fumar... comecei vender

P: E porque você fez isso S₂?

S₂: Ah... porque eu quis porque eu quis sair da minha casa... porque eu não tinha: eu não sabia muito... só minha irmã e eu não podia

P: É porque você queria a sua liberdade?

S₂: É... eu queria sair pra show da praça e ela não deixava... foi isso

P: Pensando no motivo que a trouxe pra cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₂: Ah... é que tava certa no serviço dele porque eu sabia que eu tava fora da lei... mas eu quis continuar.

P: Certamente... você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₂: Ah... meus direitos...

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₂: Boa... o que estraga é a droga.

P: Do que você mais tem medo?

S₂: Da menina que caiu comigo.

P: Por que?

S₂: Ah... porque tenho medo que ela quando sair me ameace... tenta me caçar.

P: Como você analisa... hoje... a sua vida?

S₂: Ah... eu penso em fazer um curso... sair daqui... estudar e dar algum futuro pra minha mãe.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₂: Ah... ter um serviço... ter meu estudo completo... terminar... fazer um curso... uma faculdade... passar.

P: Você gostaria de fazer faculdade de que... S₂?

S₂: De psicóloga... de psicologia.

P: Por que?

S₂: Ah... porque eu acho legal... assim... o jeito delas... das psicólogas falar com a gente.

P: Como você avalia seus pais?

S₂: Ah... pra mim são ótimo porque tudo conselho eles me dava... eu nunca pensei... mais agora eu penso... tanto aqui dentro que eu fui acordar pra vida.

P: Você admira alguém de forma particular... especial?

S₂: Admiro

P: Quem?

S₂: Ah... o Rafael um ex-ficante meu.

P: Por quê?

S₂: Ah::: porque ele é legal... ele era bem diferente que eu... ele num fumava... num fazia nada me dava conselho tamém... mais... eu queria essa vida

P: Por que você... então... S₂ escolheu esta vida?

S₂: Ah... porque tamém queria dinheiro () e nunca conseguia... eu... eu pensei assim... ah... droga é dinheiro fácil mais tamém foi fácil... eu vim rápido.

P: Como você se vê hoje?

S₂: Outra menina... mais bonita... mais gordinha ((risos))... só::

P: Só isso... você parou pra pensar nas suas coisas?

S₂: Já... penso nos meus estudo e nunca mais caí nessa vida... agora eu quero dinheiro que vem do meu suor.

Sujeito 3:

P: Na questão número seis ... quando eu perguntei se você gostava de onde você morava... você disse que sim... porque convivia com sua família... Porque a família é importante para você ... S₃?

S₃: Sei lá... porque eu só tenho ela mesmo... né?

P: S₃... na questão número quinze... a pergunta... quando você vai sair daqui... você disse... é::... que tem que obedecer e cumprir as regras... Quais são essas regras?

S₃: As regras daqui de dentro... tem que sê educada... tê bom comportamento e num brigá... fazê tudo certo... hora da faxina... faxina... é isso.

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₃: Errado

P: Por que você acha errado?

S₃: Ah... porque sei lá... droga acaba com a vida de muita gente... até com a minha... ó onde eu tô.

P: Você é reincidente?

S₃: Não... é a primeira veiz.

P: Conte uma fato... um acontecimento que marcou sua vida?

S₃: A::: i... quando a polícia chegou na minha casa arrombando tudo me bateno... foi horrível... só por Deus mesmo... daí eu vim pará aqui.

P: Você se arrepende?

S₃: Vixi:: demais... só de tá aqui é um arrependimento.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₃: Ah... a justiça tá certa... né... porque sei lá... tá certo.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₃: Não sei não...

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₃: De voltá pra cá... porque aqui vixi:... aqui não é chato... mas é horrível... aqui é horrível... não tem como ficar aqui... aqui a gente fica longe de tudo... oh:... liberdade... família...

P: Como você analisa... hoje... a sua vida?

S₃: Vixi:... sei lá hein... minha vida só sei que foi horrível... mas agora dois mil e seis tô pensando em mudá tudo o que vivi antigamente... foi tudo horrível.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₃: Ah:... ser melhor do que era antes... arrumá um serviçu...estudá... cuidá do meu filho... segui minha vida adiante.

P: Você está grávida... é isso?

S₃: De quatro méis.

P: O que você espera para seu filho?

S₃: Ah:... um futuro melhor do que o meu... né?

P: E como esse futuro poderia ser para ele?

S₃: Ah:... sei lá... um futuro bom...né?... uma boa educação.

P: Como você avalia seus pais?

S₃: Meu pai eu não convivi com ele... só com a minha... minha mãe é boa não tenho nem o que falá dela. ((a mãe da adolescente está presa))

P: Mas você nunca conviveu com seu pai?

S₃: Não... meu pai é daqueles que num tá nem aí pro filho.

P: Você admira alguém de forma particular... especial? Por quê?

S₃: Admiro minha SOGRA... porque ela cuida bem de mim... direto ela vem sabê como que eu tô... aí:... sabe se interessa por mim vem me visitá... me dá uma força... me ajuda ela pegou a minha guarda também.

P: E por que ela pegou sua guarda?

S₃: Porque a minha mãe ta presa.

P: Faz tempo que a sua mãe está presa?

S₃: Vai fazê uns meis... acho que:... amanhã fais um meis... um meis não... dois meis amanhã faiz que ela tá... daí agora quando eu saí daqui eu vou mora com ela .((com a sogra))

P: Como você se vê?

S₃: Ai... me vejo uma pessoa triste... quie::ta... eu sou a pessoa mais quieta aqui... não falo nada::: sou aquelas meninas mo::le... a::i... me vejo triste... acabada... arrasada... arrependida de tudo que fiz.

P: E por que você se vê assim?

S₃: Ah... sei lá... só entrá aqui... lá fora a gente se vê de outro jeito... né? a gente se vê alegre porque tá lá... mais aqui não... aqui a gente reflete os problema da gente... a gente vê o que lá fora não tem nada a vê aqui dentro... aqui dentro é outra coisa... aqui dentro vixi... é horrível... aqui é muito triste::: só por Deus mesmo.

P: Você tem muita esperança em relação a seu futuro... quando sair daqui?

S₃: Vixi:... a partir do momento que o juiz me dá o meu alvará... vixi... eu vou mudá a minha vida... eu vô... eu vô... eu vô fazê um estudo... eu vô estudá... minha sogra vai pagá o EJA ((Educação de Jovens e Adultos)) pra mim... eu vô estudá... vô mudá a minha vida... vixi... deixá tudo que aconteceu pra trais.

P: Que série você está?

S₃: Sétima... tô na sétima.

Sujeito 4:

P: Na questão número seis... se gostava de onde você veio e porque... você disse que sim... que era um lugar calmo onde todos te respeitavam e gostava de você... Aqui alguém não te respeita ou não gosta de você?

S₄: É porque aqui é diferente... não é nossa casa... não são as mesmas pessoas... a gente demora pra fazer amizade... umas não gostam da gente mesmo... umas também num respeitam.

P: Na questão número nove... como é seu dia-dia... o que você faz aqui... você disse que trabalha e estuda... você trabalha no que e estuda o quê?

S₄: Eu faço trabalho do dia-dia... fazê faxina... varrê um canto... juntá lixo... e::... o estudo é:: aula normal.

P: Que série você está?

S₄: Sétima.

P: Que aula você tem?

S₄: É aula de Português... essas aulas... tem aula de Educação Física... de tudo.

P: Você acha que deve estudar?

S₄: Acho que sim... pra tê:: um futuro pela frente... bom... bom... trabalho.

P: Na pergunta número dez do questionário... como você se sente aqui... você disse que sente-se muito bem... não como em casa... né? mas que é um lugar tranquilo... onde todos se dão bem... o que você acha sobre as pessoas que estão aqui?

S₄: Ah::... acho que... que cada uma das meninas que não respeitam a gente devia respeitá mais... aquelas que gostam de muita briga não devia brigá aqui dentro... tê mais amizade... só.

P: Na pergunta do questionário... o que você menos gosta aqui... você disse que são as brigas... né? Porque você acha que elas brigam... quais as brigas?

S₄: Umas porque qué se mostra... qué mostrá que bate... e outras porque num::... num gostam das brincadeiras das outras.

P: No questionário... na questão número catorze... é... a... a questão você concorda com a educação que recebe aqui... você disse que sim... que concorda... porque tudo que eles fazem por você é ensinar... né? é dar o melhor para você... o que você acha que é melhor para você?

S₄: A::i::... é estudá... trabalhá... pra se alguém na vida.

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₄: Ah... eu acho que:: as pessoa que faiz isso num divia... porque quando a gente fuma uma veiz a gente qué fumá direto... fica viciada qué vendê aí precisa de dinheiro vê que o dinheiro é bom e continua vendeno... então acho que não... num deveria fazê isso.

P: Você acha que não vale a pena por isso... pelo vício?

S₄: É... acho que não vale a pena tamém... a gente vende por uns meis e vai pra a cadeia e pega uns cinco anos por aí... então acho melhor nem vendê e nem fumá.

P: Você é reincidente?

S₄: Não... eu já tive em outros abrigos... por causa de brigas... mas não por tráfico.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou sua vida?

S₄: Quando:: eu tava deitada no sofá o susto de ver uma arma em minha cabeça.

P: Quando isso aconteceu? Por quê?

S₄: Dia vinte:: de novembro((risos)) porque eu... eu num vendia nem fumava droga... só que eu morava com a menina... quando eu descobri eu já tava indo embora e a polícia já chegou apontando a arma na minha cabeça mandano eu conta... foi um acontecimento ruim pra mim que eu lembro até hoje.

P: A menina que vendia as drogas... é isso?

S₄: Ah:: eu morava com ela e a polícia chegou apontano a arma pra depois pegá ela falano pra mim contá só que eu não sabia de nada.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₄: Que:: eles::... devia pensar melhor::... que as pessoas:: fazer teste... exame pra vê se a pessoa é viciada ou não... é procurá sabê se a pessoa vendia pra podê libertá-la pra não ficar sofrendo injustamente.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₄: Não sei explicá.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₄: Acho justa.

P: Por que?

S₄: Por que::... aí... acho que existe algumas pessoas injustas e outras justas... então... não tem como definir... assim... quem... ou que não... só que eu acho que existe alguma sociedade justa... bem justa... e outras que são injusta com a gente.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₄: Uhn::... da morte.

P: Por que?

S₄: Porque::... a gente morre por uma bala perdida... existe muitas armas no Brasil... aí a gente sai... ouve tiro... balas passano perto da gente... então eu tenho medo de morrê sem sê por uma doença muito grave.

P: Você tem medo da violência... é isso?

S₄: Da violência... é isso.

P: Como você analisa... hoje... a sua vida?

S₄: Eu queria:: tá fora daqui... estudando... trabalhando... ajudando minha família... me ajudando e::... o arrependimento... me arrependo muito das coisas que eu fiz... de não ter ouvido os conselho de minha família.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₄: Sê uma pessoa boa... honesta como eu sô hoje... tê um futuro brilhante... bom... tá com a minha família... longe da violência... das droga... de lugares como a Casa de Guarda... cadeia... que::... esse ano eu já faço dezoito anos... então... fica ruim pra mim... eu quero melhorá bastante... mudá... trabalhá... estudá... segui a vida.

P: Que série você está?

S₄: Na sétima.

P: Você vai continuar estudando?

S₄: Continuo... quando eu saí daqui... eu vô continuá estudano pra vê si::... eu consigo um emprego bom... de emprego em emprego eu sei que eu vô subi... vô ficá bem

P: Você quer se formar... também?

S₄: Quero me formar... sim... não falo que é meu sonho... mas eu gosto muito de animais... então... meu sonho pode se dizer que eu quero sê veterinária.

P: Como você avalia seus pais?

S₄: Sim:: o meu pai... ele é uma pessoa trabalhadeira... uma pessoa boa:: que são os meus avós que eu considero... que desde criança fui criada com eles... a minha avó também é uma pessoa muito boa... num briga muito... dá muito conselho e:: a minha mãe verdadeira... ela trabalha muito pra pode tá ajudando a gente... faz de tudo pela gente... tudo que falta ela dá um jeito... de qualquer jeito ela arruma... meus pais são boas pessoas.

P: Seus pais... então... são seus avós... né?

S₄: É... são meus avós

P: E o seu pai biológico?

S₄: Meu pai::... ele faleceu quando eu nem tinha nascido... Fazia um ano e oito meses que eu tinha nascido... ele tentou me matá e minha mãe separou dele... aí então eu cresci sem pai... minha mãe nunca mais quis sabe dele... meu pai verdadeiro tentou me matá com uma:: almofada tentano me sufocá minha mãe:: pegô... eu tinha um ano e oito meses... minha mãe pegô e expulso ele de casa... foi quando ele saiu pra podê::... começô a matá gente... aí onde ele morreu também...

P: Você admira alguém de forma particular?

S₄: Admiro minha avó por ela ser uma pessoa boa... uma pessoa já de idade... que pensa melhor que um adolescente... dá muito conselho bom.

P: E o seu avô?

S₄: Admiro sim, admiro mais a minha avó, admiro meu avô todo mundo da minha família mais principalmente minha avó porque ela me trata melhor que todos.

P: Como você se vê?

S₄: Eu:: me vejo uma pessoa boa... as vezes assim:: eu sou muito irritada... eu irrito com coisas... mas não coisinhas pocas... tem que ser bastante pra me irritá... sou uma pessoa boa... gosto muito de ajudá as pessoas... dá conselhos que eu ouvia da minha família... gosto de ajudá bastante.

P: Você se sente uma pessoa feliz... também?

S₄: Ai::... feliz eu num posso dizê... sou um pouco feliz... não sô muito feliz por num está perto da minha família... tá aqui sozinha... sem ninguém... por num tá perto das pessoa que mais gosto... do E... meu namorado... amigas... amigas que me ajudaram... aquelas que quiseram só meu mau eu num sinto falta não.

Sujeito 5:

P: S₅: ... quando você sair daqui... que foi uma questão do questionário... é::... você disse que não sabe... mas que você tem que dar um bom exemplo... né? O que é dar um bom exemplo?

S₅: Estudá... ir para a escola direito... fazê faxina direito e respeitá os agente.

P: Na questão número dezessete... do que você mais sente falta lá fora... você disse que é da família e do namorado... você acha importante a família e ter um namorado? Por quê?

S₅: Acho da minha família a mais... a minha irmã que eu criei... que é como uma filha pra mim... que me chama de mãe... e minha avó... e meu tio que é como um pai pra mim.

P: Sua irmã tem quantos anos?

S₅: Minha irmã tem quatro anos.

P: E o namorado você acha importante?

S₅: Não tão importante quanto a minha irmã... mais... um pouco é importante pra mim.

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₅: Eu já usei droga () já faz cinco meis que eu parei de usá droga... eu usava pra mim durmi que era maconha... mas eu nunca:: cheguei vendê.

P: E porque você usava?

S₅: Pra durmi... e pra mim comê à noite.

P: Você é reincidente?

S₅: Não... mais só que eu já fiquei no SOS sete ou oito dias.... porque... me pegaram na BR um meia três sem documento.

P: O que você estava fazendo lá?

S₅: Estava indo pra Ponta Porá.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou sua vida?

S₅: Quando meu pai me espancô.

P: Você tinha quantos anos?

S₅: Eu tava com treze.

P: E por que ele fez isso?

S₅: Porque ele tava bêbado.

P: E aí você nunca mais morou com ele?

S₅: Não... nunca cheguei morá com ele desde que ele largou de minha mãe.

P: Quantos anos você tem S₅?

S₅: Catorze... eu fui levar umas ropas na casa da minha vó... e a última vez que eu fui levá:: eu tava com uma sacola de ropa ele saiu da:: de... dentro da:: salão de cabelero e veio já me enforcano por nada... aí pelo fato dele tava bêbado ele me espancô mais ainda.

P: Foi na rua?

S₅: Na... na rua... aí que ele levô pra dentro da casa da minha vó e começô me batê e me enforcá.

P: Quem te socorreu?

S₅: Ninguém.

P: Ele parou... por quê?

S₅: Por si mesmo... porque eu falei que ia denunciá ele pra polícia e ia chamá a minha mãe.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₅: Que ela é justa... na hora... na hora do:... que você faiz... de errado.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₅: Honesta...trabalhadora e digna.

P: Alguém te falou sobre cidadania aqui?

S₅: Não... mais é quando eu trabalhava lá fora.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₅: Muito rígida.

P: Por que você acha muito rígida?

S₅: Muito rígida... muito rígida... com as leis... que nós tem aqui.

P: Do que você mais tem medo?

S₅: De perdê minha avó.

P: Por quê?

S₅: Porque ela é mais importante... porque ela é importante pra mim... e a única que me apóia... e foi ela que me criou desde pequena.

P: Quantos anos tem sua irmã... mesmo?

S₅: Quatro anos.

P: Sua avó vem te visita aqui?

S₅: Não... nunca... só minha mãe.

P: Como você analisa... hoje... a sua vida?

S₅: Minha vida poderia ser melhor... sê eu não tivesse hoje aqui... nem fosse buscá essas droga e se eu tivesse no meu serviço... hoje... trabalhano.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₅: Terminá meu estudo... fazê a minha faculdade... e tê um serviçu melhor.

P: Você gostaria de fazer faculdade?

S₅: Teatro.

P: Por que teatro?

S₅: Por que eu gosto de fazê teatro... desde quando eu tava na igreja... eu participei da igreja... num teatro que eu gostei de fazê... teatro.

P: Aqui você participa de teatro? Tem aula de teatro?

S₅: Não... nós tá fazeno aula com... com... uns boneco prá passa teatro... uns bonequinho.

P: Como você avalia seus pais?

S₅: A minha mãe eu não tenho que falá dela mas... meu ... meu pai eu num moro com ele e ele nunca me deu atenção até hoje.

P: Você gosta do seu pai?

S₅: Da minha mãe eu gosto... mas... do meu pai:: gostá dele eu gosto mais::... pra ele exige alguma coisa de mim hoje... acho que ele... num vai tê... num vai tê direito.

P: Só tem você e sua irmã?

S₅: É eu e mais quatro... nós somo em cinco.

P: Só você que não gosta dele? ((o pai))

S₅: É.

P: Você admira alguém de forma particular... especial?

S₅: Sim... meu tio... por ele até hoje... ser trabalhador... num tê usado nada de droga nem álcool... e:: por tá até hoje com minha vó... ele é o único que ainda... ele é como um pai para mim.

P: Ele é irmão da sua mãe?

S₅: É irmão da minha mãe... e é o caçula.

P: Como você sê vê?

S₅: ... triste por não vê a minha família... que eu sou mais apegada... e por não ter o amor de meu pai.

P: Você sente muita falta de não ter contato com sua família... como você mesma disse que só sua mãe veio te ver aqui?

S₅: Sinto falta de quem eu sou mais apegada... com minha vó... minha filha e meu irmão... que é meu tio.

P: Você fica muito triste por causa disso?

S₅: Fico.

P: Se eles viessem você acha que seria diferente sua vida aqui?

S₅: Melhorava um pouco só.

Sujeito 6:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₆: Olha... eu acho que:: o uso de droga acaba com a vida da pessoa e a venda de droga eu acho que as pessoa que vendi ganha dinheiro fácil mais tamém vai para a cadeia muito rápido () foi eu morava com minha tia... aí minha tia continuô vendeno depois que meu pai e minha mãe foi presa... aí eu continuei ajudano ela... aí eu vim pará aqui na UNEI.

P: Você é reincidente?

S₆: Não... nunca fui pra nenhuma Casa de Guarda... nem SOS criança... é a primeira veiz.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou tua vida?

S₆: O que aconteceu... né... num tinha nenhum acontecimento que marcou a minha vida mais agora com certeza o que tá acontecendo agora comigo um dia vai marcá muito a minha vida porque:... é a primeira vez que eu venho pra cá e eu nunca vou esquecê que eu passei por uma UNEI.

P: Nem na tua infância?

S₆: Nem na minha infância... nada... essa é a primeira coisa que marcou a minha vida de verdade.

P: Por que você acha que marcou tanto a sua vida?

S₆: Porque eu nunca... nunca fui presa... assim... em ficar em Casa de Guarda... é a primeira vez.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₆: Que eles fizeram a coisa certa né... qui::... tá errado a pessoa mexê com droga... então... a partir do momento que a pessoa faiz qualqué coisa errada que fô... e ele prendê tá fazeno a justiça.

P: Então você concorda om a justiça?

S₆: Concordo... plenamente.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₆: Acho boa... não tem mais que...

P: Você acha que a sociedade é justa?

S₆: Eu acho... não é muito justa não... porque ás veiz... as pessoas da nossa sociedade condena só pela aparência... entendeu? E a aparência não diz tudo da pessoa.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₆: Meu medo era ficá sem meu pai e minha mãe... né? agora já tô... e meu pai e minha mãe tá preso... e eu tô aqui na UNEI... agora meu único medo é de morrê... não tenho mais nenhum medo não.

P: Por que você tem medo de morrer?

S₆: Porque sim... sei lá... acho que... minha mãe e meu pai ficaram desesperado só de sabê que eu tô aqui... aí se eles sabê que eu tô mal... então... si... eu morrê... achu que eles fica doente.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₆: Não sei...

P: Como você analisa... hoje... a sua vida?

S₆: Hoje... hoje:: eu vejo que:: eu errei muito... e que devia tê continuado o meu curso... o meu estudo... eu não devia tê parado porque se eu tivesse continuado estudano eu num teria ido presa... porque se eu tivesse na escola... a hora que eles... que a pulícia foi lá em casa eu ia tá estudano... né? mais hoje eu me vejo uma menina diferente... pensei muito sobre tudu que eu fiz... quero mudá a minha vida... quero mudá a minha vida pra melhor.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₆: Olha... eu desejo... eu desejo tê minha família... eu desejo arrumá um serviço bom... um emprego bom... que dê pra eu sustentá minha família... e::... nunca mais::... entrá nessas coisas errada... e::... como que eu vô te dizê... ah::... sei lá... eu quero tê uma vida digna... ganhá dinheiro do meu próprio suor.

P: Você pretende estudar?

S₆: Quando eu saí daqui... eu vô voltá estudá... minha irmã vai mandá dinheiro de lá donde ela tá pra mim voltá fazê meu curso... mudá minha vida.

P: você acha importante... S₆... estudar?

S₆: Eu acho... porque sem estudo a gente não é nada... hoje em dia ninguém arruma serviço sem tê o primeiro grau completo.

P: Como você avalia seus pais?

S₆: Olha... os meus pais apesar deles estão... os dois estarem presos eles me deram uma ótima educação e isso daí eu vou agradecê pelo resto da minha vida... meu pai e minha mãe é tudo que eu tenho... ele e minha mãe... meu pai... minha mãe e meu irmão é tudo que eu tenho na minha vida.

P: O que você acha que é uma boa educação?

S₆: Ah::... meu pai me ensino a respeitá as pessoa... é::... a enxergá os direito das pessoa... quando eles tivé errado pra mim ficá quieta... pra mim respeitá os direito dos outros... mais também que os outros respeite os meu direito.

P: Você admira alguém de forma particular... especial?

S₆: Admiro minha mãe.

P: Por quê?

S₆: Ah... porque minha mãe sempre que eu precisei dela ela tava ali do lado... quando eu tava triste que eu não queria sabê de nada ela vinha conversá comigo perguntava o que tava acontecendo... seu eu tava gostando de alguém... ah... ela participava da minha vida... admiro muito ela.

P: E você sempre foi de se abrir para sua mãe?

S₆: Sempre... toda vida.

P: Como você se vê?

S₆: ... hoje em dia eu me vejo uma pessoa muito triste mas eu tenho esperança de saí daqui:: vou melhorá a minha vida... vou vê meu pai... vou vê minha mãe... aí quem sabe né... todo mundo tem um momento feliz e nós também tem um momento triste da vida e eu tô no momento triste mesmo.

P: Você... você antes era uma pessoa feliz?

S₆: Eu era... quando eu tava com minha mãe e meu pai... aí depois quando meu pai e minha mãe foi preso aí::... desanimei.

Unidade Educacional de Internação *Esperança*

Data: 29/03/2006

Tempo de gravação: 1 hora e 25 minutos

Pesquisadora: P

Sujeitos pesquisados: S₇, S₈, S₉...

Sujeito 7:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₇: Eu não acho muito bom né... mas a gente trafica assim pra:: faz esse uso de droga pra realmente ganhá dinheiro porque a gente necessita do dinheiro.

P: E você já chegou a usar droga S₇?

S₇: Já sim... eu já fui viciada em maconha... mas hoje eu não uso mais.

P: E isso já prejudicou muito a tua vida?

S₇: Bastante... tanto é que hoje eu estou seis meses sem ver a minha família e estou aqui isolada aqui... aqui dentro da UNEI.

P: Você é reincidente?

S₇: Não.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou sua vida?

S₇: Ter vindo para a UNEI foi a coisa que mais marcou a minha vida porque eu nunca tinha ficado presa... isolada igual eu tô aqui dentro e a gente sente muita saudade da família ((ao falar saudade da família, a adolescente ficou emocionada)).

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₇: O que eu posso dizer sobre a justiça é que ta certa... porque se não fosse a justiça o mundo hoje já:: existe muito tipo de droga... muita malandragem e se não fosse a justiça estaria bem pior.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₇: Cidadã significa você tê uma família... um trabalho... um estudo e viver em sociedade pra mim isso significa ser cidadã.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₇: Não sei responder esta questão.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₇: Eu tenho mais medo de ficar sem a minha família porque é a única coisa que eu tenho:: assim até hoje de mais importante para mim.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₇: Eu analiso que eu perdi minha infância muito cedo... pois com doze anos eu já comecei a traficá... usá droga e hoje eu não tive infância... então eu analiso a minha vida meio que sem futuro... mas o futuro vem pela frente... a gente é que faz ele. ((S₇ tem 17 anos))

P: Como você deseja ser no futuro? Por quê?

S₇: Eu desejo ser uma pessoa digna... trabalhadora... tê um estudo porque é uma coisa que eu não fazia antes e é por isso que eu desejo ser uma pessoa mais digna do que eu sou hoje.

P: Como você avalia seus pais?

S₇: Minha mãe e meu pai são separados né... então eu moro com a minha mãe e com o meu padrasto e eles são ótimas pessoas para mim... meu padrasto são ótima pessoa pra mim... minha mãe qué... só qué o melhor pra mim... quando ela soube que eu tava aqui dentro ela chorou muito... não queria isso:: meu pai eu não tive notícias dele porque:: não tenho contato... muito contato com ele... só quando eu vou visitá ele na casa dele... mais são pessoas maravilhosas que não desejariam que eu estivesse nessa vida.

P: Você admira alguém de forma particular... especial? Por quê?

S₇: Assim... eu não tenho ninguém de forma particular... mais eu admiro aquelas pessoas que acordam cedo... vão trabalhar... põem assim uns alimentos na mesa dos filhos que eu acho muito guerreira... então eu admiro.

P: Como você se vê?

S₇: Hoje... eu me vejo uma pessoa muito triste... melancólica qualquer coisa que você fale pra mim eu me magôo... porque eu acho que estou muito sensível por estar trancada num lugar sem ver meus familiares.

P: Você tem regras a cumprir aqui?

S₇: Sim... aqui a gente tem que acordá às cinco e quarenta... tem que acordá na hora que é determinado no livro... a gente tem que ir pra escola... tem horas exatas pra ter atividades... tem horas pra ter horário de descanso... depois de durmi... tem hora pra durmi... aqui tem hora pra tudo... então é muitas regras que a gente cumpri aqui

P: E se resistir a essas regras o que acontece?

S₇: Se resistir essas regras a gente sofre umas conseqüências que é de ficar isolada dentro do quarto é:: até um tempo determinado depois a gente sai fora e convive de novo

P: É como se fosse um castigo? É isso?

S₇: É:: é quase um castigo pra gente aprendê que não se deve saí dessas regras.

Sujeito 8:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₈: Ah:: eu acho que num compensa é uma vida que você entra e:: o caminho só tem dois... e sobre a venda... eu aprendi uma lição que:: eu acho que num compensa não... eu acho que não compensa não... é isso.

P: Quais são esses dois caminhos?

S₈: A cadeia e a morte.

P: Você é reincidente?

S₈: Não.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou sua vida?

S₈: Foi eu ter vindo pra cá né... foi uma fato muito bom porque se eu tivesse lá... eu acho que eu não tinha parado de usá drogas... eu não tinha parado de fazê tráfico e:: eu tamém não tava estudano se eu tivesse na rua... num ia tê o pensamento que eu tenho hoje aqui.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₈: Ah:: que ela tava certa que:: a droga que eu tava levando poderia matá muitas pessoas... né? viciá muitas pessoas... e:: hoje eu to pagano né:: tô aqui... to pagano tudo que eu fiz e:: pretendo não fazê mais.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₈: Não sei.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₈: Eu acho ela um pouco injusta porque quando a gente sai dessa vida:: ela:: acaba fechano as porta e se a gente num for forte a gente acaba voltano porque elas não dão oportunidade de trabalho... é:: de nada

P: Do que você mais tem medo?

S₈: De perdê minha mãe... porque ela é tudo pra mim.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₈: Ah::... eu analiso que Deus... acho que me deu uma última oportunidade pra mim vim... pra cá... pra mim podê recuperá... porque eu tava muito... eu usava muitas droga... eu tava... eu ficava em boca... num sabia se ia saí tiroteiro às vezes... eu poderia ter morrido... e hoje aqui:: tô completamente regenerada... limpa... estudano... e:: com muitos objetivo.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₈: Ah... desejo ser uma pessoa boa... primeiramente trabalhá... estudá... e:: fazê com que as pessoas volte a tê a confiança ne mim... porque eu perdi... e:: é que elas perderam a confiança ne mim e eu desejo que elas volte a tê confiança porque sem confiança eu acho que... não tem por onde começá.

P: Como você avalia teus pais?

S₈: Ah... o meu pai... ele:: é falecido né... não conheci ele... eu tinha um ano quando ele faleceu e minha mãe... ela é trabalhadeira... ela é uma mulher guerreira... ela é muito compreensiva... ela é tudo pra mim.

P: Você admira alguém de forma particular... especial?

S₈: Sim... eu admiro a dona... a dona S... porque ele é muito companheira... ela é muito amiga quando a gente precisa desabafá... ela sempre tá ali pra podê escutá a gente e:: ela me ajuda muito... ela conversa muito comigo... eu melhorei muito aqui na casa porque eu era muito rebelde... eu melhorei muito com ela... com os conselhos dela e ela é muito especial pra mim

P: Quem é a dona S?

S₈: A dona S... ela é psicóloga.

P: Como você se vê?

S₈: Ah... eu me vejo mudada porque antes eu sentia um vazio dentro de mim aí eu comecei a usá droga... comecei a me prostituí... comecei a bebe... e eu achava que:: que isso ia preencher meu vazio mas a partir do momento que eu vim pra cá eu vi num é nada daquilo que nada daquilo ia preenchê o meu vazio... que eu tava precisano muito de Deus... que tava faltano Deus no meu coração... e:: eu to bem melhor sem... sem aquela vida que eu levava.

P: Você tem regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₈: Primeiro é chama as senhoras de dona... é:: por favor... dá licença... obrigado... não senhora... sim senhora... é:: dormir no horário certo:: acordar no horário certo... almoçá no horário certo... é:: falá no horário certo... então eu acho que tudo... aqui tudo tem uma regra... tudo tem regra aqui.

Sujeito 9:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₉: Bom... na minha opinião a venda de drogas eu sou contra porque eu já fui usuária... já perdi lote... casas... quase coloquei a vida de meu filho em risco também... bom... eu usava craque comecei aos onze anos... fiquei três anos usuária... depois larguei do craque... fui... fumei a maconha... fiquei usuária um ano...logo depois engravidei e parei com o uso das droga e o único vício que eu tenho hoje é o cigarro.

P: Por que você usava drogas, S₉?

S₉: Por causa que eu perdi meu pai muito cedo aos onze anos de idade... minha vida... minha família era cheia de poblema... então a única opção que eu fui buscá foi a droga.

P: Você é reincidente?

S₉: Não.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou a tua vida?

S₉: O fato que marcou a minha vida foi de perde a minha filha... eu tive... eu fui ganhá ela só que no momento da sala de cirurgia deu hemorragia e o médico decidiu salvá a minha vida em veiz de salvá a vida dela... essa foi a parte mais difícil da minha vida.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₉: Bom... a justiça pra mim na terra pra mim num julga nada o verdadeiro juiz mesmo... o juiz da nossa vida é o que tá lá em cima... é Deus... o juiz aqui da terra num tem direito algum de deixá alguém atrais de uma grade fechado o dia inteiro colocano ordi.

P: Certamente você já ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₉: Não sei explicá.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₉: A sociedade de hoje tem muita discriminação... é::... você convivê com certas pessoas vestida de uma ropa... () pra alguns pais de família já são marginais... falam demais... eu acho que a sociedade de hoje deveria seu mudada.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₉: De perdê o meu filho... porque ele é a única coisa que me dá força aqui dentro da cadeia.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₉: A minha vida quando eu caí aqui dentro se transformou num verdadeiro inferno... uns na sua frente dá um de bonzinho e te trata bem... cê vira as costas fala mau de você... pessoas quereno atrasá o meu lado pra mim não í embora e vê minha família... vivê no meu canto... só que eu num vou abaixá a cabeça pra ninguém não... engula quem quisé.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₉: Bom... eu desejo ser no futuro uma pessoa que eu era antes... que não fazia maldades... trabalhava noite e dia pra sustentá os meus irmão... e cuidá do meu filho... só preciso dum trabalho só.

P: Como você avalia os teus pais?

S₉: Bom... meu pai é falecido... minha mãe:: eu amo demais a minha mãe só que... eu perdôo ela por ela ter me abandonado na hora que eu mais precisei... antigamente... só que agora eu perdôo ela porque agora ela tá me ajudando aqui dentro é uma pessoa que eu magoei muito... olho pro lado dela e olho pelo meu lado também que eu errei e ela errô nós duas sabe muito bem que nós fiz... e hoje se não fosse a minha mãe.... não sei o que seria de mim.

P: Você admira alguém de forma particular... especial?

S₉: Não... não admiro ninguém... admiro o mundo... fui criada pelo mundo... me ensinou coisas boas... as coisas ruins só que eu fui mais pelas coisas boas... na hora que eu mais precisei todos me abandonaram.

P: Como você se vê?

S₉: Me vejo eu pessoa mudada porque aqui dentro eu mudei... eu era... entrei aqui dentro melhor... agora eu tô com depressão... muito depressiva com saudade da minha família... mudei muito... eu num sou mais aquela pessoa que eu era antes... alegre... divertida... alegrava todo mundo nas hora difícil... agora eu tô isolada no canto. ((muita tristeza))

P: Vocês têm regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₉: Sim... respeitá... estudá... falá somente sim senhora... por favor... obrigado... é:: fazê serviço geral aqui dentro... obedecê todas as ordens da casa... obedecê as dona... que tão aqui pra cuidá da gente... não respondê... ter uma boa educação ao recebê pessoas... visitas que entram aqui dentro... são esses os tipos de regras.

Sujeito 10:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₁₀: Bom... eu assim... eu não tenho nada contra quem vendi né... mais eu não acho bom não... eu... eu num uso... nunca usei... também num pretendo usá.

P: Qual o motivo que a trouxe para cá... S₁₀?

S₁₀: Eu tentei passá né... umas notas falsas porque eu tava precisano comprá remédio pro meu filho... aí:: quando eu... aí eu dei pra minha tia primeiro passá e ela... como ela conseguiu eu fui tentá aí a hora que eu fui tentá já não deu mais... aí me pegaru.

P: Você é reincidente?

S₁₀: Não.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou a tua vida?

S₁₀: A morte de meus pais quando eu tinha oito anos de vida... e também da minha avó.

P: Seus pais morreram juntos?

S₁₀: É... morreram de acidente de carro.

P: Você passou a viver com quem?

S₁₀: Com a minha tia... e com a minha avó... aí depois minha avó faleceu e eu fiquei com a minha tia... e a agora eu num fiquei com mais ninguém... fiquei sozinha.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₁₀: Bom... acho que a justiça::... assim... o juiz lá no caso eles... eles estão certos por deixá a gente aqui... que ela tarda mas ela não falha.

P: Certamente você já ouviu falar sobre cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₁₀: Não sei.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₁₀: Bom... eu acho que nossa sociedade... ela... é um pouco assim::... como fala::... ela discrimina muito... ela... a maioria é:: dela num respeitam... fazem só coisa que num prestam... acho que é istu.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₁₀: Tenho mais medo é de morre... porque... eu tenho um filho pra cuidá... né... eu num posso deixa ele sozinho... aчу que é isso.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₁₀: Bom... eu analiso que antes eu era feliz::... podia fazer as coisas que eu gosto... e agora que eu tô aqui e num:: num posso... fico meio triste num canto ... me sinto sozinha ((ela ficou muito triste))... é isto.

P: Como você deseja ser no futuro? Por quê?

S₁₀: Ah... eu desejo ser feliz porque::... eu ainda sou nova eu quero curtir a minha vida... ((ela disse de uma forma bem tranqüila)).

P: Como você avalia os teus pais?

S₁₀: Meus pais já faleceram. ((a adolescente se recusou a falar sobre os pais e sobre a morte deles))

P: Você admira alguém de forma especial... particular? Por quê?

S₁₀: O meu marido porque::... ele me ajuda... ele me apóia... ele::... é carinhoso comigo ((risos))... nunca me fez nada de mau... cuida bem do nosso bebê... é por isso. ((a adolescente é amasiada e tem 16 anos))

P: Como você se vê?

S₁₀: É::... acabada.

P: Por que você se vê assim?

S₁₀: Porque antes eu... tinha tudo que eu quiria... que eu hoje quase eu num tenho nada... então eu me sinto meio vazia por dentro sentiu falta do que eu quero.

P: Vocês têm regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₁₀: Sim... aqui a gente tem que respeitá as donas... é::... o que elas mandarem a gente tem que fazer... é::... a gente faz o quê::... a gente faz limpeza... arruma::... é obrigado a ir pra escola... não pode faltá... a religião é obrigado í... então ::... aqui é praticamente isso... né:: mais obedecê as dona.

Sujeito 11:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₁₁: Ah:: eu acho bom porque tem gente que necessita... tem gente que é viciada então necessita... e sem o usu::... a gente ficaria sei lá... neurótica... então a gente precisa do uso e da venda de droga.

P: Por que você acha que as pessoas precisam usar drogas?

S₁₁: Porque as pessoas são viciadas... porque a droga dá um... sei lá... ela te deixa BEM:: neurótica assim... tem droga que te deixa leve... tem droga que te deixa morgado... então tem pessoas que necessitam.

P: E o que leva você a usar drogas?

S₁₁: Ah::... a sensação muito BOA.

P: Você é reincidente?

S₁₁: Sou... essa é a segunda vez que eu venho pra cá... já.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou a tua vida?

S₁₁: A perda da minha mãe quando eu tinha doze anos por causa que ela tinha uma cirurgia na visícula... aí tava inflamada... ela teve que fazê outra... aí ela não resistiu e ficou quatro dia na UTI e faleceu... aí após esse acontecimento meu pai colocô outra dentro de casa e eu dei uma de revolTAda... e fui querê conhecê o MUNdo e eu acabei conheceno droga... bebida... tudu... prostituição... tudu que eu conheci até hoje foi graças... foi a perca da minha mãe.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₁₁: Eu achu que a justiça tá correta... porque se a gente tá fazeno coisa errada... se a gente num qué assiná nada... num qué trabalhá... num qué estudá... então eu achei que a gente tem que pará nesse lugar mesmo.

P: Certamente você já ouviu falar sobre cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₁₁: É sê uma pessoa correta que trabalha... que faça alguma coisa... que tenha dignidade.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₁₁: Muito desigual porque uns tem demais... outros tem de menos... uns tem educação... outros não tem... uns tem sempre uma pessoa pra ti orientá... outras não... então a sociedade é muito desigual aqui em Dourados... é o mesmo tipo.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₁₁: Tenho medo de perdê a minha família porque ela é a base de tudo pra mim... de tudo... de tudo.

P: Como você analisa hoje a tua vida?

S₁₁: É::... () hoje em dia eu entrei no mundu das droga... entrei no mundu da bebida... tudu quanto é coisa... então minha vida hoje em dia tá péssima... talvez amanhã ou depois mudi... mas hoje tá péssima.

P: E aqui na unidade?

S₁₁: Aqui na unidade até que tá bem... tô me livrano do álcool... tô conhecono novas pessoa... tô veno que tem problema mais difícil que o meu.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₁₁: Uma pessoa mudada pra mim podê dá pros meu irmão e futuramente um filho a educação e as oportunidadí que eu tive e que eu joguei fora.

P: Como você avalia os teus pais?

S₁₁: Minha mãe é falecida... mas eu avalio o meu pai como um guerrero porque na situação que ele tá com cinco filhos... ele ainda sai nessa... tentano... tentano... tentano mudá com quem num qué se mudado... eu analiso meu pai como um guerrero.

P: Qual o motivo que a trouxe para cá?

S₁₁: Da primeira vez foi por causa que eu agredi o meu pai quando eu tava drogada... e ele fez boletim de ocorrência... aí depois eu peguei e bati nele de novo e vim pra cá fiquei vinti e um dia... fui liberada e fiquei na liberdade assistida... mas aí eu num fui cumpri a ordi do juiz... aí eu vim por quebra do semi-aberto de liberdade assistida.

P: Você admira alguém de forma particular... especial? Por quê?

S₁₁: Meu pai e meus avós((a mãe já morreu)) porque eles estão tentano me mudá... tão pidino pra mi colocá em clínica... tinha colocado em tudu quanto é lugar pra eu mudá... então eu admiro muito eles pela perseverança de ficá tentano... tentano... tentano.

P: E você quer mudar?

S₁₁: Querê eu quero... mas quandu eu vejo... quando eu falo vou mudá... vou mudá... vou mudá... quando eu vejo eu tô fazeno tudu di novo... aí é tardi di mais.

P: Como você se vê?

S₁₁: Ah::... péssima... acabada porque eu tenho tudu pra dá certu mas eu ficu me acabano em droga... em álcool... tudu quanto é coisa... então eu me vejo acabada... distruída.

P: E... hoje... aqui na unidade?

S₁₁: Ah:: bem... bem cuidada... me vejo bem cuidada por sabê que eu num tô... num tô me drogano... num tô bebeno... num tô nada... me sintu bem cuidada aqui.

P: Você tem regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₁₁: Em qualquer lugar tem... aqui as regra são você respeitá as dona acima de tudo ((as donas são as agentes... psicólogas etc que convivem com elas... ou uma visita qualquer))... você respeitá as pessoa que estão no seu alojamentu... você sê educada... se ela pedi dá licença é obrigadu... por favor... aqui você tem::... regras só que... é bom pra você... num é regras a cumpri... é que vai sê bom pra você por issu é que são as regra.

Sujeito 12:

P: O que você acha sobre o uso e a venda de drogas?

S₁₂: Eu achu que é uma perca de tempu... tanto pra quem compra quanto pra quem vendi... i::... principalmente pra quem usa.

P: Por que?

S₁₂: Ah:: porque além de tá acabanu com seu corpu... ta acabanu com sua vida... gastanu dinheru... joganu fora.

P: Você é reincidente?

S₁₂: Aqui não... mas é::... já freqüentei o abrigo... é::... Renascer... daqui ((de Dourados))... o abrigo de Taquirá... i::... em Cruzeiro do Oeste o Lar São Francisco de Assis.

P: Por que você freqüentava esses abrigos?

S₁₂: Devidu a problemas com a família. ((a adolescente passou a viver em abrigos a partir dos doze anos e aos quatorze já estava na unidade... não quis comentar os problemas com a família)).

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou a tua vida.

S₁₂: O que marcou a minha vida foi o momento em que eu tentei matá uma adolescente da minha idade... é:: num terrenu baldiu... num banheiro abandonadu ((a adolescente não quis comentar o motivo da tentativa de homicídio, estava meio desconfiada)).

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₁₂: Ah::... eu achu que a justiça sim... agiu certu di te feito o que fez... de te me mandado pra cá.

P: Certamente você já ouviu falar sobre cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₁₂: Não sei dizê.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₁₂: Eu acho assim... que é muito preconceituosa...

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₁₂: Eu tenho medo de quando eu cumpri minha pena aqui... eu num tô pra ondi i... porque pra casa dos meus pais eu num posso i... porque eles num querem.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₁₂: Ah::... eu analiso a minha vida:: pra mim eu não tenho vida porque vida... vida mesmu... é::... eu tô vivo em abrigo... UNEI... então... pra mim tá bem difícil.

P: Como você deseja ser no futuro? Por quê?

S₁₂: Eu desejo ter meu próprio trabalho... terminá meus estudos... ser independenti pra num tô que dependê di ninguém pra vive.

P: Como você avalia teus pais?

S₁₂: Ah:: eu acho que são assim... dois irresponsáveis porque:: a minha mãe não me aceita em casa mais... porque eu casei... é:: com doze anos porque::... eu num tava aguentando mais sê espancada pelo meu padrasto... desde então ela não me aceita mais em casa... e meu pai num me aceita em casa também por causa que eu num si dou bem com a minha madrasta... e porque eu conheci ele ((o pai)) também com doze anos... e ele num me conhece direito e eu também num conheço ele e é aí que entra o preconceito.

P: Você admira alguém de forma particular... especial? Por quê?

S₁₂: Eu nunca tive motivos pra tô assim em vida... pra admirá uma pessoa então... eu não admirei ninguém... porque aos doze anos quando procurei o conselho tutelar... é:: pedi ajuda porque eu tinha acabado de largar o meu marido... aí minha família começou a me rejeitá ((a adolescente disse que pelo fato de ter ido ao conselho tutelar, a família não quis mais saber dela, por isso, passou a viver em abrigos))

P: Como você se vê? Por quê?

S₁₂: Ah::... assim... eu me vejo ninguém... não faço diferença... sei lá... bom... eu pedi até:: prô o juiz pra me deixá mais seis meses porque:: tô só... preciso de ajuda... resolvê meus problema.

P: Você tem regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₁₂: É... aqui a gente tem várias regras...a gente é:: tem hora pra tudo... hora pra fumá... hora pra chamá as dona... em primeru lugar o respeito... tem hora pra saí... horário de sol... é::... respeitá... cada uma respeitá a outra... cada uma por si... se tivê algum problema falá pras dona num levá em conta com as menina... é::... só.

Sujeito 13:

P: O que você acha sobre uso e venda de drogas?

S₁₃: Eu acho que pra quem usa num é bom né:: só pra quem vendi dá lucro... sai ganhando

P: Você acha certo esse tipo de venda?

S₁₃: Achou..

.

P: Você é reincidente?

S₁₃: É a terceira vez.

P: Conte um fato, um acontecimento que marcou tua vida?

S₁₃: Foi quando meu namorado foi preso sendo acusado de ter me estuprado pela minha mãe que num gostava dele ((a mãe da adolescente que o denunciou)) só que o fato é que ele num me estropô... eu gostava dele.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá o que você pode dizer sobre a justiça?

S₁₃: Qui ela:... tá errada porque pra namorá... pra casá num tem que ter idade se a pessoa gosta uma da outra... eu não obedeci a ordi do juiz que ele falô pra eu num saí à noite porque se não eu ia juntá com maloqueiro... ia... passá droga... e num era pra mim saí à noite por causa disso... e eu usava droga.

P: Certamente você ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₁₃: Ah::... eu não sei não... nunca ouvi falá dissu aí não.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₁₃: Uma droga.

P: Por que você acha uma droga?

S₁₃: Porque sim... sei lá:: não tem palavras.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₁₃: Tenhu medu de perdê a minha mãe... que apesar de tudo ela me trouxe ao mundo.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₁₃: Tenho uma vida péssima.

P: E aqui na UNEI?

S₁₃: Aqui::... está seno bom ficá um tempu aqui.... só que.... mesmu assim você dependi de todos pra tudo... então é horrível.

P: Como você deseja ser no futuro? Porquê?

S₁₃: Ah:: eu queru passá minhas droga sussegada... í mora pra São Paulu com minha mãe porque lá é uma cidade grande... lá tem mais movimentu do que essas cidades pequenas... ou senão no Rio de Janeiro.

P: Como você avalia os teus pais?

S₁₃: Ah:: pra mim... minha mãe é a pessoa mais importante da minha vida faria qualquer coisa pra salvar ela di.... di alguém.

P: E o teu pai?

S₁₃: Meu pai já morreu... quando eu era piveti.

P: Você admira alguém de forma particular... especial? Por quê?

S₁₃: Meu marido porque na hora que eu mais precisei ele sempre teve du meu ladu... nunca virou as costas pra mim.

P: Você está com ele a quanto tempo?

S₁₃: Dez meses eu achu que eu tô com ele.

P: Como você se vê?

S₁₃: Apesar de tudu que eu tô pensanu... aqui dentru... eu sou uma pessoa feliz... firmi e forti comu sempri... e só.

P: Vocês tem regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₁₃: ... respeitá as dona.... num respondê.... fazê:: serviciu... tarefas... num brigá esntre a gente... vários tipos de coisa... vixi::

Sujeito 14:

P: O que você acha sobre o uso ou venda de drogas?

S₁₄: ... deixa eu vê::... eu mesmu ...assim... da minha parte eu num sou usuária... nem vendia... eu num sou contra... mas também eu num sou a favor.

P: Você é reincidente?

S₁₄: Não.

P: Conte um fato... um acontecimento que marcou tua vida?

S₁₄: O dia que eu caí presa... que eu caí aqui na UNEI.

P: O dia que você?

S₁₄: Caí presa.

P: Pensando no motivo que a trouxe para cá... o que você pode dizer sobre a justiça?

S₁₄: Pra mim a justiça é boa e ruim... tem pessoas que precisam... sê punida e eles não puni e tem pessoas que não precisam sê punida... eles puni.

P: Você acha que você deveria ser punida?

S₁₄: oh::... na minha opinião deveria sim... foi um erru qui eu cometi e eu tenhu qui pagá por issu.

P: Certamente você ouviu falar em cidadania. O que significa ser cidadã para você?

S₁₄: Não sei respodê não.

P: O que você acha de nossa sociedade?

S₁₄: Pra mim ela é muito desigual... muito preconceituosa... muito injusta.

P: Do que você mais tem medo? Por quê?

S₁₄: Eu te::nho:: medo di:: chegá na minha cidade ((Foz-do-Iguaçu/PR)) e entrá nessa vida di novo...

P: Por que... onde você mora?

S₁₄: Eu moro numa boca de favela... e lá acontece de tudu.

P: Como você analisa... hoje... a tua vida?

S₁₄: Minha vida hoje é muito sofrida... caí na UNEI... sou muito maltratada... humilhada... e sofro muito por causa da minha família que estão longe de mim ()

P: Essa humilhação é por parte das colegas?

S₁₄: Das colegas... e... uns e outras pessoas também.

P: Como você deseja ser no futuro?

S₁₄: Eu desejo sê uma pessoa... tê uma vida digna... e sê feliz né::... estudá... trabalhá...

P: Como você avalia os teus pais?

S₁₄: ... bom admiru os dois quanto o pai e a mãe... e da parti deles... eles sempri me deram bons conselhu... sempri tentano o meu futuru... i::... se eu tivesse ouvido us conselhu deles eu num taria aqui hoje.

P: Você admira alguém de forma especial... particular? Por quê?

S₁₄: ...minha mãe... porque ela é ainda uma mulher muita batalhadora... é minha mãe né:: i::... ela me apóia... e na hora que precisa ela fala qui tá erradu... apóia eu em coisa boa... em coisa ruim não... ela me corrigi.

P: Como você se vê?

S₁₄: ... bom:: eu me vejo::... assim... um nada por tá aqui dentru... tô me veno um lixu... por ter feito issu... tá longi da minha família... i::... deixa eu vê... eu achu que é só issu.

P: Você tem regras a cumprir aqui? Quais são elas?

S₁₄: Aqui a gente num pode brigá... num pode respondê pras dona... num pode falá palavrão... tem que andá sempre na linha.

P: Porque se não o que acontece?

S₁₄: Porque... senão pega tranca aí::... vai pro juiz e atrasa o ladu né:: fica mais tempu aqui dentru.

Unidade Educacional de Internação *Estrela da Manhã*

Data: 13/ 01/2006

Tempo de gravação: 6 minutos

Pesquisadora: P

Diretora: D₁

P: D₁... o que se ensina aqui... quais as propostas dessa unidade você disse que é educar e reinserir na sociedade na questão do questionário... da pergunta do questionário número quatro. De que forma isso acontece? Dê exemplo.

D₁: ... Educar e inserir é:: tanto na... na... na educação escolar como também na:: no convívio social com a família com os demais integrantes da sociedade a... a:: adolescente aqui ela tem que:: aprendê que ela tem que:: saber conviver sem violência mas com::... cultura... lazer com outras coisas que não:: não as leve a cometerem outros atos infracionais.

P: Na questão número seis do questionário o que elas não gostam de fazer e porque... você disse que elas não gostam de aceitar as regras porque não tem conhecimento de limites... né? Por que elas não têm conhecimento de limites... por que você acha que elas não têm?

D₁: Porque geralmente o adolescente na família... a família nem sempre consegue... né? puxar as rédias e::... colocar esses limites que são necessários... e:: aqui na UNEI é nossa obrigação de::... mostrar de que forma o limite é importante na vida de cada um.

P: Quais são os limites que você se refere?

D₁: ... deixa eu pensar... como por exemplo ter horários a cumprir... aceitar um não como resposta... fazer bom uso da palavra... saber ser educada com as outras internas e funcionários... não fazer uso de gírias.

P: E quais são as regras?

D₁: ... as regras são mais ou menos é...é:: tá dentro desses limites que são impostos a elas né... que:: aqui elas têm horário pra... pra:: acordar... pra fazer a arrumação dos alojamentos... almoçar... lanche... jantar... tem horário da faxina... aula... né... então:: as regras estão dentro mais ou menos do... dos:: limites né... uma coisa leva a outra, né?

P: O que elas mais gostam de fazer e por que... você respondeu que são atividades físicas e de televisão... filmes em geral . Quais filmes elas vêem?

D₁: ... filmes... educativos... é:: shows em geral de duplas sertanejas... Kalipso é:: comédia...

P: Você acha que tem atitudes justas... coerente nas relações com as internas?

D₁: ... Sim... eu procuro sempre:: ter um bom contato:: é::... sempre estar conversando... perguntando quais os problemas é:: entre elas... individual e:: com os demais funcionários... então:: sempre procuro ter um bom contato para que a gente tenha sempre um bom relacionamento.

P: O que é educar e reintegrar na sociedade?

D₁: ... educar e reintegrar é:: justamente::... é saber que pra tudo tem limite né... que ela tem que... o adolescente ele tem que saber... que existe regras que eles tem deveres e direitos a cumprir.

Unidade Educacional de Internação *Esperança*

Data: 28/03/2006

Tempo de gravação: 8 minutos

Pesquisadora: P

Diretora: D₂

P: Você acha que tem atitudes justas... coerentes nas relações com as internas?

D₂: Sim... aqui nesta unidade eu tenho certeza que tem atitudes justas e coerentes devida a união da equipe que trabalha aqui do profissionalismo todas as nossas funcionárias são de nível superior a maioria são mães... a grande maioria... noventa por cento são mães e:: elas tem muito... muito carinho por essas meninas hoje elas entendem porque essas meninas estão aqui... não é devido a:: falha humana delas mas devido a falha humana da família que elas vem e esse problema depois de detectado toda a equipe abraça a causa tenta ajudar a adolescente... nunca houve uma Agressão nessa unidade que eu tenha conhecimento nem pelo ministério público nem o juiz tenha conhecimento nunca chegou até mim... nenhuma agressão a uma adolescente o que há é eventuais probleminhas entre elas e elas com a equipe

problema internos entre elas mas acho que qualquer casa tem inclusive com os filhos da gente mas eu acredito realmente que aqui é desenvolvido um trabalho humanístico mesmo de auto-estima e elevação da auto-estima delas.

P: O que é educar e reintegrar na sociedade?

D₂: Pra mim... e eu já falo em nome da equipe que nós já debatemos esse assunto não é a primeira vez que eu respondo isso.. educar é trazer a adolescente pra dentro da... tentar mostrar pra ela que dentro da unidade de internação ela pode tá vendo o mundo de outra forma como... valorizando quem tá do seu lado... a auto-estima sendo valorizada é:: mostrando que ela tem uma beleza não interessa se é no lábio se é no cabelo se é na:: na:: nos pés... ela tem uma beleza... ela tem uma beleza interior é um processo difícil... ms não é impossível... existem falhas ninguém é perfeito... nós temos muitas meninas que deram certo e muitas que deram errado...mas educar é trazer elas pra... pra vida mostrá que a vida não é fácil... falá a verdade pras pessoas e... tentá fazê com que elas façam justo lá fora... e fazer o justo às vezes não é agir com o coração e sim com a razão o que pra ela é muito difícil principalmente na questão financeira... e educar também é profissionalização... é chamar a atenção... é dá carinho.... é:: todo que uma mãe faz com o filho é educar e tudo que a escola... agente tá acompanhando a escola... a gente acompanha elas... chama atenção na hora que tem que chamá... faz carinho na hora que tem que fazê... dá bronca... isso é educar...mostrar que ela tem valor...

P: Quais as propostas desta unidade?

D₂: A proposta dessa unidade é a ressocialização... muitas das vezes não é nem a ressocialização... mas sim socialização...porque muitas vezes não tem nem uma noção do que é a sociedade o que é viver em grupo...mas a nossa proposta é a ressocialização... é:: inserindo no mercado de trabalho... na... na... dentro das escolas e:: se possível com a família o que geralmente não acontece... mas pelo menos é um caminho pra elas seguir

P: Por que não acontece geralmente com a família?

D₂: Porque muitas delas quando tem a família ou tem o pai ou tem a mãe... e:: quando tem o pai geralmente já foram agredidas ou abusadas sexualmente... quando tem a mãe são agredidas... é:: sofrem agressões... é:: físicas... sofrem agressões físicas então elas não querem retornar para casa ou quando não há agressão física a mãe é alcoólatra... dependente química... e:: falta alimentação... falta higiene dentro da casa enquanto aqui ela aprende uma certa higiene tanto com a... com a unidade em si quanto com o corpo e ao retornar para casa elas vê outra realidade falta uma geladeira... uma televisão... falta o alimento aonde é complicado você tá inserindo na sociedade novamente